



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA - UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – VRPPG
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Andréa Marília Alves de Oliveira

**EXPERIMENTAÇÕES DA SEXUALIDADE NA PRÁTICA DO SWING:
PROBLEMATIZANDO HETERO/CONJUGALIDADES NA CIDADE DE
FORTALEZA**

**EXPERIMENTATIONS OF SEXUALITY IN THE PRACTICE OF SWING:
PROBLEMATIZING HETERO/CONJUGALITIES IN THE CITY OF FORTALEZA**

Fortaleza
2014

ANDRÉA MARÍLIA ALVES DE OLIVEIRA

**EXPERIMENTAÇÕES DA SEXUALIDADE NA PRÁTICA DO SWING:
PROBLEMATIZANDO HETERO/CONJUGALIDADES NA CIDADE DE
FORTALEZA**

**EXPERIMENTATIONS OF SEXUALITY IN THE PRACTICE OF SWING:
PROBLEMATIZING HETERO/CONJUGALITIES IN THE CITY OF FORTALEZA**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Psicologia, Sociedade e Cultura.

Linha de Pesquisa: Produção e Expressão Sociocultural da Subjetividade.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Altair Pocahy

Fortaleza
2014

O48e Oliveira, Andréa Marília Alves de.
Experimentações da sexualidade na prática do swing: problematizando hetero/conjugualidades na cidade de Fortaleza = Experimentations of sexuality in the practice of swing: problematizing hetero/conjugalities in the city of Fortaleza / Andréa Marília Alves de Oliveira. - 2014.
146 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2014.
“Orientação: Prof. Dr. Fernando Altair Pocahy.”

1. Sexualidade. 2. Corpo. 3. Casais – Aspectos psicológicos. I. Pocahy, Fernando Altair. II. Título.

CDU 159.922.1

**EXPERIMENTAÇÕES DA SEXUALIDADE NA PRÁTICA DO SWING:
PROBLEMATIZANDO HETERO/CONJUGALIDADES NA CIDADE DE
FORTALEZA**

**EXPERIMENTATIONS OF SEXUALITY IN THE PRACTICE OF SWING:
PROBLEMATIZING HETERO/CONJUGALITIES IN THE CITY OF FORTALEZA**

Andréa Marília Alves de Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Fernando Altair Pocahy

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fernando Altair Pocahy (Orientador)
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Prof^a Dr^a Normanda Araújo de Moraes
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Prof^a Dr^a Karla Galvão Adrião
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por todas as conquistas, por todos os desafios, por todas as portas abertas e fechadas que encontrei pelo caminho. Todo o meu percurso, todas as minhas dificuldades e superações me possibilitaram (re)criar/destruir/(re)construir esta estrada incerta chamada vida.

Agradeço, especialmente, à minha família (pais, irmã, sobrinhas) que suportaram a minha ausência no dia-a-dia de convivência familiar, nos aniversários e encontros. Aos meus pais, por todo o amor e apoio; à minha amada sobrinha/filha Vitória, por ter tido que compreender tantas vezes que eu precisava estudar e que não podíamos estar juntas, como sempre costumávamos ficar; à minha amada sobrinha/filha Clara por ter tido a gentileza de suportar os meus cansaços e distâncias (obrigada WhatsApp!) e ao Gg por permanecer firme ao seu lado quando eu não pude estar; à minha irmã, por sua coragem para superar suas adversidades e inventar, todo dia, uma nova razão de ser. À todos vocês, o meu amor sincero e o meu muito obrigada!

À minha família – marido e filha – por serem minha base, meu porto, meu lar. À você Ivan, por nossa parceria nessa construção do mestrado (e daqui a pouco, doutorado!), por cuidar da nossa filha e “segurar as pontas” em nossa casa, por ouvir tantas vezes e repetidamente os meus lamentos, suportar as minhas lágrimas, dores (literalmente) e acalmar as minhas angústias. Por seu apoio incondicional ao meu tema de pesquisa. Esta dissertação não teria acontecido sem você! E a você, Sophia, minha filha, meu coração, que já me ensina os paradoxos da existência e que o importante não é uma vida perfeitamente ditada pelas normas, mas uma vida vivida com intensidade, verdade, parceria e coração puro. Amo você vinte e do tamanho do céu!

Ao meu orientador e meu exemplo de mestre, sempre com sua gentileza e humildade, nos ensinando um fazer docente mais prazeroso, mais próximo, mais implicado. Agradeço por ter me recebido – me adotado - após a minha jornada ter iniciado, por seus rápidos retornos, por toda a oportunidade compartilhada, por fazer do nosso laboratório um lugar de produção, mas sem perder a alegria do trabalho em conjunto.

Aos meus super amigos, Cesar Nascimento e Francisco Anderson, por toda a ajuda sempre certa (Cesar desde minha graduação!), por todas as brincadeiras, os sorrisos – que não foram poucos -, por toda a confiança, por me aguentarem todos os dias, pelos cafés, pela música (que saíamos a desenterrar das antigas) e pela dança nos nossos breves momentos de descontração. Construir essa dissertação foi, com certeza, mais prazeroso com vocês. Ao

Cesar por também me ajudar nesta pesquisa me apresentando interlocutores e se empenhando para que meu trabalho de campo desse certo! Você é dez!

À professora Dra. Tereza Gláucia, por todo o apoio e disponibilidade, por me deixar ficar no PPG até mais tarde, por todo o conhecimento compartilhado, pelas conversas informais sobre cafés e família.

Aos que compõe o Programa de Pós-Graduação da Universidade de Fortaleza, em especial, o professor Dr. Clerton Martins por todas as orientações gerais ao longo dos meus anos como estudante (graduação e pós-graduação) e pelas puxadas de orelha sempre tão sinceras e bem vindas; à professora Dra. Silvia Cavalcante por toda a ajuda para esta dissertação, por nossas conversas nos corredores e pelos sorrisos compartilhados! O meu muito obrigada!

Aos meus companheiros de mestrado, por todas as angústias e aventuras, pelas leituras e ideias compartilhadas, por tornar o trabalho em equipe mais leve e fluido, por todas as nossas risadas e companheirismo. Trabalhar com vocês foi um verdadeiro prazer! Agradeço em especial à Juliana Fernandes, Magno César e Francinete Júnior por todo o apoio e incentivo recebido, principalmente, nos momentos em que precisei estar ausente.

Agradeço a todos e todas que fazem parte do Laboratório Multiversos e grupo de estudos feministas, que estiveram firmes comigo suportando o lugar desta pesquisa, me apoiando, incentivando, me brindando com sorrisos e abraços! Em especial agradeço a Amanda Assis, à Emanuel Fraga, à Natalia Trompieri, a Emanuel Martins/Lola Green e Jônatas Mota por todo o suporte e amizade!

Agradeço, em especial, à minha amiga Kátia Couto, que esteve comigo em cada momento dessa jornada, compartilhando mais que leituras e produções, mas contribuindo em todo o processo. Obrigada pelo incentivo, pela torcida, pelos conselhos e pela amizade! Torço muito por você!

Ao meu amigo Felipe Ferreira (sem você o trabalho de campo não teria sido o mesmo!) que foi o meu parceiro em campo indo comigo para o clube de *swing*, me acompanhando e contribuindo nas entrevistas, me indicando pessoas para conversar, propondo novas ideias para esta pesquisa (e para as do doutorado também). Obrigada pela amizade, pelas noites em claro comigo, pelos sanduíches no meio do caminho, por seu interesse sincero em me ajudar! Esta pesquisa também não teria acontecido sem você!

Às minhas amigas Rochelle Arruda e Clarissa Freitas por tantos momentos juntas, pela companhia nos momentos solitários de estudo – mesmo em nossas “salinhas” estávamos cuidando umas das outras -, por nossas conversas, nossos desabafos, nossas alegrias e por

termos nos mantido unidas mesmo em laboratórios e áreas diferentes. Desejo a vocês sucesso nessa jornada e também que sigamos amigas para além do mestrado!

Agradeço às professoras Dra. Normanda Araújo e Karla Galvão por terem aceitado participar do meu processo de mestrado, contribuindo com valiosas intervenções neste projeto, enriquecendo sobremaneira os meus estudos. Obrigada por toda a gentileza, cuidado e preciosas observações! Obrigada pela disponibilidade!

Aos “meus casais” – Simone e Jean, Leila e Ruy, Anaïs e Henry - que se disponibilizaram a compartilhar comigo assuntos tão íntimos e de forma tão natural e sincera. Agradeço, especialmente, à Anaïs e Henry (nomes fictícios) por me indicarem outro casal, por disponibilizarem sua casa para nossa entrevista, pelos sorrisos, pelo almoço, pelos *hot dogs* e pasta de maionese, por terem me permitido entrar e observar o mundo do *swing*. Desejo estar contribuindo para uma vida mais justa no sentido de que todos possam viver de acordo com suas escolhas sem temerem violências e preconceitos.

Agradeço à Unifor por nos dar a oportunidade de expandirmos os nossos conhecimentos e capacidades, bem como pelo apoio a esta pesquisa.

Por fim, agradeço à CAPES/PRODAD pelo financiamento dessa pesquisa através do Programa de Desenvolvimento e Aperfeiçoamento Docente (Prodad). Em especial, agradeço à professora Ana Paula Abdon por sua disponibilidade e zelo por todos nós, bolsistas, durante todo esse primeiro ano de programa.

Pensando bem: talvez o tempo de que disponho pareça curto demais não por minha idade avançada, mas porque, quanto mais velho você é, mais sabe que os pensamentos, embora possam parecer grandiosos, jamais serão grandes o suficiente para abarcar a generosa prodigalidade da experiência humana, muito menos para explicá-la. O que sabemos, o que desejamos saber, o que lutamos para saber, o que devemos tentar saber sobre amor ou rejeição, estar só ou acompanhado e morrer acompanhado ou só – será que tudo isso poderia ser alinhado, ordenado, adequado aos padrões de coerência, coesão e completude estabelecidos para assuntos de menor grandeza? Talvez sim – quer dizer, na infinitude do tempo. Não é verdade que, quando se diz tudo sobre os principais temas da vida humana, as coisas mais importantes continuam por dizer?

(Zygmunt Bauman, 2004)

RESUMO

Este trabalho busca compreender as experimentações da (hetero)sexualidade e sua relação com performatividade(s) de gênero em praticantes do *swing*. Com o objetivo de compreender as (hetero)conjugalidades contemporâneas, o trabalho problematiza arranjos conjugais que apontam para o tensionamento das formas socialmente instituídas de experimentação da sexualidade. A investigação acompanha os fluxos discursivos que se articulam (em)/na ordem de/(na) manutenção das heteronormas, especialmente em seu caráter prescritivo moral que tem como privilégio a monogamia. O estudo parte de evidências regulatórias sobre a heteronormatividade como prática cultural e política, evidenciando a produção de formas de contestação e/ou assujeitamento moral a partir de agenciamentos coletivos de práticas sexuais alocadas no contexto da troca de casais. A pesquisa está teórico-metodologicamente articulada aos estudos de gênero e sexualidade em perspectiva pós-estruturalista, na interface dos estudos culturais e feministas que dialogam com as teorizações foucaultianas. Os procedimentos do trabalho de campo têm inspiração etnográfica, tendo em vista uma melhor compreensão das relações sociais e culturais envolvendo as significações dos sujeitos - três casais praticantes do *swing* na cidade de Fortaleza. As estratégias de análise privilegiam o modo discursivo-desconstrucionista seguindo no rastro da análise de discurso foucaultiana. Temos como campo empírico amplo uma casa na qual são ofertadas festas para encontros de casais *swingers*, bem como comunidades virtuais e *blogs* de internet. Procuramos estabelecer interlocuções teórico-metodológicas pós-críticas para um melhor entendimento de nosso objeto de estudo: as experimentações da sexualidade e suas performatividades de gênero. Levantamos questões sobre as expectativas da sociedade em relação aos papéis sexuais possíveis e adequados, bem como problematizamos as normas de gênero onde os conceitos de feminino/masculino estão ligados a estereótipos. Refletimos sobre a classificação das práticas sexuais, que normatizam os prazeres dos casais e relacionam a diversidade das experimentações da sexualidade como patologias integrando-as às mais diversas perturbações do instinto e da boa moral. Também procuramos discutir sobre o modelo de conjugabilidade monogâmica. Por fim, analisamos as exigências recíprocas dos casais contemporâneos por lealdade e franqueza, nas quais se situam os casais *swingers* que desafiam e subvertem a norma regulatória da monogamia sexual e praticam a separação entre sexo e amor. Através da análise de discurso foucaultiana, foi possível identificar que os discursos heteronormativos, ao mesmo tempo em que são contestados, organizam essa prática. A prática do *swing* sugere um maior investimento em relação à qualidade das relações amorosas-eróticas conjugais contemporâneas, muito embora os códigos morais e o ideal de amor romântico ainda possam ser observados na vida desses casais. Estes intentam realizar parcerias nas quais a separação entre sexo e amor possa dar sentido a uma existência conjugal comum e individual.

Palavras-chave: conjugalidades; gênero; sexualidade; *swing*; troca de casais.

ABSTRACT

This research aims at understanding the experimentations of (hetero)sexuality and its relationship to performativities of gender in those who engage in *swing* practices. In order to understand contemporary (hetero)conjugalities, this research problematizes conjugal arrangements that imply the tensioning of socially constructed forms of sexuality experimentations. The research follows the discursive flows that articulate in order to maintain heteronorms, specially its moral prescriptive character that privileges monogamy. The study is based on regulatory evidences about heteronormativity as a cultural and political practice, evidencing the production of forms of contestation and/or moral subjection based on collective agencings of sexual practices happening in the context of swing practices. The research has a theoretical and methodological base related to gender and sexuality studies in a post-structuralist perspective, in the interface of cultural and feminist studies that have a dialogue with Foucault's theorizations. The methodology of the field work has an ethnographic inspiration, so as to have a better understanding of the social and cultural relations involving the significations of the subjects – three couples practicing *swing* in the city of Fortaleza. The strategies of analysis privilege the discursive-deconstructionist way based on Foucault's discourse analysis. As empirical field we have a house in which there are parties promoting encounters of couples engaged in swinging, as well as virtual communities and internet blogs. We tried to establish post-critical theoretical-methodological interlocutions for a better understanding of our study object: the experimentations of sexuality and its performativities of gender. We raised questions about the expectations of society concerning possible and proper sexual roles, and we also problematized gender norms in which the concepts of feminine/masculine are linked to stereotypes. We reflected about the classification of sexual practices that regulate the pleasures of couples and link the diversity of sexuality experimentations to pathologies integrating them into the more diverse disorders of instinct and good moral. We also tried to discuss the model of monogamous conjugality. At the end, we analyzed the mutual demands of contemporary couples for loyalty and sincerity in which we find the couples practicing swing that defy and subvert the norm that regulates sexual monogamy and the couples that practice the separation between sex and love. Through Foucault's discourse analysis, it was possible to identify that the heteronormative discourses organize this practice but, at the same time, those discourses are contested. The practice of swing suggests a greater investment concerning the quality of contemporary love and erotical conjugal relationships, although the moral codes and the ideal of romantic love can still be found in the lives of these couples. These couples intend to make partnerships in which the separation between sex and love can give a meaning to a common and individual conjugal existence.

Keywords: conjugalities; gender; sexuality; *swing*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1.1 No <i>swing</i> de uma pesquisa	11
1.2 Implicações e te(n)sões na delimitação do tema	14
1.3 Apresentação da Dissertação	17
CAPÍTULO 1. PROBLEMATIZANDO GÊNERO, CORPO E SEXUALIDADE NA CAMA DAS HETEROCONJUGALIDADES	19
1.1 O corpo em disputa: marcas de poder-saber.....	19
1.2 Problemas de/no gênero: olhares discursivo-desconstrucionistas	21
1.2.1 Masculinidades e feminilidades.....	26
1.3 A sexualidade entre os lençóis heteronormativos.....	33
1.4 As heteroconjugalidades e o enunciado da (in)fidelidades	37
CAPÍTULO 2. O SWING: (DES)FAZENDO O GÊNERO DO CASAL?.....	51
2.1 Um passeio pela “invenção” do <i>swing</i>	51
2.2 Casamentos e conjugalidades	55
2.2.1 Separando sexo e amor nas conjugalidades?.....	58
2.3 O lugar da/na pesquisa: intersecções entre gênero, sexualidade e localidade	61
CAPÍTULO 3. MEANDROS DO MÉTODO.....	65
3.1 Pesquisar na/com intimidade	68
3.2 Caminhos investigativos.....	69
3.3 A produção dos dados	72
3.4 Sobre as interlocutoras e os interlocutores	72
3.5 Procedimentos de análise.....	73
3.6 Princípios éticos.....	74
CAPÍTULO 4. CASAIS SWINGERS.....	76
4.1 Primeiras inserções em campo	77
4.2 A casa	82
4.3 Anaís e Henry	84

4.3.1 Conjugalidade.....	84
4.3.2 <i>Swing</i>	88
4.3.3 Ciúmes.....	91
4.3.4 Questões de gênero e (bis)sexualidade.....	95
4.4 Simone e Jean.....	98
4.4.1 Conjugalidade e <i>swing</i>	98
4.4.2 Questões de gênero.....	104
4.4.3 Real <i>swing</i>	107
4.5 Leila e Ruy.....	110
4.5.1 <i>Swing</i> e heteronormatividade.....	112
CAPÍTULO 5. ARTICULANDO UM SWING DISCURSIVO ENTRE CASAIS	116
5.1 Entre o público e o privado.....	116
5.2 <i>Swing</i> , grupos e amizades.....	118
5.3 O olhar estrábico do desejo: ligações perigosas.....	123
TRANSANDO CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	130
ANEXOS	136

1. INTRODUÇÃO

1.1 No *swing* de uma pesquisa

Prazer/Fruição: terminologicamente isso ainda vacila, tropeço, confundo-me. De toda maneira, haverá sempre uma margem de indecisão: a distinção não será origem de classificações seguras, o paradigma rangerá, o sentido será precário, revogável, o discurso será incompleto. (Barthes, 2006, p.8)

Este estudo analisa experimentações da sexualidade a partir da (com)posição de (hetero)conjugalidades contemporâneas – nordestinas e urbanas. Acompanhamos em aproximações com interlocutores/as praticantes do *swing* as te(n)sões e os prazeres entre os códigos morais estabelecidos na definição das heteroconjugalidades hegemônicas. Ocupamos assim em compreender os fluxos discursivos de uma política de subjetivação e estamos interessados/as em compreender os efeitos dos discursos heteronormativos nas (re)invenções do erotismo e do desejo nas conjugalidades heterossexuais. Nossa mirada se dirige aos movimentos de casais cujas experimentações seguem em negociação entre a contestação/dissidência e a reverberação das normas na composição de uma prática erótica-sexual.

Para isto, adentramos nos territórios de experimentação do *swing*, uma prática que envolve relações sexuais ditas ‘fora’ do relacionamento (do contexto doméstico). Fora-dentro: uma prática que se constitui mediante o consentimento das partes envolvidas e nesta composição parceiros/as experimentam arranjos eróticos em construção, podendo configurar trios, casal com casal, composições eróticas e sexuais em grupo, troca ou não de parceiros/as. No plano destas experimentações, é possível que o casal circule de modo a compor cenas individuais, em que os dois cônjuges não precisam necessariamente estar presentes.

Nesta (in)definição do *swing* temos apenas a certeza de que a sua configuração e ‘caracterizações’ estão por vir, através das interlocuções que estabeleceremos no encontro com esses territórios do desejo e desde suas arrumações eróticas, suas invenções, seus códigos, seus protocolos e seus prazeres. Observamos em nossa revisão da literatura que não existe consenso quanto àquilo que define o *swing*. O que pode significar uma positividade da experiência, cujos códigos que a estabelecem são compostos por contingências socioculturais singulares e locais.

Nossa posição (assumindo que nossa pesquisa é politicamente interessada) parte do pressuposto de que as disputas em torno da sexualidade e do gênero na contemporaneidade

brasileira são marcadas por variadas tensões e transformações sociais. Deste modo, noções de prazer, erotismo e desejo se deslocam diante das moralidades religiosas, familiares ou científico-normativas em um *swing* de (re)significações e no agenciamento de inusitados devires (bem que o devir nos parece sempre algo marcado pelo novo e se existe alguma repetição nas experiências, podemos considera-las como sempre marcadas pelo novo, isto é, o que se repete, quando se repete, é o novo).

Estamos convencida/o de que os novos (des)arranjos da vida pós-moderna abrem possibilidades de rebeliões nas/das subjetividades, desarrumando mornas e monótonas maneiras de nos pensarmos e de percebermos aos/às outros/as. Rebeliões do devir, revoltas em devir, invasões bárbaras do desejo de não mais aquilo tudo. Talvez isso. Transas do desejo que atormentam as formas enrijecidas, fossilizadas e docilizadas de representar o corpo e seus prazeres (ou de experimentar o corpo e seus prazeres na interpelação das representações – das marcas do poder que se materializam). Transformações que avançam lentamente e de forma desigual nas diferentes culturas, envolvendo muitas incertezas e conflitos. (Giddens, 1993) Fluxos de prazer se entrecruzam, são torcidos, desmancham-se e fronteiras são instituídas ao mesmo instante em que outras são borradas ou novos currais subjetivos se definem, novas normatividades emergem. Nesta te(n)são, há quem viva nas fronteiras (Louro, 2004).

(Des)encontramo-nos em um contexto transcontemporâneo (Braidotti, 2004) que se apresenta povoado por diferentes modos de viver o desejo e a sexualidade, de fazer par, trio, N configurações (im)possíveis – multifacetadas, diversas, coexistentes, inconsistentes, provisórias, ruidosas, silenciosas, perturbadoras, nômades, dissidentes. Já não dormimos tão facilmente com as certezas. Algumas vezes insones (para alguns/algumas uma situação literalmente remediável), com os movimentos de contestação aos apegos das normas de gênero e dos modelos relacionais que destas formas derivam ou nelas se (re)produzem.

Entre os fluxos de continuidades e discontinuidades sobre as formas de compor casal, conjugalidades se des/arranjam em negociações “clandestinas”. Se a maioria das pessoas ainda faz par romântico, outras inventam modos singulares de experimentar as relações de parceria erótica e sentimental. É desde estes esconderijos do desejo por onde buscamos compreender o que faz e o que não faz mais sentido nos modos de tecer e de entristecer as hetero/conjugalidades. Nossa etnografia se dá nas margens da sexualidade e, talvez, nas formas de (des)fazer o gênero em/do casal.

Investigar, portanto, esses diferentes arranjos conjugais, buscando uma compreensão outra dos vários modos de engendrar parcerias conjugais e “extraconjugais”, nos permite uma compreensão sobre os dispositivos que cercam a experiência do viver a sexualidade e o

erotismo em casal e de conhecer mais de perto os dilemas e as (re)invenções na experiência política e cultural das heterossexualidades (contestadas).

Como afirmou Didier Eribon (1999), referindo-se aos movimentos políticos da mobilização homossexual (ampliamos o argumento do autor para as mobilizações LGBT e *queer*) que colocou e coloca em questão não só a ordem sexual e social instituída, mas também a epistemologia do mundo contemporâneo, uma transformação cultural e social que poderia se dirigir igualmente aos heterossexuais asfixiados pelas coleiras da normalidade. É neste desafio por onde nos instalamos.

Buscamos aproximações de análise – entradas de problematização (Pocahy, 2012) – desde a interlocução com alguns/algumas praticantes de *swing*. Através de algumas conversas com estes/estas interlocutores/ras, buscamos mapear convergências e dilemas entre velhos e novos modelos conjugais presentes na contemporaneidade nordestina.

Interessa-nos acompanhar os “*swings*” dos discursos que se entrelaçam às ressignificações das hetero/conjugalidades e, na esteira desta aposta, acompanhar possíveis mudanças nos modos de viver/fazer conjugalidade, na interseção com os discursos generificadores, racializadores e de classe social. O espaço-tempo dos primeiros movimentos desta etnografia se definiram na cidade de Fortaleza e nossa inserção em campo – frequentando locais, conversando com os casais - inicia-se a partir de contatos entre pessoas conhecidas, o que já nos indica que a prática frequenta as relações sociais e os seus praticantes não são tão anônimos como se pressupõe.

Nesta etnografia das conjugalidades no/do *swing*, acompanhamos fluxos discursivos que entram em negociação e/ou assumem novas formas de assujeitamento aos códigos da heteronormatividade – compreendida nos termos de Louro (2009, 2004), Pocahy (2012) e Pocahy & Nardi (2007), enquanto um regime político arbitrário que consiste em determinar práticas e condutas normativas nas formas de performar o gênero e de experimentar a sexualidade.

Compreendemos que a heteronormatividade tem por base a compulsoriedade da heterossexualidade em seu caráter de suposta evidência, isto é, pressupõe um mundo heterossexual em seus privilégios sociais, dado seu caráter de algo natural e inquestionável a partir da linha de uma inteligibilidade amalgamada em corpo/sexo-gênero-sexualidade/prazer/desejo. (Pocahy, 2012).

A prática do *swing* a partir das experimentações destes casais transa com que verdades? Dorme com que norma? Flerta com que disposições prescritivas? O que esta prática nos permitiria em termos de conjecturas sobre as heteroconjugalidades contemporâneas?

1.2 Implicações e te(n)sões na delimitação do tema

Na minha graduação¹, quando iniciei a vida de pesquisadora voluntária, ingressei em um laboratório que estudava as relações complexas de famílias e casais, uma vez que essas temáticas sempre me inquietaram. Nos meus primeiros trabalhos de iniciação científica estudei o binômio mãe-bebê, o que me levou a refletir sobre as relações entre pai-bebê / pai-mãe e, conseqüentemente, entre a relação homem-mulher, conforme as lentes pedagógicas de certa psicologia que pressupõe desde sempre o parentesco como heterossexual.

Importante ressaltar que essa relação já apontava para elementos de uma pedagogia heteronormativa, tendo em vista que traz consigo formas reguladoras dos modos que evidenciam a performatividade de gênero e modos prescritivos de experimentar a sexualidade. (Butler, 2003; Louro, 2009; Pocahy & Nardi, 2007 & Pocahy, 2012) Interessava-me pensar sobre como as questões conjugais poderiam afetar a vida dos filhos, em especial, dos bebês, e intrigava-me conhecer quais problemáticas eram as mais recorrentes nas relações afetivo-sexuais.

Diante desses questionamentos, escolhi como temática de minha monografia de conclusão de curso, falar sobre as questões de (in)fidelidade nas conjugalidades heterossexuais, uma vez que, de acordo com minhas leituras sobre casais, os temas monogamia/adultério se apresentavam como problemas recorrentes na produção do sofrimento psíquico. Era intrigante pensar a nossa sociedade contemporânea mais sexualmente livre ao mesmo tempo em que a fidelidade e a monogamia continuavam a ser valores desejados pela maioria dos casais, inclusive pelas partes infiéis. (Goldenberg, 2009)

Nos meus levantamentos bibliográficos, me deparei com a temática da troca de casais - também denominada *swing* - que tenciona as formas instituídas e hegemônicas que determinam/prescrevem sobre a experiência da sexualidade nas suas expressões de amor, casamento e monogamia. Os casais que praticam o *swing* desafiam os votos matrimoniais e os pilares da monogamia conjugal. (Weid, 2010; Bértolo, 2009).

Uma dificuldade para seguir com esse estudo foi a minha inserção nos grupos de casais praticantes de *swing*, uma vez que eu não conhecia um local específico onde esta prática poderia se dar na cidade de Fortaleza. Através da técnica de *snowball*² ou bola-de-

¹ Este trabalho é escrito predominantemente em primeira pessoa do plural. No entanto, algumas passagens serão escritas em primeira pessoa do singular, especialmente aquelas que dizem respeito aos desafios em se narrar uma experiência particular no plural. Este trabalho reflete uma coautoria que acolhe na sua feitura posições singulares e cuja experiência pessoal se torna mais produtiva em primeira pessoa do singular.

² *Snowball*: também conhecido como bola de neve é uma forma de amostra não probabilística na qual os interlocutores de um estudo indicam outros e assim sucessivamente.

neve, fui indicada por um amigo a um casal que se disponibilizou a participar desta pesquisa e me indicar outros casais. Desse modo, comecei a interagir inicialmente com os casais através do *Skype* – programa para uso livre que permite comunicação via internet (vídeo/chat/conversas telefônicas) - fazendo as primeiras aproximações com o campo.

Na atualidade, mesmo depois da chamada revolução sexual, a sexualidade não é tão abordada do ponto de vista das interdições morais, uma vez que a racionalidade atual tem como pressupostos a liberdade e a autonomia individual. Heilborn (2004) afirma que o casal moderno está em consonância com os valores do individualismo, ordenando-se internamente por um princípio de igualdade, rejeitando diferenças entre os gêneros. Então, como a fidelidade continuava, mesmo a despeito de tantos avanços e mudanças de paradigmas, sendo um dos problemas que ainda provocava tantos tensionamentos e desconfortos para as conjugalidades? – essa, à época da minha graduação, era a minha principal questão.

Estes questionamentos me levaram a desejar aprofundar essa temática no mestrado, onde também pude expandir meu olhar para as questões de gênero que permeiam as relações conjugais e que também podem nos ajudar a pensar sobre as (in)fidelidades, violências, preconceitos, bem como para as construções dos discursos sobre o amor romântico que possibilitam ideais dificilmente alcançáveis.

Criada em um mundo machista, muitas vezes ouvi de pessoas próximas que eu era uma feminista, especialmente, em ocasiões onde eu experimentava claramente o preconceito pelas mais variadas situações: quais fossem um filme onde mulheres eram estigmatizadas por serem independentes demais, ou por defender a ideia de que o prazer deveria poder ser exercido livremente por todas as pessoas e, fundamentalmente, no meu mestrado onde incontáveis vezes escuto: “Mas agora você foi longe demais, não é?”.

Goldenberg (2004) fala que a escolha de um tema estigmatizado pode estigmatizar o pesquisador. Confirmo essa afirmação tendo em vista os mais variados comentários carregados de um preconceito velado, ou risadas quando sou chamada de “a menina do *swing*”, ou quando sou interrogada a respeito do meu interesse de pesquisa estar relacionado à minha vontade de ser praticante de *swing*. Tais fatos provocam em mim uma interpelação pelo desafio de provocar discussões que nos levem a rever nossos posicionamentos de tratar como menores questões relacionadas à sexualidade.

No universo acadêmico e na minha vida pessoal, observei que pesquisar casais *swingers* instiga reações de interesse, preconceitos e, muitas vezes, preocupação. Muitos se dispuseram em ir comigo a uma casa de *swing* alegando curiosidade. Algo que sempre desejaram fazer, suponho, mas, por imposição social do politicamente incorreto para pessoas

de bem, nunca realizaram. Alguns viram na minha pesquisa uma autorização social para essa realização pessoal de conhecer uma espécie de “submundo” sexual.

Não posso dizer, no entanto, que senti desconforto em falar do meu tema de pesquisa. Tive total apoio da minha família, e meu marido foi o meu principal colaborador, cuidando da nossa bebê para que eu pudesse ir à *boite* para realizar a minha pesquisa de campo. Fato que causou muita estranheza a algumas pessoas. Interessante que, inclusive os casais *swingers* me interpelavam com certo espanto pela minha ousadia: “Mas teu marido sabe?” ou “E ele fica com a nenê para você ir à *boite*?”.

Minha aposta em ir a campo se deu pela necessidade que senti de perceber *in loco* como os casais se movimentam dentro das regras que cercam a prática do *swing*. E desde a escolha da roupa, qual o comportamento ideal da pesquisadora no local, como deveria me movimentar na casa, contribuíram sobremaneira para a minha apropriação acerca da realidade da prática, muito embora eu fale de um lugar da observação e, portanto, limitado.

Esta pesquisa tem como objetivo geral problematizar as experimentações da sexualidade de casais praticantes de *swing* na relação com os códigos morais e estabelecidos das hetero/conjugualidades hegemônicas, tendo em vista compreender os efeitos dos discursos heteronormativos através de práticas eróticas conjugais (se em contestação ou reverberação das normas). Buscamos tensionar o enunciado da infidelidade como um dos elementos produtivos na constituição das conjugualidades modernas através de um olhar sobre as representações e práticas que se articulam no contexto da “troca” de/entre/com casais.

Como os discursos são vivenciados, negociados, contestados e percebidos e como os casais transitam dentro desses perfis amorosos? Quais as peculiaridades, convergências e dilemas entre velhos e novos modelos conjugais presentes na sociedade contemporânea? Quais são os limites da prática no plano das normas de gênero e das prescrições da sexualidade? De que forma os discursos da heteronormatividade organizam ou são contestados nestas experimentações e quais os efeitos destas práticas nos cotidianos familiares e nas formas de fazer casal e família destes praticantes?

Nesta prática, as mulheres se mantêm subordinadas aos homens? Como as mulheres se posicionam, vivenciam e significam a prática *swinger* nas suas conjugualidades, uma vez que os códigos morais e de amor romântico tem marcado os corpos e as subjetividades das feminilidades, de forma a oferecer-lhes a inteligibilidade social de seus corpos e subjetividades generificadas? Há brechas na hierarquia das masculinidades? Como se dá a separação entre amor e sexo?

Quais pedagogias de gênero e sexualidade são acionadas na produção discursiva da conjugalidade *swinger*? Esta incorpora ou não os princípios democráticos nas conjugalidades contemporâneas, quais sejam: vivências mais igualitárias dos desejos, sonhos e fantasias? Afirmam novos modelos ou reificam os já conhecidos?

Como primeiro objetivo específico, este estudo buscará mapear as representações de conjugalidades em sua relação com o exercício da sexualidade no *swing*, tendo em vista identificar os enunciados que dão suporte às narrativas dos casais *swingers* como elementos constitutivos das ressignificações das heteroconjugalidades. Após compreendermos as representações de conjugalidades dos casais *swingers*, este estudo terá como segundo objetivo específico identificar e relacionar as representações de gênero e sexualidade presentes no contexto *swinger*. Por fim, como terceiro objetivo específico, esta pesquisa buscará analisar o que a prática do *swing* pode, ou não, sugerir sobre as conjugalidades contemporâneas.

Através da análise de discurso produzidas nas experimentações dos casais *swingers*, a pesquisa busca compreender as mudanças e as permanências das normas da conjugalidade na sociedade contemporânea, procurando pensar quais as contribuições da prática do *swing* para a ampliação das discursões sobre os modos de viver e produzir prazer e erotismo em casal nas conjugalidades contemporâneas cearenses. Compreender como se comportam e relacionam os casais *swingers* nos possibilita a ampliação do nosso olhar, bem como das nossas concepções sobre várias questões, quais sejam: a democracia sexual, a pluralidade de significações e experimentações da sexualidade, os tensionamentos das normas de gênero, o heterossexismo³ e a heteroconjugalidade⁴ compulsória, as heteronormas, dentre outras.

1.3 Apresentação da Dissertação

O **Capítulo 1** tem como escopo problematizar corpo, gênero e sexualidade no âmbito das conjugalidades heterossexuais, numa perspectiva discursivo-desconstrucionista discutindo as masculinidades e feminilidades como relações socialmente construídas, e não, naturalizadas.

O **Capítulo 2** pretende uma apresentação da temática do *swing*. Buscaremos fazer uma revisão bibliográfica sobre o tema em questão, com o objetivo de maior inteligibilidade ao fenômeno estudado. Também procuramos historicizar as conjugalidades tendo em vista

³ Heterossexismo: atitudes de preconceito, discriminação, estigmatização contra toda forma de vivência da sexualidade que não seja a heterossexual. Tem como princípio a suposição de que todas as pessoas são heterossexuais e de que a heterossexualidade é superior do que as outras orientações sexuais.

⁴ Heteroconjugalidades: formações de vínculos conjugais entre casais de sexos diferentes (homem/mulher).

acompanhar algumas mudanças ao longo da História, buscando problematizarmos a separação entre amor e sexo para os casais praticantes de swing.

No **capítulo 3** apresentamos o método da investigação e seus desdobramentos. Descrevo sobre as escolhas metodológicas, dando especial atenção à etnografia, aos instrumentos utilizados para a coleta dos dados, bem como aos procedimentos para as análises e os aspectos éticos.

O **capítulo 4** tem por objetivo apresentar os casais participantes desta pesquisa bem como os resultados elencados na análise dos discursos. Optamos por criar entradas de problematização referentes aos enunciados mais recorrentes nas narrativas dos nossos casais interlocutores em vistas de uma melhor compreensão das temáticas que mais emergiram nas entrevistas.

No **capítulo 5**, buscamos articular um *swing* discursivo entre os casais interlocutores da pesquisa, tendo em vista dar foco ao que emergiu em aproximações entre suas narrativas. Apresento as considerações finais tendo em vista fazer as devidas correlações com os objetivos propostos nesta dissertação apontando possíveis desdobramentos e brechas.

CAPÍTULO 1. PROBLEMATIZANDO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA CAMA DAS HETEROCONJUGALIDADES

1.1 O corpo em disputa: marcas de poder-saber

Nos séculos XVII e XVIII, o corpo surgiu como fonte de conhecimento do eu, contrastando com as noções teológicas anteriores e mudando as formas de compreensão da identidade. No século XVIII, mais especificamente, o corpo passou a ser usado como recurso para atestar a natureza diferenciada dos indivíduos (Nicholson, 1999). Nesse contexto, surgiu a emergência da ideia de raça, empregado primeiramente como forma de categorização dos seres humanos. Tais distinções, portanto, começaram a aparecer de modo autoritário sendo utilizado, inclusive, como justificativa para a escravidão.

No Brasil, Priore (2011) relata que, no período colonial, quando da chegada dos portugueses, os corpos indígenas eram nus, revestidos de inocência e naturalidade pelos habitantes da colônia. No entanto, a preocupação dos europeus com as vestimentas em terras de corpos nus aproximava-se com a proposta europeia em termos de relações sociais e étnicas. Neste sentido, as vestimentas e higiene passaram a se configurar como de fundamental importância, tendo em vista o status social advindo através das “portabilidades” destes corpos. Os discursos da saúde, da medicina e do erotismo possibilitaram uma organização em termos do normal e anormal promovendo exclusões e preconceitos que perduram até a contemporaneidade.

A ciência do século XIX classificou e analisou o corpo visando torna-lo útil e produtivo. Em nome da saúde e do bem-estar dos sujeitos diferentes métodos disciplinares buscaram modelá-lo, classificar as suas paixões e definir os desvios sexuais, compondo um conjunto de práticas e saberes voltado para a educação dos gestos e a devida correção do corpo que, nesta pesquisa, é pensado como uma produção cultural e histórica que porta diversas marcas de acordo com seu tempo e lugar. Estamos falando de um corpo provisório, mutável, suscetível a inúmeras transformações e intervenções, regido por códigos morais/científicos. Pensar desta forma nos leva a romper com olhares naturalizados e essencialistas, que buscam observá-lo, explicá-lo, classifica-lo e trata-lo (Goellner, 2003).

Foucault (1984) afirma o corpo como uma realidade bio-política atravessado por um poder disciplinar que tem como escopo produzir subjetividades através de seus discursos e práticas sociais – trata-se nestes termos da normalização da vida através do corpo. De tal sorte que é importante problematiza-lo, estranhá-lo e colocá-lo em questão (Goellner, 2003).

Percorrer histórias, procurar mediações entre passado e presente, identificar vestígios e rupturas, alargar olhares, desconstruir representações, desnaturalizar o corpo de forma a evidenciar os diferentes discursos que foram e são cultivados, em diferentes espaços e tempos, é imperativo para que compreendamos o que hoje é designado como sendo um corpo desejável e aceitável (Goellner, 2003, p.33).

Entendemos o corpo como um plano de possibilidades sempre apto para reinvenções e descobertas. Fundamentalmente, é definido através dos significados culturais e sociais que lhe são atribuídos, uma vez que a linguagem também o constrói. No entanto, falar da dimensão cultural não significa negar a biológica (o que nos constitui como seres vivos), e sim, não tomar a biologia como definidora dos lugares atribuídos aos diferentes corpos em lugares sociais (Goellner, 2003).

Nesta esteira, a nossa diversidade encontra-se engendrada através dos vários marcadores identitários que nos excluem ou incluem dos vários direitos sociais, referenciados em categorias de limpeza, saúde, desejos e performances sexuais, etc. Tais distinções elaboram construções corporais educadas por meio de processos contínuos e minuciosos que conformam formas de ser e de comportamento (Goellner, 2010).

Quando os corpos falam de uma autonomia de prazer e reivindicam autoria por suas múltiplas vivências da sexualidade, provocam inquietações e dissensos, tendo em vista as muitas marcas de inteligibilidade que portam, quais sejam: o corpo maternal, dócil e subordinado da mulher, bem como o corpo viril e dominador do homem que, ao assumirem práticas dissidentes contrariam o aceitável para a boa manutenção e socialização dos gêneros que são tensionados através das diferentes possibilidades de viver o ser homem e o ser mulher.

Neste sentido, o gênero como condição social por meio da qual somos interpelados/as como homens e/ou mulheres inteligibiliza nossos corpos, generificando-os e cravando suas marcas a partir das relações hierárquicas daqueles que ocupam os lugares privilegiados. O privilégio de determinadas posições em detrimento de outras – os binarismos – geram arbitrariedades sociais, violências, preconceitos, dentre outros.

Portanto, ao se fazer generalizações através de vários períodos da História, o que precisa ser assumido são as várias perspectivas comuns ao longo do processo histórico sobre a produção sociocultural dos corpos masculinos e femininos, uma vez que certas ideias sobre homens e mulheres já se tornaram senso comum e estão sendo generalizadas de maneira problemática, possibilitando cada vez mais generalizações sobre o caráter humano através de diferentes culturas, bem como nas reações dos indivíduos classificados (Nicholson, 1999).

Le Breton (2003) fala que o erotismo é “uma relação de satisfação recíproca com o corpo do outro” (p.163). Logo, a sexualidade implica a provação desse corpo diante da alteridade. No entanto, o sexo como praticado hoje, nessa “sexualidade orgânica” (p.177), corpo a corpo e pele contra pele, possivelmente não mais existirá daqui a setenta anos, pois o corpo, principalmente com o advento da AIDS, tornou-se um local perigoso e suspeito. Neste sentido, o outro se tornou um perigo em potencial. Seguindo esse caminho, observamos que “a sexualidade é percebida como um comportamento bestial” (p.178). A sexualidade, então, bifurca-se para uma sem corpo e sem outro em um “sexo cibernético como forma de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, defesa dos acasos psicológicos do encontro” (p.179) oferecendo a vantagem de dispensar o corpo e permanecer em uma versão higiênica. Mas este é assunto para outra pesquisa.

Os casais que praticam *swing* provocam os tabus da nossa sociedade, uma vez que a sexualidade ainda pode ser percebida como um comportamento bestial e a prática da troca de casais, no imaginário social, relaciona-se à orgia, onde corpos são tocados, trocados, provados, em uma condição – a da conjugalidade – considerada intocável e apenas permitida no domínio de dois dentro das heterormas sociais.

É necessário, portanto, que problematizemos as diferenças para que não nos conformemos às determinações do *status* ontológico das relações entre os gêneros, tendo em vista tensionarmos os modos nos quais, atualmente, elas encontram-se constituídas. Entender o corpo de uma forma mais complexa e menos binária pode implicar alguns aspectos fundamentais para uma melhor compreensão do que vem a ser homem/mulher. Isso pode representar diferenças importantes no modo como o (hetero)sexismo e a heteronormatividade operam e como são produzidos.

1.2 Problemas de/no gênero: olhares discursivo-desconstrucionistas

As palavras e as ideias carregam consigo histórias e significações contexto-dependentes nos jogos da invenção humana (Meyer, 2012). Por essa razão, não podemos fixar os significados das palavras. Através dos séculos, as pessoas têm utilizado de muitas maneiras os termos gramaticais para evocar as mais diversas qualidades, traços de caráter ou sexuais. A própria gramática é carregada de regras formais nas quais são utilizadas atribuições do masculino/feminino, embora em algumas línguas indo-européias (como o alemão, por exemplo) exista a categoria do “sujeito neutro”. Portanto, gênero, no sentido gramatical, é

uma forma de classificação dentro de um sistema socialmente consensual de distinções (Scott, 1990).

A preocupação com o gênero como uma categoria analítica somente emergiu no fim do século XX. Desde o século XVIII até o começo do século XX, está ausente das principais formulações das principais abordagens teóricas. Entendido como uma forma de falar sobre sistemas de relações sociais ou sexuais entre os indivíduos faz parte da tentativa das feministas contemporâneas de “sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens” (Scott, 1990, p.85).

Inicialmente, os estudos de gênero foram articulados entre as feministas americanas na década de sessenta que problematizavam o direito à diferença e rejeitavam o determinismo biológico em termos como sexo ou diferença sexual, bem como objetivavam dar ênfase ao caráter social das distinções entre homens e mulheres. Logo, estes deveriam ser compreendidos em termos recíprocos, e não, em estudos onde um estivesse inteiramente isolado do outro.

Penso que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens como das mulheres, e que não deveríamos tratar somente do sexo sujeitoado [...]. Nosso objetivo é compreender a importância *dos sexos*, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico. Nosso objetivo é descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, é encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la (Davis, 1975, p.90).

Segundo Scott (1990) o termo gênero também foi proposto para sustentar a ideia de que os estudos sobre as mulheres poderiam transformar os paradigmas disciplinares, uma vez que estes, além de acrescentar novos temas, imporiam reexames críticos das premissas dos trabalhos científicos existentes até então. Inscrever as mulheres na história implicaria redefinir e alargar as noções tradicionais consideradas historicamente importantes, uma vez que às suas experiências subjetivas e pessoais, se somariam as atividades públicas e políticas.

Procurando o verbete “gênero” no dicionário, Lauretis (1994) constatou que se trata basicamente de um termo classificatório. Na verdade, trata-se de uma representação relacional: a relação de pertencer a uma classe, grupo ou categoria, de tal sorte que o gênero constrói “uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe” (p.210). Assim, gênero representa uma relação social, e não, apenas indivíduos em separado, mas representados por meio de classes. Portanto, como o gênero tem funcionado nas relações sociais humanas? E como este funciona atualmente nas relações sexuais

humanas? Tais respostas só são possíveis através de discussões nas quais o gênero funciona como uma categoria analítica.

A maioria das “tentativas dos/as historiadores/as para teorizar o gênero permanecem presas aos quadros de referências tradicionais” (Scott, 1990, p.74) que têm por base explicações universais. Tais teorias apresentam, portanto, caráter limitado, uma vez que tendem a incluir generalizações redutivas que não levam em consideração a complexidade do processo social, pois, ou apenas são descritivas, ou de ordem causal.

Entendemos o termo gênero também como uma designação para as relações sociais entre os sexos, ou seja, àquelas das ideias sobre as interpelações adequadas aos homens e mulheres. Segundo essa definição, gênero é uma categoria social imposta aos corpos sexuados, mas, ainda que esse uso sublinhe as relações entre os sexos como sociais, nada diz como essas relações são construídas, como funcionam ou como podem mudar (Scott, 1990).

Na esteira dessas problematizações, Lauretis (1994) reivindica que o conceito de gênero não permaneça tão atrelado às diferenças sexuais. Para isso, é necessário que essa imbricação seja desfeita e reconstruída, tomando por base os estudos foucaultianos que entendem a sexualidade como uma “tecnologia sexual”. Neste sentido, gênero pode ser entendido como produto de variadas tecnologias sociais e dos mais diversos discursos, epistemologias e práticas socioculturais da vida cotidiana.

Conseqüentemente, a autora faz quatro proposições, quais sejam: gênero como uma representação que tem implicações concretas, sociais e subjetivas, na vida das pessoas; a representação de gênero como uma construção; a construção do gênero na atualidade sendo também realizada nas comunidades intelectuais, nas artes de vanguarda, nas teorias radicais e até no feminismo; a construção do gênero também sendo feita por meio de sua desconstrução.

Podemos entender gênero, portanto, como uma propriedade não existente *à priori* nos seres humanos, mas como uma construção. A sexualidade, neste sentido e segundo Foucault (1984), é o conjunto dos efeitos produzidos nos corpos, comportamentos e relações sociais, que ocorrem por meio de uma complexa tecnologia política (a qual, acrescentamos, articula-se com gênero para a sua materialidade).

Em seu texto *Tecnologia do Gênero*, Lauretis (1994) pondera que o conceito de gênero como diferença sexual acaba por limitar o pensamento feminista amarrando-o aos termos do patriarcado ocidental, cuja estrutura contém uma oposição conceitual dos discursos culturais e das narrativas dominantes que aprisionam os sujeitos em tipologias estereotipadas que contribuem para relações desiguais entre os indivíduos.

A primeira limitação se dá no sentido de confinar o pensamento feminista a uma oposição universal do sexo, ou seja, “a mulher como diferença do homem, com ambos universalizados”. (Lauretis, 1994, p.207) e aprisionados aos limites do patriarcado. Segundo essa autora, os sujeitos são constituídos no gênero, não apenas pelas diferenças sexuais, mas também através de códigos linguísticos e representações culturais, inseridos nas articulações de raça e classe.

Logo, para Lauretis (1994), gênero não é sexo, não é uma condição natural, e sim, uma representação que se articula na produção de subjetividades em termos de relações sociais preexistentes ao próprio sujeito. Tal estrutura é o que os/as cientistas sociais chamam de “o sistema de sexo-gênero⁵”(p.212).

Ainda em Lauretis (1987) as concepções naturalizadas sobre o masculino/feminino formam, dentro de cada cultura, um sistema de significações que relacionam os sexos aos conteúdos culturais de acordo com os valores e hierarquias sociais. Embora tais significados sofram variações de cultura para cultura, qualquer sistema de sexo-gênero encontra-se intimamente interligado a fatores políticos e econômicos de sua sociedade e época. A construção cultural do sexo em gênero e suas assimetrias podem ser entendidas como também ligadas às desigualdades sociais.

O IBGE (2010), através de seus indicadores sociais relata que, apesar de as mulheres representarem 46,1% da população economicamente ativa, ainda continuam ganhando menos, cerca de 70% do que os homens ganham; ainda são exceção em cargos importantes e de decisão, bem como muitas continuam em cargos considerados femininos e, portanto, mais desvalorizados.

O sistema sexo-gênero é tanto uma construção sociocultural como um sistema de representação que atribui significado de identidade, valor, prestígio, status dentro da hierarquia social. Portanto, o fato de alguém ser representado ou representar-se como masculino/feminino subentendem a totalidade de tais atributos sociais (Lauretis, 1987).

Scott (1990) nos diz que as teóricas do patriarcado têm explicado a subordinação das mulheres à necessidade masculina de dominação. O problema dessa primeira abordagem, segundo alguns/mas historiadores/as, é que, primeiro, não se mostra o que a desigualdade de gênero tem a ver com outras desigualdades; segundo, esta análise continua baseada na diferença física entre homens e mulheres, quer seja pela objetificação sexual desta, quer seja

⁵ Não pretendemos ligar o conceito de gênero a sexo, no sentido de reiterarmos discursos binários (masculino/feminino; homem-mulher, dentre outros). Ressaltamos a ideia de que gênero não é sexo, e sim, uma representação em termos de relações sociais.

pela apropriação do trabalho reprodutivo da mulher pelo homem. Tais premissas pressupõem significados permanentes e inerentes para o corpo humano fora de uma construção social ou cultural, que tem por consequência a a-historicidade do próprio gênero.

As teóricas marxistas têm uma abordagem mais contextualizada historicamente, mas a exigência material para o gênero tem limitado o desenvolvimento de novas linhas de análise. Neste sentido, famílias, lares e sexualidades são todos produtos cambiantes de produção, pois mesmo sendo domínios separados, estão em interação com o capitalismo e o patriarcado. Os primeiros debates destas teóricas feministas marxistas giraram em torno de problemas, tais como: a rejeição do essencialismo daqueles/as que sustentavam que as exigências da reprodução biológica determinava a divisão sexual do trabalho sob o capitalismo; o reconhecimento de que os sistemas econômicos não determinam de maneira direta as relações de gênero e que a subordinação das mulheres é anterior ao capitalismo; a busca de uma explicação materialista que exclua as diferenças físicas naturais (Scott, 1990).

Porém, os/as historiadores/as feministas, nos últimos anos, foram atraídos por estas teorias, seja porque são úteis para endossar dados específicos com bases em observações gerais, seja porque parecem oferecer formulações teóricas importantes concernentes as questões de gênero. Scott (1990), em seu artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica” observa que nenhuma dessas teorias parece ser inteiramente utilizável. Entre algumas razões, está a de que se os homens, por exemplo, estivessem mais envolvidos nos cuidados com seus filhos e mais presentes nas situações domésticas, o drama edipiano seria, possivelmente, diferente. Consequentemente, essa visão limita o conceito de gênero à esfera doméstica, não possibilitando sua ligação a outros sistemas sociais, econômicos, políticos ou de poder. Outro exemplo é o fato da valorização da masculinidade em detrimento da feminilidade, não deixando espaço para explicações entre masculinidade e poder.

Butler (2010) nos aponta que o gênero, por exemplo, não é necessariamente construído por um “eu” ou um “nós” que se encontra acima de qualquer sentido temporal de “antes”, uma vez que não pode haver um “eu” ou um “nós” que não tenha sido submetido às “relações diferenciadoras pelas quais os sujeitos falantes se transformam em ser” (p.160).

A exploração das questões relativas ao gênero possibilitará novas perspectivas para as mais variadas questões e ajudará a redefinir velhas demandas em novos termos, uma vez que gênero deve ser estudado em conjunto com a visão de uma igualdade política e social que inclua sexo, classe e raça.

Em seu texto *Interpretando o gênero*, Nicholson (1999) defende a ideia de que a humanidade difere dentro de si mesma, em termos de pensamentos, sentimentos e ações, bem

como nos modos de percepção dos corpos dos indivíduos. Logo, considera importante que entendamos as variações sociais nas distinções entre masculino/feminino, bem como às formas culturalmente variadas de entendimento corporal, uma vez que não temos apenas um único conjunto de critérios constitutivos da identidade sexual.

“Qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente uma informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro” (Scott, 1990, p.75). Isso enfatiza o fato de que esses dois mundos são contexto-dependentes, sendo inclusive o mundo feminino criação do masculino. Temos aqui uma rejeição às ideias que validam essas duas esferas de modo separado e, assim, perpetuam o mito de que a experiência de um gênero tenha pouco ou nada a ver com o outro.

Utilizamos o sistema de sexo/gênero, portanto, para reclamar a compreensão do modo de produção das relações conjugais heterossexuais contemporâneas dentro do contexto da prática de *swing*. Focalizar tal prática pode nos ajudar a melhor compreender a dinâmica das conjugalidades contemporâneas. Consideramos necessário dar conta da emergência de tais práticas como fenômenos que dizem das conjugalidades atuais, que estão buscando trilhar novas estradas dentro de novos arranjos nos quais homens e mulheres (masculinidades/feminilidades) exercem uma condição mais democrática do exercício na sexualidade.

1.2.1 Masculinidades e Feminilidades: discursos que habitam os corpos

“O que é um homem? O que é uma mulher? O que é a masculinidade? O que é a feminilidade? O que é a homossexualidade? O que é a heterossexualidade? O que seria daqueles que não se estabelecem/encontram dentro destas alternativas?”

Judith Butler

Somos produtos dos discursos de nossa época. Sentimos, pensamos, amamos, agimos, de acordo com o que vamos aprendendo em nosso momento histórico. Segundo Haraway (2004), “[...] somos literalmente a corporificação de tecnologias da escrita. Isto é parte da implosão de gênero no sexo e na linguagem, na biologia e na sintaxe, possibilitada pela tecnologia ocidental” (p.205).

Variadas abordagens descritivas (Sociologia, Psicologia, dentre outras) mostraram muitos dos seus limites no sentido de não buscarem fazer questionamentos sobre os conceitos sociais dominantes, bem como não problematiza-los de modo a abalar seu poder e, assim, transformá-los. Em relação ao *status* marginal da participação das mulheres nos âmbitos

sociais e políticos, por exemplo, até hoje a disparidade permanece. O desafio colocado por estas questões é, em última instância, teórico, pois requer uma análise não apenas das experiências masculinas e femininas do passado, mas também da conexão entre a “história passada e a prática histórica presente” (Scott, 1990, p.74).

Butler (2010) propõe que perguntemos “através de que normas regulatórias é o próprio sexo materializado?” (p.163), pois a construção não é um processo que tem seu início orquestrado por um sujeito, e sim, é ela própria um processo temporal que atua através dos discursos normativos e regulatórios do sexo.

Dentro do contexto histórico de construção das masculinidades e feminilidades, ocorreu à fixação de uma posição binária entre masculino e feminino (que se auto reproduz) como o único modo possível de relação e como um aspecto permanente da condição humana. Isso produz uma oposição entre homens e mulheres e inclui trajetórias divergentes de desenvolvimento moral seguidas por meninos e meninas em termos de realidades vividas, desde a mais tenra idade.

Está implícita nessa lógica, uma causalidade em que as mulheres, por exemplo, fazem suas escolhas morais porque são mulheres. Tomemos como outra ilustração dessa ideia a suposta preferência feminina universal por estabelecer relações amorosas. É preciso estudar de forma mais complexa e historicizada a “cultura feminina”, bem como a “cultura masculina”.

Temos necessidade de uma rejeição do caráter físico e permanente da oposição binária, de uma historicização e de uma desconstrução genuínas dos termos da diferença sexual. [...] Devemos encontrar formas (mesmo que imperfeitas) de submeter sem cessar nossas categorias à crítica e nossas análises à autocrítica [...] levando em conta o contexto, a forma pela qual opera qualquer oposição binária, revertendo e deslocando sua construção hierárquica, em vez de aceita-la como real ou auto evidente ou como fazendo parte da natureza das coisas. [...] A história do pensamento feminista é uma história da recusa da construção hierárquica da relação entre masculino e feminino, em seus contextos específicos, e uma tentativa para reverter ou deslocar suas operações (Scott, 1990, p.84).

Por isso, devemos dar “atenção aos sistemas de significado, ou seja, aos modos pelos quais as sociedades representam o gênero, servem-se dele para articular as regras de relações sociais ou para construir o significado da experiência.” (Scott, 1990, p.82), uma vez que as teorias têm a tendência a universalizar as categorias e relações entre masculino e feminino, objetivando⁶ as subjetividades dentro de contextos sociais e históricos.

⁶ Objetivação em Foucault pode ser pensado como um processo de constituição do sujeito que tende a fazer do homem um objeto, dócil politicamente e útil economicamente através de processos disciplinares.

Os discursos e as interpelações delimitam e sustentam o que é legitimado como humano. Portanto, os seres que não estão contidos nessas atribuições podem ser considerados abjetos⁷ e podem ter sua humanidade questionada em seus corpos não inteligíveis e viáveis. O que nos leva a pensar que a construção das masculinidades e feminilidades se dá através de exclusões e apagamentos.

O duplo paradigma naturalista defende a superioridade masculina em detrimento da feminina e normatiza como deve ser a sexualidade de ambos os sexos. Este fato nos regula, uma vez que impõe como deve ser o/a verdadeiro/a homem/mulher. No tocante ao primeiro, deve ser viril, ativo, dominante e não afeminado. Em relação à mulher, deve ser fiel, educada, maternal, desprotegida, entre outros. Todos aqueles que ferem tais preceitos, são marginalizados e simbolicamente excluídos dos grupos ditos normais.

Mas o que é ser mulher? Que marcas já nascem com nosso sexo? Beauvoir (2009) preferiu: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” A partir de então, mulheres das mais diversas posições passaram a adotar esta afirmação para indicar que as suas vidas não resultavam de um ato único, e sim, de uma constante construção. (Louro, 2008) Neste sentido, também podemos pensar que ninguém nasce homem, torna-se.

[...] Fazer-se mulher dependia das marcas, dos gestos, dos comportamentos, das preferências e dos desgostos que lhes eram ensinados e reiterados, cotidianamente, conforme normas e valores de uma dada cultura (Louro, 2008, p.17).

Segundo Louro (2008) nada há de puramente natural e dado, uma vez que ser homem e ser mulher são processos que acontecem no âmbito da cultura. “Que instâncias e espaços sociais têm o poder de decidir e inscrever em nossos corpos as marcas e as normas a serem seguidas?” (p. 230). A quem devemos fidelidade a respeito das nossas escolhas identitárias?

A posição subordinada da mulher, por exemplo, se dá por meio de uma heterossexualidade inquestionável. Tal subordinação pode ser examinada em termos de uma política sexual diferenciada para homens e mulheres. A nossa sociedade parte do pressuposto de que a heterossexualidade é natural, evidente e inquestionável (Borrillo, 2009). Neste sentido, é importante gerarmos discussões sobre as mulheres em suas relações com os homens no decorrer da história da “humanidade”. Neste sentido, a família ganha uma posição central como o lugar onde as divisões sociais surgem (Haraway, 2004).

⁷ Sujeitos que não se ajustariam/conformam às normas sociais e que por estas mesmas normas seriam posicionados em um campo de ininteligibilidade social e exclusão.

Podemos inferir deste aspecto que a cultura, de acordo com certos tipos de genitália, coloca os indivíduos numa dinâmica psicossocial específica, consideradas determinadas circunstâncias, que trazem importantes consequências sobre a sexualidade.

Característica da sociedade burguesa, a sexualidade tem sido um campo dominado pelos homens. Decorre daí, uma “ficção reguladora” (Haraway, 2004, p. 220), básica para o conceito ocidental de gênero, de que a maternidade é natural e a paternidade, cultural, ou seja, a mulher é um ser da categoria da natureza (naturalmente subordinada) e o homem é um ser construído como um sujeito social ativo na história. Podemos pensar que uma ficção reguladora para o conceito de conjugalidade, insiste em que a fidelidade absoluta feminina e a relativa masculina são a norma que bem mantém a felicidade conjugal.

A mulher em sua construção na diferença de gênero na dominação sexista foi, ao longo da história, transformada em objeto, posse de outro, e não, de si mesma, nem de seus desejos e ações. As mulheres foram domesticadas através da produção social dos sistemas de parentesco controlados por homens na cultura humana. Ressaltamos, entretanto, que os homens também são construídos na cultura e que também o são pelas mãos de mulheres. Essa domesticação e docilidade versus luta e perpetuação perpassaram as diferenças biológicas entre homens e mulheres.

Segundo Nicholson (1999), o relacionamento entre estes dois polos era compreendido em termos bíblicos, bem como apoiados pelos pensamentos aristotélicos do feminino como inferior. Quando tais textos foram perdendo a sua autoridade, a natureza passou a ser a fundamentação de toda distinção entre masculino/feminino e o corpo se tornou representante da natureza. Neste sentido, passou a ser a fonte desse binarismo e a “identidade sexual” – um eu masculino e um eu feminino – passou a ser profundamente enraizado num corpo diferenciado.

Corroborando essa ideia, Laqueur (2001) afirma que o corpo feminino era considerado uma versão inferior do corpo masculino. Os órgãos sexuais das mulheres eram vistos como menos desenvolvidos do que os dos homens. Neste sentido, as diferenças físicas separavam os sexos em termos cada vez mais binários passando a ser a causa da própria distinção masculino/feminino. Podemos inferir destas assertivas que tais proposições apoiaram a ideia de que a mulher era um ser inferior ao homem.

Welzer-Lang (2001) propõe que as relações homens/mulheres, bem como homens/homens parecem estar alocadas em um duplo paradigma, quais sejam: a natureza superior dos homens - que remete à dominação masculina - e a visão heterossexuada do mundo, na qual a relação normal é aquela que acontece entre homens e mulheres.

Segundo esse autor, os homens dominam as mulheres. Tal poder é exercido nas esferas privadas e/ou públicas e atribuí aos homens vários privilégios materiais, culturais e simbólicos. Portanto, as desigualdades sofridas pelas mulheres acontecem em decorrência das vantagens dadas aos homens.

Na esteira desse pensamento encontramos Haraway (2004) que nos fala sobre uma construção do desejo de tal modo desigual, cabendo aos homens direitos sobre as mulheres que elas próprias não tinham sobre si mesmas. Para garantir essa sobrevivência material, no sistema de sexo/gênero onde homens podem trocar mulheres, a heterossexualidade é obrigatória e, portanto, central, na opressão das mulheres.

Homens e mulheres não percebem os fenômenos da mesma maneira, bem como não percebem que a sociedade simbolicamente atribuí aos homens as funções nobres, enquanto às mulheres, oferece as funções pouco valorizadas. Tal divisão baseada no gênero mantém-se e permanece regulada através de violências múltiplas e variadas que tendem a preservar os poderes dos homens à custa das mulheres, bem como pode ser considerada fundadora da dominação masculina.

Welzer-Lang (2001) nos diz que ser homem é ser diferente do outro e, principalmente, da mulher (a parte fraca e vulnerável). O masculino, portanto, é submissão ao modelo já existente e, ao mesmo tempo, ganho dos privilégios advindos com esse modelo. Os homens praticantes de *swing* entrevistados nesta pesquisa, apesar de provocarem borramentos nessas concepções culturais, ainda seguem algumas prescrições dessa pedagogia da masculinidade.

Os meninos começam a descobrir que, para se tornarem homens, precisam, primeiramente, sofrer. “As ofensas, o roubo, a ameaça, a gozação, o controle, a pressão psicológica para que o pequeno homem obedeça e ceda às injunções e aos desejos dos outros [...]” (Welzer-Lang, 2001, p.464). Pequeno e fraco, o menino se torna vítima fácil. No entanto, ao se submeter e sofrer passa a pertencer ao grupo dos homens e a gozar dos benefícios da proteção de seus pares, sendo-lhe possibilitada a oportunidade de, a partir de então, fazer os outros sofrerem.

A virilidade, além dos vários benefícios que conferem aos homens, também pode ser entendida como uma estratégia de resistência para lutar contra o medo e as relações sociais de sexo homem/mulher então atravessadas por tais hierarquias. E os homens que, por alguma razão, não reproduzem tais relações, produzem homofobia e ameaças por parte dos outros homens que são considerados os normais da virilidade.

As relações entre as masculinidades também possuem suas hierarquias, no sentido de que nem todos têm o mesmo poder ou privilégios. Os “Grandes-Homens” gozam de

benefícios à custa das mulheres, mas também de outros homens. O *status*, portanto, abrange dinheiro, honra, virilidade e poder.

A dominação masculina também se dá através da heterossexualidade. O heterossexismo também promove a superioridade da heterossexualidade. Todos aqueles que fogem a esse modelo, ficam em suspeição de não adotarem as configurações sexuais “naturais”.

As práticas de gênero dos homens levantam importantes questões sociais, levando-se em consideração as desigualdades econômicas, a violência doméstica e as “barreiras institucionais à igualdade das mulheres”. (Connel, 1995, p.168).

Contudo, segundo Connel (1995), há evidências de possibilidades de mudanças nas relações de gênero desde os anos setenta com os Movimentos de Liberação das Mulheres e Movimento Homossexual (na época assim denominado. Atualmente, LGBT). Tais movimentos acreditavam que o patriarcado poderia sofrer seu ocaso, uma vez que se tinham condições para uma mudança de consciência e de igualdade entre os sexos.

Este sentimento resultou em modestas propostas de reformas e retóricas de mudanças. Alguns críticos dos anos setenta acreditavam que a masculinidade estava em crise e que esta ocasionaria a mudança. Após vinte anos, esse pensamento se tornou ingênuo, muito embora essa alteração de consciência sobre gênero tenha possibilitado irreversíveis mudanças. Podemos citar, como exemplo, o reconhecimento do caráter histórico de gênero.

Ainda nos anos setenta, o gênero dos homens era entendido como atitudes e expectativas que definiam a masculinidade apropriada. No entanto, tal conceito não nos permitia compreender as questões relacionadas ao poder, à violência ou à desigualdade material, além de oferecer estratégias limitadas de mudança.

Connel (1995) conceitua a masculinidade como “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero (p.188)”, levando-se em conta as relações de poder aí envolvidas. Falar de configuração de prática significa focar o que, de fato, as pessoas fazem, e não, dar ênfase naquilo que é esperado que elas façam. Falar de prática significa enfatizar que as ações possuem racionalidades e significados históricos. Falar na posição de homens significa dizer que a masculinidade tem a ver com as relações sociais.

Toda cultura tem uma definição de conduta e sentimentos apropriados aos homens, o que causa um afastamento destes em relação ao comportamento das mulheres, ou seja, da feminilidade. A pressão por essa conformidade vem das famílias, das escolas, da mídia e também dos colegas e empregadores. Isso faz com que a maior parte dos rapazes internalize

essas normas reprimindo sentimentos e gerando violências e crises pessoais, bem como dificuldades nas relações com as mulheres.

A narrativa convencional trata o gênero relacionado aos homens como naturalizado desde a mais tenra infância. “Isto sugere que devemos pensar na construção da masculinidade como um projeto perseguido ao longo de período de muitos anos e através de muitas voltas e reviravoltas.” (Connel, 1995, p.190). A ideologia popular representa o gênero como estável e natural. No entanto, as masculinidades não são fixas e estão sempre sofrendo modificações ao longo das transformações socioculturais.

É possível que estejamos testemunhando novas formas de masculinidades, uma vez que temos atualmente uma interação global, o crescimento do feminismo mundial, a estabilização de novas formas de sexualidade e a criação de uma economia global. Entretanto, não podemos afirmar que tal fato traga reais benefícios para as mulheres.

Talvez nos seja útil buscar contra-narrativas, contra-significados que busquem a educação para reformular o conhecimento, expandir a compreensão e criar novas capacidades onde as relações possam ser mais igualitárias. A começar pelas nossas casas, é interessante e produtivo procurarmos prefigurar uma sociedade onde prevaleçam a igualdade de gênero e a tolerância sexual, visando que tais preceitos se tornem a base da civilização.

Por essa razão, entendemos que qualquer proposição que fazemos em nome deste ou daquele grupo ou indivíduo é estipuladora e política. Portanto, se faz necessário que assumamos que nossas propostas, resultados de nossa ciência, não tem por base uma realidade dada qualquer, e sim, determinados lugares que vivemos em nosso período histórico e cultural, refletindo os nossos contextos e, talvez, idealizações e desejos.

Pesquisar sobre casais que praticam *swing* é também uma busca de levantar discussões no sentido de desnaturalizar representações de gênero materializadas nos processos históricos e culturais e “engendrados” nos corpos, nas vidas das pessoas. Neste sentido, esta pesquisa é uma possibilidade de entrar neste processo do fazer conhecimento em busca de movimentos (que envolvam a produção de éticas da existência) em sua agonística ético-política.

Esta pesquisa segue o rastro dos estudos feministas, *queer* (Louro, 1997; Butler, 2010) e em teorizações foucaultianas. Tais estudos buscam compreender as relações de gênero nas sociedades humanas, entendidas aqui como construções culturais determinadas através de relações sociais. A grande contribuição dos estudos *queer* para esta pesquisa se deve ao fato de, na contemporaneidade, estarmos presenciando que, cada vez mais, fronteiras estão sendo atravessadas, certezas nos escapam, modelos muitas vezes se mostram inúteis e as fórmulas se tornam inoperantes.

Tendo em vista que não há como ignorarmos as novas práticas, os novos arranjos, os novos sujeitos e às suas contestações ao estabelecido, bem como considerarmos importante problematizarmos “a diferente” forma de relação da prática *swinger*, acolhemos os estudos *queer* para pensarmos esse “estranho”.

Queer é tudo aquilo que é estranho, excêntrico, raro, extraordinário. De uma forma perjorativa, dizia de homens e mulheres homossexuais. Como alvo principal tinha a heteronormatividade compulsória numa característica de oposição e contestação. Os teóricos *queer* voltaram suas críticas às oposições binárias, ressaltando a necessidade de uma mudança epistemológica tendo em vista o rompimento dos seus efeitos, quais sejam: hierarquia, classificação, dominação e exclusão.

Procuraremos pensar de quais modos à política sexual regula homens e mulheres, além de refletir como e se, diante das relações hierarquizadas onde o masculino detém privilégios, na prática do *swing*, as mulheres podem ou não se manterem subordinadas aos homens.

Podemos ainda pensar de que forma os binômios masculino e feminino se instituem enquanto dispositivos de verdade sobre os corpos e em que medida eles refletem a materialização dos discursos que, segundo algumas feministas, como Butler, antecedem ao sexo, isto é: o corpo (machos/fêmeas) dotado de inteligibilidade social a partir dos discursos generificadores.

Logo, entendemos que gênero e sexo, muito embora possam parecer sinônimos, são utilizados diferentemente não corroborando, portanto, com uma lógica binária homem-mulher – masculino-feminino. Nossa intenção não é reiteirmos discursos ligados a uma sexualidade binária e heteronormativa, e sim, contribuirmos para a desconstrução dos processos que levam alguns sujeitos a se tornarem normalizados enquanto outros, nas suas diversidades, tornam-se marginalizados evidenciando uma heteronormatividade compulsória.

1.3 A sexualidade entre os lençóis heteronormativos

A história das disputas políticas e culturais em torno da sexualidade, do corpo e dos prazeres nos abre para novas linguagens, sensibilidades e possibilidades de existência. Refletirmos de modo crítico sobre como tais dimensões da vida cultural tornaram-se problemas sociais é fundamental, pois estas questões nos remetem aos dilemas políticos e arbitrários que constituem o que pode ser uma vida viável e passível de reconhecimento, bem como quais vidas não podem ser vividas (Butler, 2003).

Entendemos que a lógica binária da modernidade ocidental, que se institui fundamentalmente pelos discursos, é uma das provocadoras das violentas restrições no campo da sexualidade. Excepcionalmente, nos interrogamos sobre tais cerceamentos que engessam determinadas estruturas e modos possíveis de vida e relacionamentos, que se fazem sobrepujantes porque fundamentam o campo da política que, por sua vez, é fundamentado pelo campo da exclusão (Butler, 2003).

Vivemos na contemporaneidade uma variada gama de transformações (sociais, culturais, econômicas, dentre outras) e aquelas vivenciadas em nossas vidas pessoais e que transbordam para as representações de gênero (ou que tencionam as formas de regulação do gênero sobre os modos de vida), sexualidade, casamento e família, provocam verdadeiras revoluções no sentido de suscitar despertares na nossa maneira de vermos a nós mesmos, aos outros e às nossas relações. São revoluções que avançam lentamente e de forma desigual nas diferentes culturas, envolvendo muitas incertezas e conflitos (Araújo, 2010).

Encontramo-nos em um contexto que se apresenta povoado por diferentes formas de relações amorosas, multifacetadas, diversas, coexistentes. Estamos vivendo movimentos de contestação das representações de gênero e dos modelos relacionais que destas formas derivam ou nelas se (re)produzem. Temos visto acontecer uma maior flexibilização das relações amorosas e um maior enriquecimento das possibilidades afetivas e sexuais. (Araújo, 2010)

Uma fonte rica de dados que nos ajuda a pensar em tais continuidades/descontinuidades nas transformações atuais nas relações interpessoais é a conjugalidade, compreendida aqui como a dinâmica relacional de cada díade (Diniz, 2011). No entanto, ainda o modelo binário e dualista segue hegemônico e a forma mais recorrente em termos de constituição de vínculos conjugais e para o Estado (que não reconhece outras formas).

Temos também nos deparado com um número crescente de múltiplas conjugalidades, que se constroem, desconstroem e reconstroem cada vez mais rapidamente. Investigar, portanto, esses diferentes arranjos conjugais contemporâneos, buscando uma melhor compreensão dos vários modos de conjugar dos casais, nos permitirá uma compreensão aprofundada sobre os diversos temas relacionados às tais configurações. Neste sentido, a pesquisa no referido campo é cada vez mais importante (Féres-Carneiro, Ziviani & Magalhães, 2011).

Tendo em vista que as pessoas estão se permitindo experimentar distintas posições e modos de viver as conjugalidades na cama dos novos tempos, bem como assumindo o foco na

qualidade das relações, o *swing*, pensado como um dos diferentes arranjos das conjugalidades contemporâneas vem nos possibilitar um recorte para o estudo sobre como os casais estão se movimentando dentro dessa transformação social na qual os conflitos entre os velhos e os novos modelos relacionais e de exercício da sexualidade estão sendo propostos.

Problematizar os discursos que posicionam o casal heterossexual e monogâmico como o casal ideal, nos permite compreender de forma mais contundente a ideia da materialização das normas sociais, articuladas ao dispositivo da sexualidade. Tais casais ainda fazem a norma? E esses mesmos casais ainda estão configurados na norma monogâmica ou têm buscado novas formas de viverem as suas sexualidades? Sabemos que muitas conquistas foram alcançadas no campo da sexualidade, mas o que fez emergir essa abertura onde quase tudo parece ser permitido, ao mesmo tempo em que contra-discursos sexistas e homofóbicos se espriam pelas distintas instituições, práticas sociais e formas de organização social brasileiras?

Mas o tipo de mudança social de que estamos falando requer muito tempo e o período de tempo em que estivemos tentando essa mudança é incrivelmente pequeno. [...] Além disso, a marca das configurações de parentesco nas psiques individuais é muito duradoura. A aquisição de nossa programação sexual e de gênero assemelha-se muito à aprendizagem de nosso sistema cultural ou nossa língua materna (Rubin, 2003, p.167).

Segundo Rubin (2003) algumas preferências sexuais têm maior flexibilidade em “termos de gênero e erotismo” do que outras (p.167). Por essas razões, para dar conta da complexidade dessas temáticas, esta autora sentiu a necessidade de se afastar de uma visão estruturalista, centrada em aspectos binários da linguagem, para abraçar os modelos mais discursivos do pós-estruturalismo e do pós-modernismo. Afinal, “a variação sexual é um sistema de muitas diferenças” (Rubin, 2003, p.168) que precisa ser entendida como uma complexidade histórica e social.

Considerando estas reflexões, articularemos algumas questões sobre as significações eróticas, nas formas pela quais a vida social da sexualidade dos casais heterossexuais é configurada, reconfigurada e mantida, como uma forma de buscar entender a complexidade da vida social e sexual das conjugalidades contemporâneas. Esta pesquisa pretende um maior entendimento sobre a sexualidade, para propiciar discussões sobre modelos de hierarquização social e violência que têm por base os comportamentos sexuais, os desejos considerados marginais ou ilícitos, dentro da categoria analítica de gênero.

Nos escritos feministas (pós)modernos, sexo, sexualidade e gênero se entrelaçam constantemente. Sexo entendido como uma questão de família regido por um sistema de matrimônio e transmissão de nomes e bens (dispositivo de aliança); sexualidade, como uma invenção social que se constitui a partir de múltiplos discursos sobre sexo, que normaliza, regula e produz verdades; e gênero entendido como uma categoria política, na qual os corpos são produzidos através das relações sociais onde homens e mulheres são diferentemente alocados (Haraway, 2004).

Historicizar ou relativizar culturalmente as conjugalidades, de modo a pôr em discussão as formulações das uniões heterossexuais e fusionais como condição essencial de felicidade matrimonial, se faz pertinente a partir do momento em que o *swing*, o “*adultério consentido*” (Weid, 2010) pode possibilitar um novo modelo de casamento onde amor, sexo e prazer estão em transgressão com os modelos aceitos.

Faz sentido, portanto, compreendermos a emergência das várias formas de experimentações da sexualidade dos casais em conjugalidade na contemporaneidade - privilegiando a prática do *swing* - uma vez que entendemos tais processos vivenciais podem ser entendidos como produtores de (re)alocações destas mesmas conjugalidades e suas subordinações às práticas sociais determinantes, a novas configurações que fogem ao modelo anteriormente (re)conhecido, qual seja: a relação monogâmica, na qual a fidelidade simbiótica do casal (dito casal heterossexual) é a condição para o bem-estar social e psíquico dos indivíduos.

Falar de conjugalidade heterossexual é, impreterivelmente, também falar de gênero, das representações do masculino e do feminino, nas quais as construções e classificações das diferenças entre os dois polos existem como sistemas discursivos de produção de conhecimento dos indivíduos.

Gênero é central para as construções e classificações de sistemas de diferenças. A diferenciação complexa e a mistura dos termos para “sexo” e “gênero” são parte da história política das palavras. [...] Significados médicos, zoológicos, gramaticais e literários têm, todos, sido contestados pelos feminismos modernos (Haraway, 2004, p.209).

Algumas teorias feministas de gênero⁸ buscam articular a opressão das mulheres no contexto de culturas nas quais as “distinções entre sexo e gênero são marcantes.” (Haraway, 2004, p.210). Neste sentido, podemos indagar se os casais adeptos da prática de *swing* são levados a buscar esse tipo de experimentação por uma demanda majoritariamente masculina,

⁸ É importante ressaltar que existem teorias de gênero que não são feministas.

ou se tal opção se dá pelas escolhas femininas de forma democrática do ponto de vista do desejo. Afinal, o fato de mulheres praticarem *swing*, necessariamente, não significa dizer que ocasiona uma real distribuição do poder patriarcal, nem que as mesmas conquistaram espaços revolucionários no campo privado e social no sentido de uma autonomia dos seus corpos e prazeres.

Podemos também pensar como as mulheres, ao longo da história, nas suas relações conjugais, têm exercido as suas sexualidades, bem como compreender como estas estão sendo construídas na contemporaneidade. As relações amorosas fusionais ainda estão sendo fantasiadas e desejadas ou estão sendo realocadas em novos lugares, uma vez que temos vivido profundas mudanças nas mais diversas esferas, inclusive no campo familiar? Com a finalidade de problematizar tais mudanças, traremos considerações acerca de corpo, gênero e sexualidade para introduzirmos as discussões sobre as transformações pelas quais passam as performatividades de gênero (Butler, 2010; Louro, 2008) que afetam as construções das conjugalidades contemporâneas.

1.4 As heteroconjugalidades e o enunciado da (in) fidelidade

Partimos do pressuposto de que a sexualidade não é fixa, nem estável e de que ela é produzida em circunstâncias políticas e culturais complexas. Neste sentido, uma abordagem indisciplinar/pós-disciplinar buscaria questionar as classificações e enquadramentos tendo em vista a importância da construção de outro horizonte discursivo que possa acompanhar os movimentos que nos permitem viver a sexualidade do ponto de vista de uma erótica, e não, de uma ciência sexual, ou seja, do erotismo como deslocamento e desarranjo das significações do dispositivo da sexualidade, conforme Foucault (2011):

A sexualidade é um nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se aprende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (pp.116-117)

Beatriz Preciado (2011) propõe a sexopolítica como uma das formas pelas quais caminha a ação capitalista contemporânea. Através dela, o sexo (e suas práticas, bem como os códigos de masculinidade/feminilidade) entra no cálculo do poder que produz discursos e tecnologias de normalização das identidades sexuais e de controle da vida humana. Neste

sentido, a heterossexualidade passa a ser mais do que uma prática sexual. Ela torna-se um regime político (heteronormatividade) que administra os corpos e gerencia a vida na materialização de uma bio-política.

O sexo, dentro desta perspectiva, “passa a ser uma questão central da política e da governabilidade”. (Preciado, 2011, p.12) Nesse contexto, a figura dos “anormais” surge como potência política, para além dos meros efeitos dos discursos sobre sexo que o “império sexual” (p.13), se esforça em regular e normalizar, muitas vezes através da patologização das diferenças.

A construção da sexualidade na sociedade moderna mostra que essa área é simbólica e política, bem como ativamente disputada por grupos que lutam para modificar plataformas e ideologias sexuais que modelam corpos e vidas. Essas tentativas de criação de espaços públicos de elaboração e expressão de novas formas sexuais fazem parte de uma luta política que visa redefinir a sexualidade.

As subculturas, por exemplo, possibilitam a formação de oposições simbólicas à ordem dominante. O enfoque construtivista, portanto, tem sido valioso para explorar a ação e criatividade humanas em relação à sexualidade, ajudando a descrever os relacionamentos complexos e dinâmicos entre o Estado e as subculturas sexuais, uma vez que historiciza a sexualidade produzindo trabalhos inovadores e interdisciplinares (Vance, 1995).

Entendemos que há a necessidade de problematizar os termos e campos de estudos dependendo de como são definidos e compreendidos em diferentes culturas e períodos históricos, uma vez que culturas geram categorias, esquemas e rótulos diferentes para a estruturação das experiências sexuais e afetivas, o que tem influência direta na subjetividade, comportamento individual e experiência sexual através das ideologias, das regulações sexuais, do impacto das identidades e definições culturais compartilhadas. Neste sentido, a literatura construtivista pensa a sexualidade como uma construção social (Vance, 1995).

No “modelo de influência cultural”, sugerido por Vance (1995), a sexualidade é vista como uma massa de modelar sobre a qual a cultura trabalha. Por um lado, enfatiza o papel da cultura e do aprendizado na formação do comportamento e atitudes sexuais, rejeitando a universalização dos mesmos. A cultura é entendida como encorajadora ou desencorajadora de certos atos, atitudes e relacionamentos sexuais.

“A sexualidade abrange diferentes elementos: relações sexuais, orgasmos, carícias preliminares, fantasias, histórias e piadas eróticas; as diferenças de sexo e a organização da masculinidade e da feminilidade, bem como as relações de gênero” (Vance, 1995, p.20). Os

casais praticantes de *swing*, ao tensionarem as formas regulares de relações sexuais, podem ser transformados em perversos sexuais, sofrendo rejeições, violações e injúrias.

Neste sentido, o modelo de influência cultural concebe variações nos comportamentos e atitudes sexuais (culturais) que estimulam ou restringem os comportamentos, fato que questiona noções naturalizadas das normas sociais comuns na América do Norte e Europa, bem como a conexão entre regulação sexual e estabilidade social ou familiar. A variabilidade sugere que a sexualidade humana é maleável e capaz de assumir diferentes formas, de sorte que a sexualidade reprodutiva é apenas uma parte do universo sexual mais amplo (Vance, 1995). No entanto, “o essencialismo foi a nossa primeira forma de pensar a sexualidade, e ainda se mantém hegemônico” (Vance, 1995, p.23). Por essa razão, dentre outras, devemos:

[...] questionar as convicções científicas e populares euro-americanas, em vez de projetá-las sobre outros grupos, o que seria etnocêntrico. [...] Assim, afirmações sobre a força universalmente imperiosa do impulso sexual, a importância da sexualidade na vida humana, o status universalmente privado do comportamento sexual ou sua natureza quintessencialmente reprodutiva são apresentadas como hipóteses, e não como pressupostos à priori (Vance, 1995, p.23).

Neste sentido, a Psicologia se vê convocada a refletir sobre a marca de saber-prescritivo da qual é signatária (Pocahy, 2011). Segundo Pocahy (2013) essa revisão crítica refere-se a necessidade de um modo de problematização que:

[...] escarnifique os regimes discursivos que se organizam através da gestão da vida, controle, deciframento, incitação para o corpo dócil e útil, da ordem e organização espacial e institucional das subjetividades – considerando que gênero e sexualidade se articulam aqui como dispositivos nos jogos de prescrição e de controle evidenciando pedagogias para ‘ser/parece humano. (p. 169)

As práticas eróticas-sexuais conjugais, portanto, só podem ser compreendidas desde que situadas em seus contextos socioculturais e desde particularidades de suas ‘subculturas’ – seus contextos de significação política, social e cultural. Fazermos estudos e considerações cuidadosas acerca dos significados e dos simbolismos existentes nas mais diversas formas de experimentação da sexualidade nos permite resignificar nossos paradigmas e ampliar nossos horizontes, possibilitando que grupos marginalizados também possam ser incluídos na sociedade, fora dos parâmetros exclusivos nos quais nos permitimos pensar a vida sexual humana em sua relação com a saúde, a educação e outros processos que cercam a experiência do olhar/cuidar/pensar o humano e as formas de cidadania.

A sexualidade funciona como um dispositivo que se constitui e enraíza através das normas, em discursos e nas práticas que circulam e geram sentido para a sociedade. “As

formas de viver a sexualidade, de experimentar prazeres e desejos, mais do que problemas ou questões de indivíduos, precisam ser compreendidas como problemas ou questões da sociedade e da cultura” (Louro, 2007, p.204).

Neste sentido, podemos pensar a conjugalidade como uma arbitrária representação de união fusional e representante da espinha dorsal da cultura ocidental, cultura esta orientada para favorecer tipologias de relação baseadas no modelo fusional (Carotenuto, 2004). É importante discutirmos sobre tais tipologias. É relevante refletirmos sobre as possibilidades e as impossibilidades que essa norma cultural impõe para a sexualidade.

Tendemos a pensar as formas como os sujeitos vivem suas sexualidades (com parceiros/as do mesmo sexo, sexo oposto, sem parceiros, etc.) como algo dado, básico e comum entre as várias culturas. Questionar essa concepção exige que a historicizemos, que a coloquemos como produto de um sistema de crenças específico das sociedades modernas ocidentais.

Spargo (2006) nos fala que parece haver uma definição mais ampla e aceitável sobre os comportamentos sexuais, no entanto, a despeito dessa “aparente” maior abertura, tolerância e sensualidade, nos inquieta com a indagação: “Será?” (p.4). Afinal, muitos preconceitos ainda podem ser notados em relação às mais diversas formas de expressões da sexualidade.

[...] como sabemos o que faz uma atividade erótica boa e outra má? É um caso de vontade divina, natureza biológica ou convenção social? Podemos realmente ter certeza de que nossos desejos e prazeres são normais, naturais, bons – ou de que *nós* o somos? Por que o sexo é tão importante? (Spargo, 2006, p.5).

No percurso histórico do que se denominou a “civilização ocidental”, homens sempre tiveram vantagens nos mais variados campos. As leis, podemos dizer, eram eles quem faziam. Na Grécia Clássica, apesar do casamento heterossexual ser o único reconhecido, o marido não sofria limitação sexual. Os homens podiam ter relações sexuais extraconjugais com concubinas, cortesãs e efebos – jovens rapazes, exceto com as mulheres casadas, pois a honra do marido era tão importante, que a lei lhe permitia matar em defesa da preservação da sua honra. A vida erótica, entretanto, passa por muitas renegociações e nos parece incrível que, há tão pouco tempo, aqui em nosso país, tal lei, estrangeira e tão caduca, ainda vigorasse.

Foucault, em seu livro *História da Sexualidade*, publicado em 1970, vem nos ajudar a traçar um percurso histórico sobre a sexualidade, desde a repressão vitoriana até à sua liberação no século XX. Aponta-nos de ideia de que, no século XIX, surgiu uma notável proliferação de discursos sobre a sexualidade – vista como natural ao homem.

Em oposição a este discurso, contudo, afirmou que esta era construída na experiência, com caráter histórico, social e cultural. Ao afirmar isso, entretanto, este autor não descartava a dimensão biológica, apenas “priorizava o papel crucial das instituições e dos discursos na formação da sexualidade” (Spargo, 2006, p. 12). Tais discursos, portanto, produziram saberes que contribuíram para criação e/ou manutenção de relações de poder.

[...] o falante produz uma narrativa sobre sua sexualidade que é interpretada por uma figura de autoridade. A “verdade” que é revelada nesse processo não é, claro, encontrada e sim produzida. Ela existe como saber dentro de um discurso particular e está amarrada ao poder. [...] O que, então, estava em jogo na construção da sexualidade em diferentes momentos históricos? Como o poder circulava através da produção de saber sobre o sexo? (Spargo, 2006, p. 15).

Podemos entender que as conjugalidades são objetos dos discursos e práticas vigentes, contidas em uma época e alocadas em um determinado lugar. São construções. Pensar desta forma, nos permite assumir um compromisso discursivo-desconstrucionista, justamente no sentido de compreender os discursos que estabelecem as realidades ou as ficções/fabricações do humano agenciadas na produção de modos de vida na experiência sociocultural ocidental moderna. Neste trabalho, o sujeito não será estudado como um ser natural, uma vez que é entendido como existindo e se fazendo no mundo a partir das suas experiências, ou seja, como uma construção histórica e contingente.

Podemos, então, pensar: quando o que os casais fazem em termo de exercício da sexualidade passam a ser problemas de pesquisa? A partir do momento que há um ideal que fere a autonomia de certos modos de existência conjugal onde o normal é entendido como a encarnação dos modelos desejados pela sociedade, e o anormal, é o que não encarna tais modelos, decorrendo daí, as mais diversas formas de sofrimento e preconceito, afinal, ou sou o modelo destes ideais dados (ideal de casal, de amor romântico), ou sou o oposto, a forma sofrida do modelo de inadequação.

Vivemos na contemporaneidade multiplicidades intensas e velozes de mudanças nos mais diversos âmbitos. As relações familiares e conjugais figuram dentre as mais significativas transformações já vividas em nossa época. Nas palavras de Osório (2011):

Não tem mais de um século – e um século é período de tempo assaz curto em se tratando da história da civilização – o reconhecimento do direito das mulheres [...] de não ficarem restritas ao exercício da maternidade na clausura de um matrimônio ao qual não chegavam habitualmente por vontade própria [...]. Os homens aprisionavam suas inclinações amorosas para desempenhar o papel de macho que deles se esperava. (p.17)

No início do século XVII as práticas sexuais não buscavam tantos segredos. Os códigos eram mais frouxos se comparados aos do século XIX, advindos com a burguesia vitoriana que encerrou a sexualidade dentro das residências familiares conjugais. O sexo passou a ter a função legítima de reprodução e o casal legítimo e procriador passa a ditar as leis. O quarto dos casais passa a ser, então, o lugar legitimado da vivência da sexualidade conjugal. (Foucault, 1984).

No entanto, na atualidade, os casais cada vez mais têm saído dos seus quartos para buscarem novos lugares de experimentação da sexualidade. A sexualidade heterossexual fusional pode se movimentar dentro de algumas concessões feitas na experiência política da heterossexualidade. De que maneira, então, ocorre esse deslocamento do casal monogâmico para o dito liberado?

O exercício da sexualidade nem sempre esteve atrelado às questões morais, como ocorre na civilização ocidental [...]. Em muitos povos da antiguidade, como também entre os aborígenes da Oceania e da América, isso não aconteceu. [...] Fica-nos, então, a indagação de por que [...] o corpo e a sexualidade foram alvos de tanta repressão e repúdio (Osório, 2011, p.22).

A sexualidade dorme na cama da heteronormatividade. Nesta cama/território os homens têm sido produzidos no regime discursivo da masculinidade, sendo o gênero aqui uma prática regulatória que produz inteligibilidade a esses corpos. Embora existam sofrimentos nessa feitura, os padrões dos privilégios sexuais masculinos ainda são evidentes em nossa cultura. Pensar sobre essa nova visão das sexualidades é pertinente, uma vez que nos leva a construir outras formas de identidades⁹ conjugais contemporâneas.

As pessoas estão se adaptando aos novos tempos e assumindo como foco a qualidade das relações. As pessoas estão deixando de lado a ideia de um modelo único de casamento e família e estão se permitindo experimentar uma diversidade de arranjos conjugais (Diniz, 2010, p. 152).

Neste sentido, performatividade é a forma pela qual as capacidades de reprodução, bem como as diferenças anatômicas humanas são trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico tomando a linguagem como produtora de corpos e sujeitos, em um contínuo processo de reificação das normas sociais. Portanto, o gênero pensado como uma estrutura ampla que engloba a economia e o estado, bem como a família e a sexualidade, é sempre uma estrutura contraditória - o que torna possível uma dinamicidade histórica (Connel, 1995).

⁹ A identidade é entendida como múltipla, plural, mutável e contraditória.

Ainda que as normas reiterem sempre e de forma compulsória as heteronormas, há alguns corpos que a elas não se ajustam, escapando aos enquadres discursivos da linguagem que, necessita, constantemente, ser reafirmada para ter seu efeito efetivado. Àqueles que escapam, são considerados desviantes, abjetos, e são alvo das mais variadas formas de preconceito. Os casais que praticam *swing*, neste sentido de performatividade, buscam outras formas de viver a conjugalidade e o amor romântico, mesmo que, de muitas formas, sejam interpelados e atravessados pela heteronormatividade.

É notório que todas as novas formas de experimentações da sexualidade nas conjugalidades não ocorrem de uma forma tranquila e sem resistências por parte de uma gama considerável da sociedade, que pensam ter seus pilares abalados e prejudicados por tais mudanças que julgam como uso inapropriado da sexualidade. O reordenamento mais democrático dos papéis sexuais e de gênero¹⁰ envolvem enfrentamentos constantes (Araújo, 2010).

Louro (1997) em um movimento pós-estruturalista, ressalta a importância de entendermos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas, que se transformam, que não fixas ou permanentes e que podem ser até mesmo contraditórias. Neste sentido falar de papéis sexuais e de gênero nos remete às características sociais e relacionais que dizem respeito à construção:

[...] de padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para os seus membros e que definem os seus comportamentos, as suas roupas, os seus modos de se relacionar, mas que implica fundamentalmente uma questão de identidade. O conceito passa a exigir um olhar dirigido para o processo, para a construção, para um pensamento plural e para a diversidade. (p.328)

Louro (1997) ainda ressalta articulações entre perspectivas feministas e pós-estruturalistas, tendo em vista possibilitarem críticas aos sistemas explicativos globais da sociedade, no que diz respeito ao reconhecimento de “limitações ou incompletudes nas formas de organização e de compreensão do social” (p.329). Nesta aposta, é importante desconstruirmos o caráter permanente das oposições binárias entre masculino/feminino ao discutirmos as questões socialmente construídas das interpelações sexuais e de gênero, tendo

¹⁰ Esta pesquisa assume o conceito de gênero (fundamentalmente social) distinto do conceito de sexo (que acentua o determinismo biológico). Neste sentido, pretendemos colocar o debate no campo social, uma vez que é na sociedade, na história e nas formas de representação que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. (Louro, 1997) A concepção na construção dos papéis masculinos e femininos mostra-se redutora e simplista, tendo em vista as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e feminilidades.

em vista problematizarmos as identidades reconhecendo as suas complexidades e pluralidades.

Outro desafio é nos movimentarmos do simples para o complexo, no sentido de compreendermos que existem múltiplas formas de ser homem, de ser mulher e de fazer casal. Vivemos atualmente em um cenário que nos convida a refletirmos sobre as diversas condições de ser, estar e fazer dos gêneros. O importante é o registro e a divulgação destas várias possibilidades de mudança e flexibilização (Araújo, 2010).

Corroborando tal posicionamento, Giddens (1993) afirma que as transformações que estão ocorrendo em nossas vidas pessoais e que atingem os papéis de gênero, da sexualidade, do casamento e da família são fundamentais, uma vez que provocam revoluções nos modos como pensamos sobre nós mesmos e estabelecemos relações com outros. Porém, é uma revolução que avança de uma maneira desigual e que envolve muitas incertezas e problemas, mas que, entretanto, possibilita relações mais democráticas nos relacionamentos conjugais e familiares.

As formas de contrato conjugais tem se transformado nestes últimos tempos. A ruptura com o modelo tradicional de conjugalidade traz consigo flexibilizações para a exploração de novos modelos relacionais, que aparecem como marcantes na contemporaneidade. Neste sentido, relações hierárquicas estão dando passagem às necessidades e desejos dos casais (Araújo, 2010).

Embora o casamento seja tipicamente entre duas pessoas, muitas sociedades admitem que o mesmo homem (ou mais raramente, a mesma mulher) esteja casado com outras pessoas. Embora muito raros, há algumas situações de sociedades em que mais de duas pessoas se casam umas com as outras num grupo coeso. É condição jurídica para a existência de certos direitos, podendo ser entendido no sentido social como manifestação de vontade conjunta, subordinadas a inúmeros pré-requisitos, a uma cerimônia civil, legitimando a união de pessoas.

A instituição do casamento na sociedade ocidental é um dos mais fortes pilares da organização social, sobrevivendo a diferentes regimes políticos, religiões, etc. - é considerado algo natural na vida dos indivíduos. Porém, este é uma construção histórica e cultural, exercendo desde os primórdios duas funções principais: a garantia dos direitos da propriedade e o controle da sexualidade feminina.

No entanto, o modelo nuclear de família tem sofrido profundas modificações e intensas transformações advindas das mudanças provocadas pelas mulheres. Podemos entender que as grandes mutações nos papéis femininos afetaram significativamente os papéis

masculinos e, na medida em que tais papéis se tornavam mais flexíveis, uma maior igualdade passou a existir nas relações maritais que, por sua vez, também se modificavam (Dessen, 2010).

Butler (2003) nos diz que o matrimônio é apenas uma forma de organizar a sexualidade, o parentesco e que esta organização deve abrir-se a todos os tipos de casais que desejam um contrato matrimonial. De qualquer forma, o casamento muda. São diferentes graduações, mas há uma verdadeira renovação do matrimônio convencional. Ela espera que as conjugalidades possam respirar, abrir-se e participar de um tecido social mais amplo, repensando algumas de suas normas constituintes.

Há hoje uma gama de experimentações dissidentes que tensionam as antigas coerções tão rígidas que antes pesavam sobre o casamento, que foi reduzido a uma escolha individual e pressupõe apenas o amor mútuo e um ideal comum de felicidade a ser realizado: amar, educar os filhos, ser fiel etc. ‘Liberto’ do peso das antigas tradições, o casal se vê obrigado a dar um sentido à uma relação fundada exclusivamente na fragilidade de um sentimento.

Neste sentido, a conjugalidade exclusiva se depara com práticas não exclusivas que estão à margem da sociedade, como o *swing*, por exemplo. Embora esses casais digam que são sexualmente fiéis, a maioria os considera adúlteros, adeptos promíscuos do *swing*, que desrespeitam os sagrados laços do matrimônio, os votos de casamento, monogamia, bem como a sacralidade da unidade familiar, que é inviolável para a maioria dos grupos sociais que tem por base a monogamia sexual.

Segundo Goldenberg (2006), “Numa época em que os casais não acreditam em amor eterno, é interessante pensar na idealização da fidelidade, que permanece fortíssima, inclusive nas relações extraconjugais” (p.17). Observa-se que, tanto no casamento quanto nos casos extraconjugais, a fidelidade é um ideal regulatório. No entanto, a relação entre valores, discursos e comportamentos se mostra extremamente complexa e paradoxal quando a questão é a (in)fidelidade.

Nem todas as pessoas valorizam assumem os pressupostos de conjugalidade baseados na monogamia e na fusionalidade do casal. Homens, por exemplo, normalmente afirmam não haver nada de errado com os seus casos, uma vez que estes acontecem apenas pelo sexo sem nunca envolver proximidade ou afeto. Outros homens afirmam que não há nada de errado em ser infiel, uma vez que não mentem para suas amantes em relação aos seus status maritais. O valorizado aqui é a honestidade com as mulheres fora do casamento e a desonestidade com a mulher em casa (Goldenberg, 2006).

Em relação às mulheres, estas consideram que suas infidelidades não são um problema na medida em que elas são respeitadas e estão envolvidas em um estado de paixão. Em suas opiniões, o fato de os casos serem mantidos no mais absoluto segredo demonstra que a traição não é um ato hostil e nem uma tentativa de prejudicar o próprio casamento ou parceiro (Goldenberg, 2006).

Mesmo com a intensa rapidez nas mudanças sociais e culturais, as que ocorrem com a conjugalidade são parciais, reunindo, em uma mesma relação, fatores característicos de épocas remotas do patriarcado e outros fatores mais contemporâneos, com aspectos típicos de relações mais igualitárias (Neto & Strey, 2008, p. 56).

Quando se fala em relações extraconjugais, pesquisas apontam que tanto homens quanto mulheres estão se relacionando mais extra conjugalmente do que antes. Porém, homens e mulheres estão buscando construir relações que tem por base o amor, a sexualidade e o entendimento do casamento na sua diversidade. As mulheres estão procurando relações que lhes satisfaçam as necessidades, enquanto os homens estão empregando empenho na construção de relações mais satisfatórias e igualitárias (Goldenberg, 2006).

A monogamia sexual é concebida como natural, configurando-se hegemônica na maior parte dos relacionamentos ocidentais. Assim, está presente na legislação, nas tradições religiosas, nas sociedades e poucas são as alternativas de constituição de outros modos de vida envolvendo formas conjugais. A sexualidade é uma dessas áreas bem concentradas da vida humana em que muitos fatores se unem: amor, casamento, emoções, filhos, poder, dinheiro... Como há muita coisa em jogo, a sociedade faz o que pode para regulá-la. Porém, alguns casais do mundo ocidental infringem a norma da monogamia do casamento compartilhando o cônjuge com outros, até mesmo com estranhos que acabaram de conhecer. No seu modo de ver, continuam sendo amorosos e emocionalmente fiéis.

A vida sexual dos casais que praticam *swing* afrontam os conceitos culturais de como deve ser uma relação amorosa. Esta prática apareceu como um elemento tabu para a percepção da sociedade porque desafia radicalmente nossas convicções fundamentais sobre o que é a família, a monogamia e, dentro do ideal fusional do amor romântico no qual sexo e amor estão inextricavelmente relacionados, que não se pode separar amor e sexo e que manter relações sexuais com outros/as parceiros/as que não o/a cônjuge configura adultério.

A sociedade tende a considerar o *swing* uma traição sexual, como o adultério, mas seus praticantes não se consideram adúlteros já que o sexo extraconjugal se dá com mútuo consentimento. Adultério e *swing* são muito diferentes. O adultério é praticado escondido e

sem o consentimento do parceiro, que é enganado. Quando e se é descoberto, pode ter efeito devastador sobre os relacionamentos.

Goldenberg (2006) ressalta que, neste sentido, a infidelidade continua sendo um dos principais problemas em um casamento. Diz-nos que é muito mais comum encontrar homens e mulheres infiéis do que fiéis. Paradoxalmente, a infidelidade continua sendo vista como um comportamento inadequado e é percebida como um desvio, um problema gravíssimo e inaceitável, mesmo para aqueles que a praticam.

O adultério, segundo a antropóloga Helen Fisher (2009), é tão comum quanto o casamento. Apontam as pesquisas que os homens traem basicamente por sexo. Já na complexidade da psique feminina, os motivos são os mais variados. Mas é fato que a rotina e o desinteresse dos cônjuges pela relação levam ambos a buscarem o preenchimento destas lacunas (Goldenberg, 2006).

Existem culturas e subculturas em nossa sociedade nas quais se espera que as pessoas casadas tenham casos. Para os homens tal fato se constitui como um mecanismo para a inteligibilidade social da masculinidade. A regra é que estes sejam mantidos em segredo. O valor equivalente é que o cônjuge jamais deve ser colocado na posição de ter que lidar com essa realidade desagradável. A honestidade, portanto, não é vista como uma virtude, e sim, como um ato brutal e desagradável.

Segundo Rodrigues (2012), podemos observar através dos discursos dos homens casados, que é natural a esposa não ser a única parceira sexual. Os mandatos culturais definem a sexualidade masculina como indomável, ou seja, o homem não deve desprezar as oportunidades de contato sexual, bem como postulam que correr riscos é um elemento essencial da masculinidade. Neste sentido, percebemos que as relações extraconjugais fazem parte da realidade da vida de homens casados.

Por conseguinte, o ideal homofóbico como regulador e garantidor da virilidade heterossexual produz e fortalece a identidade e a dominação masculina dentro de um duplo paradigma naturalista, no qual os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Essas desigualdades são sistemas dinâmicos nos quais algumas vantagens são dadas aos homens em detrimento das mulheres (Weltzer-Lang, 2001). O exercício da sexualidade e a fidelidade, por exemplo, são processos naturalizados e relativizados dentro dessa lógica binária e sexista.

Para o autor acima citado, há dois mundos para a maioria dos homens casados: o mundo de “dentro”, aquele em que está o seu casamento; o mundo de “fora”, das relações extraconjugais. O significado da fidelidade perpassa esses dois mundos. “Casa” e “rua” são

categorias opostas e complementares. Nestes espaços, os homens mantêm relações sexuais com parceiras diversificadas, além da esposa, obviamente. O significado da fidelidade, então, se vê totalmente entrecortado pela cultura definidora dos padrões de masculinidade, bem como dessas relações que ocorrem dentro e fora do casamento.

Alguns definidores para o que vem a ser fidelidade aparecem nos discursos masculinos, tais como: respeito e companheirismo. A fidelidade masculina, muitas vezes, está associada ao comportamento da esposa ou a complementaridade sexual do casal. Uma esposa deve ser criativa e sedutora além de precisar buscar manter a satisfação do marido garantida para que, dessa forma, seu esposo se mantenha o mais distante possível das relações extraconjugais. Em todo caso, é o julgamento e o desejo masculino que conta. Quando a esposa “falha” em um destes quesitos está levando o cônjuge a buscar essa satisfação não recebida fora do casamento.

A fidelidade, portanto, diz respeito aos sentimentos de amor, respeito, consideração, companheirismo e outros vínculos próprios do casamento, exclusivos da relação com a esposa. Nas relações fora do casamento, o que prevalece não são tais sentimentos, e sim que a representação de que se faz sexo pelo sexo. Isso, segundo uma considerável parcela masculina, não fere e nem interfere na relação com suas mulheres.

Outro elemento cultural bastante significativo é a crença em uma natureza masculina determinada pela necessidade de sexo, pelo instinto animal incontrolável. Esse entendimento logo entra em ação quando o homem é abordado por outra mulher, pois, neste caso, ele não pode dizer não, primeiro, porque é homem e, segundo, porque não é homossexual. Observamos, então, a legitimação cultural de uma natureza exacerbadamente sexual no homem que lhe foge ao próprio controle.

Os namoradores são caracterizados tanto por seu amplo raio de ação sexual quanto por sua preocupação com o gênero. Os namoradores são aquelas pessoas que requerem uma mudança regular de parceiros sexuais. Eles utilizam esse elenco de apoio sexual para se protegerem de estabelecer e manter um compromisso com apenas um parceiro (Pittman, 1994, p.120).

Consequentemente, a construção da fidelidade parte de uma visão cultural do masculino e do feminino, que é reelaborada a cada inserção de novos elementos culturais, o que nos possibilita novas formas de entendimento referentes à conjugalidade, ainda que estas estruturas de dominação ainda se mantenham atuais. Não podemos deixar de levar em conta a emancipação feminina, que vem rompendo tais estruturas machistas e levando também a mulher a uma autonomia sexual.

Contudo, a traição, segundo Goldenberg (2011), muitas vezes é vista como benéfica ao casamento, uma vez que as relações extra-conjugais servem para revalorizar o casamento, principalmente quando este já caiu na rotina. No limite, até ajuda a mantê-lo. O que dá à traição um caráter positivo. Essa resignificação, porém, serve como estímulo a tais relações fora do casamento que, no *swing*, são realocadas na experimentação e vivência da conjugalidade dentro do casamento como uma forma de manutenção da vida sexual satisfatória para ambas as partes.

Cabe resgatar ainda que a função do sexo no casamento muitas vezes é satisfazer as necessidades masculinas, o que o torna fundamental no dia-a-dia conjugal, inclusive porque, não tendo sexo em casa, é possível que o homem vá procurar fora de casa. O respeito pela esposa, então, em alguns casos, é ter cuidado quando a questão envolver outras mulheres, por exemplo, o uso da camisinha pode ser entendido como respeito pela esposa.

Para as mulheres, em contrapartida, culturalmente, a infidelidade reside na esfera de querer e não poder, ou sequer poder querer. Há ainda muita culpa envolvida no ato, ou mesmo até nas fantasias de traição. Esta aparece, muitas vezes, como uma ação reativa à conduta masculina, uma vez que a infidelidade é uma prerrogativa dos homens. Querer para as mulheres não equivale a poder, como parece ser o caso dos homens. Prevalece, assim, a desigualdade de gênero em relação à vivência, real ou fantasiada, da infidelidade conjugal. As mulheres permanecem sob o julgo da dominação masculina, mesmo quando parecem romper com ela (Pittman, 1994).

De outra parte, a postura feminina diante da infidelidade masculina traz um ganho secundário. Culpabilizando os seus respectivos maridos por suas más condutas, aliviam o sentimento de culpa que surge mesmo quando a traição fica apenas no plano da fantasia ou só em determinadas carícias sem a finalização do ato sexual em si. Afinal, a culpa é dos seus maridos, potencialmente traidores (Pittman, 1994).

Se o namorador é suficientemente bem sucedido na vida e acumulou bastante poder, a esposa pode sentir que fez um ótimo negócio. Ela pode obter apenas uma fração da sua sexualidade, mas obtém todos os direitos legais e o prestígio que uma esposa de verdade teria de um casamento de verdade. O preço que ela paga em ansiedade, solidão e humilhação pode fazer as recompensas parecerem poucas, no entanto. Se o namorador é assaz malsucedido, o que é ainda mais provável, a esposa pode ter a esperança de ser finalmente necessária e apreciada. Ela não será, mas continuará tentando (Pittman, 1994, p. 139).

Segundo Goldenberg (2006), as mulheres não se assumem enquanto sujeitos da traição, mas sim evocam a culpabilização do parceiro infiel e/ou pouco dedicado como

motivação para um ato que eles costumam explicar como uma mistura de atração física, vontade, tesão, oportunidade, galinhagem, natureza masculina, instinto. A infidelidade feminina, então, poderia ser pensada como um fenômeno derivado da contrapartida masculina tendo um sentido orientado pelo desejo de vingança.

Muitas mulheres, por carência, acabam por trair seus maridos. Ao passo que eles alegam que muitas vezes traem por não terem satisfeitas as suas necessidades pelas esposas. O homem doméstico corre o risco de ficar mecânico, de não mais valorizar a sua mulher, de cobrar mais do que dá (Goldenberg, 2006). Portanto, lidar com atividade sexual, manutenção dos laços afetivos e da relação conjugal, principalmente nos dias atuais, tem se tornado um grande desafio. Afinal, as relações estão cada vez mais frágeis.

Nos compromissos duradouros, a razão moderna vê uma opressão, um aprisionamento da liberdade individual. A crescente individualização dos gêneros fomenta transformações nas esferas sociais e privadas. Além do que, a nossa sociedade capitalista acaba por transformar os relacionamentos em materiais descartáveis. Afinal, o que caracteriza o capitalismo é o uso e o descarte dos bens e serviços para rapidamente dar lugar ao uso de outros bens e outros serviços, segundo critérios de novidade, variedade e velocidade.

A permanência de valores tradicionais, como estabilidade, segurança, fidelidade e outros considerados modernos como experimentação, privacidade, autonomia e independência, encontram-se em tensionamentos e realocações na contemporaneidade. (Goldenberg, 2006). Ou seja, há um contraste entre o valor da fidelidade conjugal e os expressivos índices de infidelidade. Consideramos que há uma fidelidade ilusória: apesar da alta probabilidade de que o parceiro/a seja ou tenha sido infiel, o desejo corrente é acreditar no contrário. Neste sentido, buscamos o *swing* das significações da heteroconjugalidades em práticas ‘presumidas’ dissidentes.

CAPÍTULO 2. O SWING: (DES)FAZENDO O GÊNERO DO CASAL?

2.1 Um passeio pela invenção do *swing*

A troca de casais é um costume antigo já praticado por algumas culturas, como no caso dos *Iñupiat*, no Alasca, que utilizam a prática para garantir auxílio nos tempos difíceis. Outro exemplo é a Roma antiga, cujas orgias eram justificadas através das celebrações ritualísticas de comemoração às colheitas, à fertilidade da terra, ou à política da cidade. Não existe um consenso quanto ao início do *swing*, no entanto, a origem mais conhecida é a americana, chamada de “*wife swapping*”, na década de 50. Movimento conhecido como “festas de chaves”, nas quais os maridos depositavam as chaves de seus carros em um recipiente enquanto suas mulheres sorteavam uma e passavam a noite com o homem sorteado. Os casais praticantes de *swing*, portanto, decidem explorar a sua sexualidade dando vida às fantasias e compartilhando prazeres com seus cônjuges em conjunto com outros casais (Santos, 2010).

Nos textos de vários sites específicos para casais *swingers* há uma valorização da prática como uma vivência mais democrática de relacionamento amoroso, como podemos ver no texto abaixo retirado do site¹¹ de uma casa de *swing* na cidade de Fortaleza:

Swing não é ilegal, nem perversão, nem prostituição e nem promiscuidade. É a forma mais unida que um casal tem para realizar suas fantasias e sair da rotina sem traição, de forma muito agradável e responsável, com prazer, cumplicidade, segurança, higiene e discrição. Homens e mulheres podem liberar suas fantasias juntos, e serem muito felizes, com um tempero novo ao relacionamento, sem precisarem esconder nada um do outro. Um casal liberal flexibiliza isto e muito mais. Mentis abertas onde tudo pode ser conversado. (Carlos e Dayse – casal *swinger*)

Muitas pessoas comparam o *swing* com o adultério, muito embora os seus praticantes não se considerem adúlteros uma vez que a prática é de consentimento mútuo e o adultério se dá à revelia do parceiro/a. Vale ressaltar que estudos¹² apontam que uma grande proporção das pessoas casadas acaba por ter um ou mais casos extraconjugais ao longo da vida.

O *swing* é um exemplo de casamento aberto que envolve relações sexuais fora do casamento mediante o consentimento das partes envolvidas. Ambos os parceiros podem satisfazer seus desejos das mais variadas formas, podendo configurar trios, casal com casal,

¹¹ <http://www.revolutionce.com.br>

¹² Goldenberg, 2009

sexo em grupo, troca ou não de parceiros nas quais estes podem ou não estar presentes, dentre outros. Não existe consenso quanto à abrangência do termo. Tipicamente, considera-se *swing* quando um casal, de comum acordo e sem envolvimento emocional, inclui uma ou mais pessoas numa relação sexual (Bértolo 2009).

Segundo Navarro (2012) o *swing* chegou à classe média ocidental em meados dos anos 70, nos Estados Unidos, muito embora essa prática tenha sido vivida em outras civilizações. Os esquimós, ao saírem para caçar, emprestavam suas mulheres aos vizinhos, tendo em vista a preservação destas devido às baixas temperaturas e à solidão. Os maridos chineses, até a Revolução Cultural, alugavam suas esposas quando precisavam se ausentar e os filhos nascidos neste período pertenceriam ao marido que se ausentou.

Nos Estados Unidos, segundo o Clube de *Swing* da América do Norte, calculam mais de cinco milhões de adeptos. No Brasil, nos últimos dez anos, aumentou significativamente o número de casas especializadas bem como o número de casais adeptos (Navarro, 2012).

Contudo, não se pode precisar a origem do *swing*. Nos anos 1950, nos Estados Unidos, a “troca de esposas” ou “*wife swapping*” acontecia nas “festas de chaves” nas quais os maridos depositavam as chaves de seus carros em um depósito no centro de uma sala e as esposas, aleatoriamente, sorteavam uma chave e passavam a noite com o sorteado (Weid, 2010).

Existe também outras versões, como a de Gould, jornalista americano que associa a origem do *swing* nos Estados Unidos aos soldados norte-americanos devido a alta taxa de mortalidade destes. Devido aos laços de amizade entre os pilotos era acordado que, em caso de morte ou desaparecimento de um deles, os outros amparassem as esposas solitárias tanto emocionalmente quanto sexualmente. Atualmente, existe uma associação chamada NASCA (North American *Swing* Club Association) que tem como objetivo disseminar e informar sobre a prática (Weid, 2010).

O *swing*, ao longo do tempo, assumiu várias formas e nomes e ganhou forma durante o século XX nas festas onde as pessoas praticavam atividades sexuais de forma aberta. O grande motor dessa atividade na contemporaneidade é a internet, que possibilita aos casais *swingers* uma comunicação mais rápida e visual com outros casais, tanto para os mais antigos quanto para os iniciantes na prática (Bértolo, 2009).

Há códigos, entretanto, que devem ser observados para a prática do *swing*, quais sejam: o consenso entre o casal referente à prática; a boa fase do relacionamento, uma vez que não se deve procurar no *swing* soluções para crises no casamento; o respeito à vontade alheia; o sigilo sobre o que acontece nas casas especializadas ou nas festas; sutileza quando da

aproximação com outros casais; anonimato; dentre outras (Navarro, 2012). O mais importante talvez seja “não desejar a mulher (ou o homem) do próximo quando o próximo não estiver próximo” (Weid, 2010).

É difícil imaginar se a prática do *swing* vai se consolidar como instituição social ou se é apenas um fenômeno casual. Mas, ela sinaliza, sem dúvidas, para um novo patamar de consciência da divisão entre amor e sexo (Navarro, 2012, p.23).

Os papéis desempenhados por homens e mulheres no *swing* apontam uma distinção clara: mulheres podem se relacionar sexualmente com outras mulheres, no entanto, os homens evitam qualquer contato que possa levar a uma conotação sexual entre si. Devido a tal fato, embora o *swing* seja considerado como uma prática liberal se pode verificar a existência de certas atitudes consideradas machistas e preconceituosas (Weid, 2010).

A prática masculina do desejo, neste sentido, deve se manifestar por meio de práticas apropriadas, ou seja, o homem como o “penetrador”, aquele que assume o papel ativo. Mostrar o interesse em uma relação homem x homem, pode ocasionar estigma e exclusão. As mulheres, ao contrário, são incentivadas por seus companheiros a manterem relações com outras mulheres sem sofrerem suspeições. Em contrapartida, os homens *swingers* desafiam “um dos grandes tabus e fonte de descrédito nas brincadeiras e piadas comuns em nossa sociedade, a figura do corno” (Weid, 2010).

Bértolo (2009), diz que, quanto à fidelidade, os casais que praticam *swing* distinguem dois tipos, quais sejam: a fidelidade sentimental, que garante o laço conjugal; e a fidelidade sexual, que garante a exclusividade sexual do/a parceiro/a. Entende-se que a fidelidade sentimental para a maioria dos casais encontra-se intimamente relacionada com a fidelidade sexual. Para os casais que praticam *swing*, no entanto, a fidelidade valorizada é a emocional, e não, a sexual. A infidelidade se caracteriza pelo não cumprimento dos acordos entre um dos parceiros/as.

Neste sentido, pode-se considerar que esses casais são monogâmicos afetivamente e poligâmicos sexualmente. No entanto, há regras que servem de medida de proteção da relação, bem como da prevenção do ciúme. As regras mais comuns dizem respeito à lealdade para com a relação; restrição nas relações conjugais sem consentimento; não envolvimento emocional com outros parceiros e honestidade (Bértolo, 2009).

Alguns casais pensam no *swing* como uma possibilidade de melhorar o relacionamento, porém, é considerado importante para um casal *swinger* ter forte ligação

emocional; gosto pela relação sexual e abertura para novas experimentações; abertura comunicacional; a existência de amor no casamento, dentre outros (Bértolo, 2009).

Há uma escala chamada *Escala de Dionísio* que fala dos níveis de atividade no *swing*: no nível 1, o casal compartilha sua sexualidade à distância, através de e-mail ou *webcam*; no nível dois, normalmente, o casal se envolve com uma mulher; no nível três, o casal tanto pode praticar sexo observando outras cenas de sexo, quanto se deixar ver por outros casais; no nível quatro, o casal interage sexualmente com outro casal ou com um *single* (homem ou mulher solteiros) tendo em conta as regras e os limites preestabelecidos; no nível cinco, acontece a real troca de casais onde ambos fazem sexo com outros casais, sendo que estão sempre juntos e a partilha é equitativa; no nível seis, não há limites, ou seja, os casais podem nem sempre estar juntos. É importante ressaltar que esses níveis não são estanques e nem estágios de evolução, bem como os casais podem estar em um ou mais ao mesmo tempo (Bértolo, 2009).

Conforme a autora acima citada, as principais razões para os casais aderirem ao *swing* são muitas, dentre elas, podemos destacar a variedade de experiências e parceiros/as sexuais; a vivência de um estilo de vida que desafia as normas da sociedade; o prazer de observar seu/sua parceiro/a durante práticas sexuais com outras pessoas; a perda de certas inibições sexuais; a possibilidade de se sentir desejado/a; o aumento do desejo pelo/a parceiro/a, dentre outros.

Outros aspectos ressaltados pela referida autora são as consequências que podem envolver a prática, entre as negativas estão o ciúme, a ameaça ao casamento, advinda do desenvolvimento de ligações emocionais com outras pessoas, o medo de serem descobertos, incapacidade da mulher de viver essa prática; como pontos positivos, o aumento do interesse e da excitação sexual, maior comunicação, honestidade e afeição entre os cônjuges, uma maior união e fidelidade emocional, além de melhor comunicação onde é possível comunicar abertamente desejos e fantasias sem culpas, vergonhas ou medos (Bértolo, 2009).

Estudos¹³ apontam que há uma estreita relação entre as interpelações de gênero masculinas e femininas e as suas práticas sexuais. Ressalta que essa observação se faz mais evidente em ambientes tais quais as casas de *swing*. Buscar compreender o comportamento desses casais é uma tentativa para trazer contribuições sobre o que há de novo e o que se repete em termos de conjugalidades. “A prática e o comportamento desses casais são excelentes pontos de partida para se refletir sobre os modelos e as condições que envolvem a construção de uma identidade de gênero em uma sociedade como o Brasil” (Weid, p.2).

¹³ Von der Weid, 2010.

É interessante refletirmos, porém, que os adeptos do *swing* não fazem demarcações públicas em termos de reivindicações sociais ou políticas, tendo em vista que estes casais presam suas identidades através do anonimato, procurando manter seus comportamentos ocultos para que os outros campos de suas vidas não sofram estigmatizações ou qualquer outra forma de preconceito (Weid, 2010).

2.2 Casamentos e conjugalidades

O casamento tem se mostrado uma instituição muito resistente, capaz de adaptar-se e sobreviver a diferentes momentos históricos e mudanças culturais e a crises de intensidades variadas. A construção da fidelidade, um dos dispositivos centrais na regulação das formas de conjugalidade monogâmica, parte de uma visão cultural do masculino e do feminino, que é reelaborada a cada inserção de novos elementos culturais, o que nos possibilita novas formas de entendimento referentes à conjugalidade, ainda que estas estruturas de dominação ainda se mantenham atuais.

Segundo Bértolo (2009), o casamento, como instituição, remonta ao período pagão. Em meados de 392, a Igreja impôs ao estado o enquadramento dos laços conjugais contribuindo para a forma monogâmica dessa instituição. A industrialização e a entrada da mulher no mercado de trabalho veio alterar sobremaneira a forma das funções familiares na modernidade.

Arriès (1982) nos conta que as finalidades essenciais da união matrimonial eram econômicas, no sentido de aumentar bens e, ao ter filhos, uma garantia contra a velhice, além de um maior reforço na consumação de alianças. De um modo geral, casar era assegurar proteções contra a miséria, a doença e até contra a concupiscência. O casamento, neste sentido, marcava o nascimento de produção e reprodução que supunha diferenciação de funções bastante nítida entre os cônjuges.

Por volta dos séculos IX e XII o casamento ocidental foi implantado tal como o praticamos ainda hoje, sob forma laica, com uma abertura para a possibilidade do divórcio, mas sob a égide do direito. O ato é essencialmente privado, embora também seja público onde os noivos e seus parentes se cercam de uma audiência que testemunham a realidade e o assentimento da comunidade (Arriès, 1982).

Priore (2012) relata que no nordeste, no século XIX, a preocupação com o casamento das filhas moças era uma constante. Logo passadas as “primeiras regras” e a mocinha tivesse seu corpo transformado, os pais já começavam os encaminhamentos da jovem para o

matrimônio. Aos doze anos tinha início à confecção dos enxovais, bem como os conselhos para que as moças tivessem comportamento exemplar e repleto de solicitude. Inculcavam na vida feminina uma valorização da vida matrimonial.

A filha mais velha devia casar-se primeiro. O casal não podia se expor a sós para evitar contatos sexuais antes das núpcias, a virgindade das moças era vista como primeira condição para o contrato matrimonial se efetivar, a conquista e o galanteio deveriam partir dos rapazes e, devido a um mercado matrimonial relativamente restrito, as noivas deviam se contentar com maridos disponíveis e possíveis, que nem sempre eram os desejados (Priore, 2012).

Moça de elite casava debaixo de cuidados, observações e recomendações de toda a sociedade, entre os 15 e 18 anos, pois se passasse dos 25 anos sem se casar seria considerada “moça-velha”, “moça que tinha dado o tiro na macaca”, ou ainda moça que chegara ao “caritó” (Priore, 2012, p.259).

Segundo Priore (2012), os casamentos de “bom gosto” eram acompanhados de uma grande festa que durava dias e onde se consumia bastante comida e bebida tendo em vista ostentar fartura diante dos rivais. Já os casamentos mais pobres, não tinha o acerto entre famílias nem envolvia dotes, muito embora, também possuísse grande valor.

Existia também os casos de “rpto consentido”. O noivo podia não ter tido relações sexuais com a noiva, no entanto, esta era depositada na casa de uma pessoa importante ou na do juiz da localidade vizinha, onde já se tinha combinado asilo. Os pais, então, não tinham outra alternativa a não ser casar a filha, pois sua honra, bem como a honra da família se viam prejudicadas. Moça raptada que não casava virava “mulher perdida” (Priore, 2012).

Nas relações conjugais do sertão havia intenso nível de violência, não exclusivamente física, mas também em termos de desprezo, humilhação e abandono. A escolha matrimonial, como se dava basicamente por fatores econômicos e políticos, deixavam pouco espaço para a afinidade sexual ou o afeto. A mulher casada, além do mais, passava a não mais se perfumar, não mais comprar roupas novas, nem enfeitar seus cabelos com fitas e passava a se vestir somente de preto. “Sua função era ser mulher casada para ser vista somente por seu marido”. (Priore, 2012, p.269) Como mulher e esposa seu valor estava diretamente ligado ao seu recato e honestidade.

Segundo Béjin (1982), nas sociedades ocidentais contemporâneas, temos visto um novo fenômeno que busca conciliar os comportamentos da antiga sociedade com as mudanças atuais, qual seja, o da coabitação, que não se assimila à prostituição nem à promiscuidade sexual, apesar de não ter o caráter oficial e cerimonial do casamento tradicional. Para os

coabitantes, o entendimento sexual é absolutamente necessário, ou suficiente para que a relação se mantenha.

Arriès e Duby (2009), ao falarem sobre a História da vida privada, relatam que na contemporaneidade emerge a reivindicação de um novo casal, mais unido e no qual as esposas já não mais hesitam em se deleitarem com o erotismo. Esse novo entendimento, estabelece um homem mais preocupado com o prazer de sua parceira.

Alguns elementos são considerados determinantes nas transformações familiares contemporâneas, quais sejam: o movimento feminista; a alteração dos paradigmas na sexualidade humana pela desvinculação entre o ato sexual e a procriação; a facilidade ao divórcio como resolução das insatisfações matrimoniais e as mutações dos valores éticos da sociedade, apenas para citar alguns.

Corroborando essa premissa, Osório (2011) nos diz que vivemos na contemporaneidade multiplicidades intensas e velozes de mudanças nos mais diversos âmbitos. As relações familiares e conjugais figuram dentre as mais significativas transformações já vividas em nossa época.

Não tem mais de um século – e um século é período de tempo assaz curto em se tratando da história da civilização – o reconhecimento do direito das mulheres [...] de não ficarem restritas ao exercício da maternidade na clausura de um matrimônio ao qual não chegavam habitualmente por vontade própria [...]. Os homens aprisionavam suas inclinações amorosas para desempenhar o papel de macho que deles se esperava (Osório, 2011, p.17).

Tendo em vista tantas mudanças, podemos pensar como Osório (2011), na possibilidade de construção familiar no sentido de novos e mais satisfatórios padrões relacionais, considerando que, no nosso contexto atual, a despeito da liquidez das relações, os casais estão buscando cada vez mais relacionamentos igualitários e de parceria, onde as interpelações de gênero podem ser mais fluídas e menos perversas.

No entanto, ao pensarmos nos casais *swingers* que intentam uma relação de parceria e maior liberdade sexual, Bauman (2004) nos convida a pensar que as mudanças são jubilosas, no entanto, a volatilidade continua incômoda. O problema é como manter o sexo mais liberado e, ao mesmo tempo, na fôrma, se não dispomos mais de estruturas.

Este autor ressalta que, em relação às “vítimas de sexo puro” (p. 31) quando olhamos mais de perto, percebemos anseios não realizados, amores frustrados, nervos em frangalhos, sofrimentos, medos, solidão, egoísmo, compulsão à repetição, dentre outros. Neste sentido, a abstinência, a monogamia e a promiscuidade estão igualmente distantes da livre vida da

sensualidade que ninguém conhece. “Mas ainda assim se pode tentar, e de fato se tenta, e por mais adversas que sejam as probabilidades, dificilmente desistimos de tentar muda-las em nosso favor” (p. 34).

Os casais *swingers*, a partir das articulações com o pensamento de Bauman (2004), parecem afrouxar um pouco os grilhões que apertam as conjugalidades, concordando em tornar menos obrigatórias as consequências advindas da “poligamia sexual” (Weid, 2010), sendo cúmplices nos esforços despendidos para rechaçar as consequências incertas dos encontros sexuais, uma vez que todas as partes interessadas estão diretamente envolvidas.

Giddens (1993) ao falar do “relacionamento puro” – puro no sentido de frágil -, afirma que este tende a ser, nos dias de hoje, a forma predominante de convívio humano, nas quais os casais entram tendo em vista àquilo que cada um pode ou não ganhar e apenas continua enquanto ambas as partes estejam satisfeitas para participarem da relação.

O relacionamento puro, para Giddens (1993) difere do casamento tradicional uma vez que este um dia foi considerado uma condição natural cuja durabilidade era garantida, exceto em situações extremas. O primeiro, entretanto, não mantém o compromisso incondicional do tipo “até que a morte os separe” e as promessas “na alegria e na tristeza, na saúde e na doença” estão sendo cada vez mais evitadas como armadilhas para os casais de relacionamento puro. A conjugalidade é boa enquanto continua boa.

Giddens (1993) fala que existe um conhecimento compartilhado de que todos os relacionamentos são puros, ou seja, frágeis, e que neles, dificilmente, a confiança pode “fincar raízes e florescer” (p.52). Tendo em vista o afrouxamento das parcerias se observa nos casais uma supressão do sentimento de confiança. A prática do *swing* ao afrouxar as obrigações da monogamia sexual, dentro dos limites do consenso, pode reforçar o sentimento de confiança e cumplicidade dos casais, uma vez que as regras são claras e os não-ditos são proibidos. A parceria, posto que é uma “coalizão de interesses confluentes” (Bauman, 2004, p.20), se mantém entre esses casais numa manutenção comunicacional onde ambos se disponibilizam para perdas e ganhos.

2.2.1 Separando sexo e amor nas conjugalidades?

Féres-Carneiro (1998), ao falar sobre a dificuldade de ser casal, nos faz refletir sobre a problemática de o casal encerrar, ao mesmo tempo, duas individualidades e uma conjugalidade. São dois sujeitos, duas percepções de mundo, dois projetos de vidas, dentre outros que, na conjugalidade, convivem com um projeto de vida do casal, uma história de

vida conjugal, um desejo conjunto, uma identidade conjugal – que entendemos como múltipla e fragmentada. Neste sentido, cada casal cria seu modo de ser/fazer/construir/desconstruir casal e tal fato é o que vem definir a existência conjugal e determinar os limites de cada um. A definição de casal, portanto, tem dois parceiros e um modelo único de conjugalidade.

Flandrin (1981) ressalta que o amor esteve presente na literatura ocidental desde o século XII, sem que este seja relacionado ao amor conjugal, pois a função do casamento era ligar duas famílias e permitir a sua perpetuação, e não a satisfação do amor entre duas pessoas. O amor-paixão, neste sentido, era extra-conjugal e só vai entrar nas conjugalidades a partir do século XVIII, quando um novo ideal de casamento vai se construindo aos poucos no Ocidente. Atualmente, não há dúvidas quanto ao amor-paixão conjugal. Não mais se aceita que um casal se case sem desejo e sem amor.

Segundo Costa (1998), podemos pensar em amor e sexo como categorias socialmente construídas. No entanto, mantemos a crença na universalidade e na naturalidade do amor mesmo que essa experiência universal não se repita em todas as culturas. “Em geral, interpretamos essas anomalias como sinal de atraso cultural ou da presença, na sociedade, de dispositivos anti-amorosos que julgamos contrários à natureza” (p.14).

O sexo, segundo este autor, foi e ainda é o ponto de apoio para identidades sexuais. Afirma que, na Grécia Antiga, a prática erótica tinha por escopo construir identidades subjetivas submissas às necessidades da pólis; já na modernidade, as práticas sexuais tentam produzir as regras nas quais as vidas privadas devem seguir. Neste sentido, o amor, diferente do sexo, se configura como um aspecto da relação intersubjetiva; e o sexo, se aproxima de uma codificação moral.

Costa (1998) ressalta que, no Ocidente, não sofremos com proibições para amar. No entanto, conhecemos a proibição de termos relações sexuais ou contrairmos vínculos matrimoniais dentro de certo círculo de parceiros. O amor moderno, portanto, nunca foi regulado “pelo modelo disciplinar da transgressão/condenação/punição ou obediência/aprovação/premiação” (p.33). A prática do *swing*, nesta esteira, se presta a controvérsias em questões sobre o que se é livre ou não para fazer tendo em vista uma vida melhor, mais verdadeira ou mais feliz.

No momento é isto que acontece. Quando não realizamos o ideal imaginário do amor, buscamos explicar a impossibilidade culpando a nós mesmos, aos outros ou ao mundo, mas nunca contestando as regras comportamentais, sentimentais ou cognitivas que interiorizamos quando aprendemos a amar. Da mesma forma que o sexo religioso ou médico-científico normatizou as experiências de prazer do sujeito criando divisões entre o moral e o imoral, o normal e o anormal, o amor-romântico

encampou a ideia de felicidade sentimental, criando seus párias e cidadãos de primeira classe. (Costa, 1998, pp.34-35).

O ideal, portanto, como diz Costa (1998) tem o assentimento de todos. Aprendemos que o amor romântico é uma tarefa simples e ao alcance de todas as pessoas razoavelmente maduras. Logo, poucos questionam ou duvidam da universalidade deste sentimento culturalmente oferecido. Não problematizarmos esse ideal do amor-paixão-romântico, portanto, mantemos poucas chances de propormos vidas sexuais, sentimentais ou amorosas mais possíveis, menos violentas e mais democráticas.

Entendemos que as conjugalidades podem ser as mais diversas: monogâmicas, poligâmicas (um homem ligado a duas ou mais mulheres), poliândricas (uma mulher ligada a dois ou mais maridos), homoafetivas (entre pessoas do mesmo sexo), endogâmicas (dentro do próprio grupo), dentre outros tipos de conjugalidades. O nosso modelo ocidental é baseado na monogamia, rejeitando outros tipos de formações conjugais. Podemos pensar que cada cultura carrega o seu modelo e, tendo em vista que conjugalidades são modos de vida de cada casal, problematizamos o *swing* como uma forma de fazer casal dentro do modelo de monogamia ocidental.

Weid (2010) nos fala que coexiste nos casais *swingers* uma monogamia afetiva e uma poligamia sexual. Diretamente vinculado a esse paradoxo, está à separação entre amor e sexo. Tal separação aparece nos discursos dos entrevistados ao afirmarem que no *swing* se faz sexo e o amor só é feito entre o casal, pois ambos compartilham uma intimidade que os terceiros, nas relações, não partilham. Preferências e desejos são da ordem pessoal dos casais, resguardados para aqueles que apenas, eventualmente, participam da relação. Nesta esteira, amor x sexo / mulher da casa x mulher da rua se equilibram, a partir da ideia do consentimento.

Os casais *swingers* buscam um poligamia sexual tendo em vista tornarem a relação mais “apimentada” e sem mentiras, dentro dessa regra absoluta da monogamia imposta às conjugalidades ocidentais. Não obstante, como afirma Weid (2010) procuram manter uma monogamia afetiva, no sentido de protegerem a união conjugal e manterem os laços e família intactos. Portanto, o ideal do amor romântico ainda se mantém, embora novos e rebeldes arranjos sejam feitos em vista de uma conjugalidade mais satisfatória para ambas as partes.

Podemos pensar que o amor, ou a busca do amor, tem feito parte da vida da humanidade há séculos. O sentido da vida, em grande medida, passa por essa dimensão de encontro. Observamos que os mais variados discursos elevam o amor romântico e a felicidade do casal monogâmico como o nirvana, a ilha da felicidade. Filmes, livros, propagandas,

dentre outros, nos levam a acreditar que a relação a dois, enquanto casal, além de ser a norma a ser seguida, é o caminho para a verdadeira felicidade.

2.3 O lugar da/na pesquisa: intersecções entre gênero, sexualidade e localidade

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com ‘o novo’ que não seja parte de um *continuum* de passado e presente. Ele cria uma ideia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa parte não apenas retoma o passado como causa social ou presente estético; ela renova o passado, reconfigurando-o como um ‘entre-lugar’ contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O ‘passado-presente’ torna-se parte da necessidade e, não da nostalgia, de viver (Bhabha, 1998, p.27).

Estudiosos e estudiosas no campo da política e da história apontam que a noção de nordestinidade (o/a nordestino¹⁴) se define a partir de articulações político-culturais e econômicas no século XX representando este como um tipo rural não identificado com o mundo moderno e representante de uma tradição agrária e patriarcal, marcada por um tipo viril de homem, masculino, um macho que lutava contra a feminização da sociedade advinda da modernização. No século XXI podemos perguntar: quem é o homem nordestino hoje? As representações de machão, cabra macho, cabra da peste ainda correspondem à realidade ou esse valente não mais tem tanta necessidade de tais afirmações? (Honório, 2009).

A delimitação espacial do nordeste surgiu no final do século XIX e início do século XX, a partir de práticas e discursos do norte do país (produtores, comerciantes e intelectuais) como uma reação às perdas dos espaços políticos e econômicos em uma provável subordinação ao sul do país. Nos anos vinte foi construída a elaboração de um tipo regional nordestino, através de um discurso político e de um movimento cultural encabeçado por Gilberto Freyre, em Recife. A proposta era traçar o perfil de homem da região através do resgate das tradições rurais e patriarcais em que ocorreriam as produções culturais e artísticas. Todas essas práticas e discursos contribuíram para a institucionalização da concepção de nordeste e nordestino (Honório, 2009).

Era necessário criar um novo homem que preservasse antigas tradições e costumes, que resgatasse o modelo viril e masculino, capaz de reagir à feminização da sociedade tendo

¹⁴ O termo nordestino é utilizado aqui apenas para situar e historicizar o recorte desta pesquisa. Ressaltamos que este deve ser tratado de forma localizada tendo em vista não possibilitarmos generalizações. Por esta razão, consideramos importante levar em consideração a formação discursiva que envolve o referido termo o que, culturalmente, resvalou para algumas representações sociais. Ressaltamos que também não é a intenção desta pesquisa traçar nenhum perfil dos homens e mulheres do Nordeste. Intentamos apenas discutir sobre alguns possíveis borrachentos relacionados às questões de gênero – como representação de relações sociais - dos casais que praticam *swing* na cidade de Fortaleza (Ce).

em vista garantir a predominância econômica e política que a região estava perdendo. Segundo Albuquerque Junior (2008), tais transformações masculinizavam as mulheres (na moda, nos cortes de cabelo; nas práticas esportivas, que as desfeminilizavam) e feminizavam os homens (calças apertadas). Portanto, o nordestino foi construído como um homem conservador, rústico, áspero, masculino, um macho capaz de assegurar e sustentar o patriarcalismo em crise, capaz de salvar a sua região da passividade e subserviência (Honório, 2009).

A interpelação de uma identidade nordestina surge, então, pautada a elementos tais como: sertanejo, senhor de engenho ou coronel, caboclo, jagunço, retirante, termos relacionados à força, coragem e virilidade. A emergência dessa identidade se dá em um contexto no qual a masculinidade ocidental se via em crise devido às transformações oriundas da industrialização. A região, então, passa a ser vista como em declínio econômico. Neste sentido, a “nordestinidade” está diretamente relacionada com a masculinidade, sendo a feminilidade associada à força para o enfrentamento das lutas diárias, tendo como foco a obediência ao macho viril defensor do patriarcado: o nordestino (Honório, 2009). É, então, nesse perfil representado pela figura do/a sertanejo/a que o discurso regionalista buscou forjar uma raça forte e homogênea.

A identidade acima citada, então, foi ofertada como elemento definidor de modos de vida para toda a população da área, sendo estabelecidos ideais regulatórios referentes a um tipo nortista reativo às transformações do mundo moderno, um macho exacerbado que parecia se bastar em si, e no qual as mulheres estavam situadas de forma apartada. Neste mundo, não apenas o mundo masculino estava fechado às mulheres, mas também a própria região parecia excluir o feminino, sendo a “mulher macho” uma exigência das contingências da natureza (Albuquerque Junior, 2008). Neste sentido, é importante discutirmos sobre esse conjunto de operações de construção dos gêneros que representam homens e mulheres no Nordeste para além do estereótipo do macho e sua companheira submissa, como forma de questionarmos essa legitimidade social hierarquizada e excludente, bem como tensionarmos a ideia de uma identidade fixa nas quais os homens e mulheres no Nordeste são interpelados.

Historicamente, essas representações de gênero ligadas ao nordeste estão referenciadas a representações que associam a masculinidade a virilidade (o nordestino, portanto, não é qualquer homem, ou seja, é um macho viril, forte, rude, representante do patriarcado), e a feminilidade a submissão e fortaleza. Essa identidade regional, então, encontra-se cruzada com a identidade de gênero, uma vez que essas representações, de certa forma, definem o que é ser homem/mulher no nordeste (Vasconcelos, 2009).

O homem nordestino exercia/exerce controle quase absoluto sobre a vida dos seus familiares, bem como monopolizava as decisões. A mulher, apesar de seu papel subordinado, também poderia assumir alguma liderança referente à harmonização e coesão dos clãs diante do falecimento do marido ou de sua ausência. No entanto, esse fato não constituía um matriarcado. Pelo contrário, a força do patriarcado se mantinha nos papéis que estas assumiam como reprodutoras dos discursos sociais em torno de suas funções como chefes de família (Braga Junior, 2011).

A condição feminina no período colonial deve, no entanto, ser considerada através das variáveis de condição legal (liberdade ou escravidão) e etnia (branca, parda, negra ou índia). A escravidão foi estendida à esfera da sexualidade através das relações senhor-escrava e no uso que alguns senhores faziam destas. Desse modo, o abuso sexual não era considerado nem crime, nem pecado, visto que esses corpos eram propriedades de outros. A escravidão, portanto, moldou uma forma de se pensar o feminino como uma propriedade, na medida em que a maior parte das mulheres chegou aos seus colonos por meio da escravidão. Esse mesmo desprezo era vivido pelas índias, pelas negras e pardas (Braga Junior, 2011).

Os homens poderiam usar de expedientes “pedagógicos” como a violência, por exemplo, para corrigir o comportamento de suas mulheres. Em casos de adultério comprovado era garantido aos maridos o direito de matar as adúlteras desde que se respeitasse certas hierarquias: um servo não podia matar seu senhor caso este adulterasse com sua esposa (Braga Junior, 2011).

A saída dos homens nordestinos para outros lugares em busca de melhores condições de vida, muitas vezes, terminava em abandono de suas famílias. As mulheres, abandonadas e desprotegidas, muitas vezes se uniam a outros em busca de proteção contra abusos. O casamento, no Ceará, servia para reafirmar laços familiares e preservar os territórios. Servia de acordo entre as famílias mais abastadas, sendo símbolo de *status* e diferenciador social. Entre as famílias mais pobres também servia de atributos a serem alcançados, embora não envolvesse os mesmos valores da elite (Braga Junior, 2011).

O casamento sacramentado era também desejado pelas mulheres pobres como símbolo de status, uma vez que homens e mulheres casados eram considerados/as assim dignos/as de respeito. Uma mulher solteira poderia ser interpelada como cortesã. O papel da mulher, então, transitava em um misto de dependência masculina e incapacidade de gerir seu próprio destino. As mulheres que assumiam suas vidas e desejos eram vistas como ameaças, alvos de intensa vigilância social (Braga Junior, 2011).

Ao assumir o *status* referenciado pelo vínculo conjugal, a mulher reservava para si comportamentos éticos que deveriam ser mantidos em prol da dignidade masculina, mais do que em seu favor e satisfação. Caso violassem esse comportamento social instituído através de uma conduta desrespeitosa, punha em suspeição sua respeitabilidade. Para a sociedade, as transgressões às leis da honestidade e do pudor desequilibrava as relações entre homens e mulheres (Rodrigues, 2012).

A história da mulher nordestina é, portanto, uma história de luta através das brechas do patriarcado. Tais fatos evidenciam que os estereótipos de fragilidade e submissão não encontraram o devido eco entre as mulheres, principalmente, àquelas das camadas mais populares (Braga Junior, 2011). As leis culturais determinavam, assim, direitos aos homens e deveres às mulheres, corroborando para uma heteronormatividade entre os gêneros.

Ressaltamos que escolhemos fazer uso dos termos “nordestino” e “identidade nordestina” não com a proposição de fazermos generalizações ou corroborarmos com a ideia de identidades fixas. A nossa intenção é apenas de localizarmos e historicizarmos os nossos interlocutores/as tendo em vista o recorte da pesquisa, bem como aprofundar um pouco mais as especificidades dos casais a que esta pesquisa faz referência.

CAPÍTULO 3. MEANDROS DO MÉTODO

Esta pesquisa movimenta-se nos estudos de gênero e sexualidade, em perspectiva pós-estruturalista, em especial articulação com os estudos culturais, feministas, *queer* e em teorizações foucaultianas. Nossa intenção é operar em análise discursivo-desconstrucionista sobre a produção das heteroconjugalidades e suas formas de contestação ou recapeamento moral.

A contribuição do pensamento pós-estruturalista para esta pesquisa se dá, fundamentalmente, pelo entendimento dos sujeitos como invenções culturais, sociais e históricas, não possuindo propriedades essenciais ou originárias, bem como ênfase no processo pelo qual algo é considerado como verdade e, por fim, na possibilidade de ver na desconstrução dos binarismos e seus efeitos (hierarquia, classificação, dominação e exclusão) uma política pós-identitária que busque não se tornar cúmplice do atual sistema social (Silva, 2011; Louro, 2008).

Através desta perspectiva investigativa, buscamos problematizar as construções consideradas naturalizadas (homem/mulher; sexo/amor; dentre outros) tendo em vista pensarmos as condições nas quais tais “verdades” são reificadas no presente nos modos como os sujeitos se movimentam dentro dos códigos normativos e culturais.

Questionamos conceitos binários tais como objetividade/neutralidade; distanciamento/isenção, uma vez que nossas pesquisas possuem um caráter político e assumem que estas formas conceituais têm pretensões – e, por isso, não são neutras – e, desta forma não perturbam paradigmas teóricos, tampouco buscam provocar mudanças. Rejeitamos também os determinismos biológicos que, muitas vezes, justificam desigualdades sociais. A nossa questão aqui é, pois, pensar como as características sexuais e de gênero são trazidas para a prática social e como são representadas e/ou valorizadas em um dado momento histórico, pois pretendemos recolocar o debate sobre as relações entre os sujeitos no campo social (Louro, 2007).

Podemos dizer que, por muito tempo, a produção científica foi impreterivelmente convocada a apontar direções ou possíveis soluções para os mais variados problemas. No entanto, nossa intenção não é encerrar a discussão, em vez disso, buscamos provocar dissensos, inquietações e novas definições a partir das interlocuções estabelecidas em campo. Desejamos instigar o/a leitor/a a formular novas e inusitadas perguntas, perturbando os instituídos. É um trabalho conjunto: pesquisador/a, interlocutoras/res empíricas/os,

comunidade (teórico)argumentativa e leitor/a (Louro, 2007) – compondo um trabalho de interlocução.

Entendemos que o conhecimento nunca se esgota nem se completa. Portanto, a tarefa de conhecer está sempre em movimento. Consequentemente, acreditamos na provisoriedade das verdades e acolhemos a incerteza, a dúvida, a indeterminação e a contingência. O que equivale a sempre caminhar de mãos dadas com o autoquestionamento. Desconfiar das certezas definitivas supõe “formulações mais abertas e poucas (raras) afirmativas categóricas” (Louro, 2007, p.238). Além do que, somos instados (as) a sermos mais modestos (as).

A perspectiva pós-estruturalista não autoriza ninguém a utilizar conceitos, teorias ou procedimentos analíticos de modo descompromissado. [...], essa perspectiva exige que se historicize os conceitos e as teorias, que se leve em conta como esses são tomados por distintas vertentes em distintos contextos, [...] que se problematize o inquestionável e o naturalizado (Louro, 2007, p. 240).

Na nossa cultura ocidental moderna, normalmente, somos levados a pensar em termos de ou/ou, ou seja, algo ou é isso ou é aquilo. Estudiosos pós-modernos sugerem o e/e, ou seja, que algo pode ser ao mesmo tempo isso e aquilo. Essa é uma aposta no questionamento do pensamento binário corrente e com o qual estamos familiarizados. Desse modo, podemos dizer que experimentamos a pluralidade.

As questões que colocamos em exame [...] podem ser, ao mesmo tempo, muitas coisas; não precisam (e, usualmente, não conseguem) encaixar-se com exclusividade num único registro (Louro, 2007, p.239).

Quando deixamos que nossos textos sejam invadidos por questões, provocamos deslizamentos e, assim, instigamos o/a leitor/a a formular as suas próprias respostas, ou até mesmo, encontrar novas perguntas. Toda essa movimentação faz girar a roda da vida, nos renovando, nos reconstruindo. Portanto, a nossa intenção não é encerrar a discussão, em vez disso, buscamos provocar inquietações, discussões, para que comecemos ou que continuemos a nos questionar a respeito de quem somos instrumentos, a quem servimos e como aprendemos a viver desta ou de outra maneira (Louro, 2007).

Provocar a polêmica, a discussão e o dissenso pode ser um modo de sacudir o estabelecido, pode contribuir para promover modificações nas convenções e regras, pode ser (quem sabe?) um jeito muito criativo de lidar com o conhecimento (Louro, 2007, p.237).

Em contrapartida, no campo dos estudos de gênero e sexualidade, existe uma significativa resistência ao pensamento pós-estruturalista, uma vez que se deseja em grande

medida verdades universais, seguras e estáveis, que possam dar alento às muitas angústias que a vida demanda cada vez mais velozmente, sucumbindo aos modelos identitários, que oferecem, segundo alguns teóricos, as ‘verdadeiras’ e mais produtivas formas de reconhecimento social e cultural.

Algumas vertentes teóricas e academicamente-engajadas compartilham de uma visão de identidade como algo essencial ao sujeito, como uma característica que lhe confere coerência. A perspectiva pós-estruturalista, entretanto, acredita que as identidades de gênero e sexuais têm caráter fragmentado, instável, histórico e plural, ou seja, somos sujeitos de identidades transitórias. Podemos assumir múltiplas identidades que, em algum momento ou por alguma circunstância, podem não mais servir e serem, portanto, rejeitadas ou abandonadas.

Trabalhando com esses pressupostos, entendemos que qualquer certeza está ancorada no que é possível conhecer para determinada época. Esse pensamento nos aproxima da *episteme* de Foucault, que nos diz que, num determinado momento histórico, “há um conjunto de regras e princípios que predominam e que possibilitam que certas coisas – e não outras – sejam ditas ou pensadas, concebidas” (Louro, 2007, p.241).

É importante que levemos em conta, de forma crítica, as subjetividades sociais emergentes na contemporaneidade. Enquanto casais no exercício de suas sexualidades, a recusa de reposicionarem-se de ou de manterem-se na prática da monogamia, é um ato transgressor que toca profundamente os dilemas entre sexo e amor, nos quais os praticantes do *swing* nos possibilitam pensar sobre as oposições fidelidade x infidelidade; liberdade x controle; conservadorismo x subversão; tradicional x vanguarda (Weid, 2010).

A atenção deste trabalho, portanto, vai na direção de compreender como a fidelidade ocupou status de inteligibilidade e verdade para um determinado grupo ou sociedade e como foi possível que a racionalidade monogâmica assumisse o privilégio de regular as vidas e afetos em detrimento de outras possíveis racionalidades e de como as formas de fazer casal operam na produção de performatividades de gênero – de modo a produzir a inteligibilidade dos códigos binários e heteronormativos.

Esta pesquisa constrói seu caminho investigativo através da ferramenta da etnografia (Angrosino, 2009; Geertz, 2008) que se realizou a partir de inserções em campo. Tomamos como interlocutores privilegiados três casais praticantes de *swing* na cidade de Fortaleza-Ce, além daqueles e daquelas que compõem os espaços de sociabilidade *swinger*, mas que não necessariamente se prontificariam/prontificam a entrevistas formais ou outros procedimentos que, ao nosso ver, podem interferir no processo e no direito a intimidade e ‘viagem’ erótica que estes estabelecem nos locais onde ousamos adentrar.

O trabalho esteve direcionado para que a prevalência das observações e produção das entradas de problematização do campo levassem em conta a ética e o sigilo, para que as entrevistadas e os entrevistados pudessem se sentir à vontade para dar as respostas mais fiéis às suas realidades, tendo em vista chegarmos as melhores conclusões possíveis. O trabalho de inserção no campo material das práticas (clubes de *swing*) ocorreu de forma a não constranger ou oferecer qualquer risco aos sujeitos que lá se encontravam, bem como ao estabelecimento comercial que promove a prática. Como técnicas foram utilizadas a observação participante, o roteiro de entrevista semiestruturada (Anexo A), o questionário sócio-demográfico (Anexo B) e o diário de campo.

Primeiramente, a aproximação se deu através de contatos *on-line* com interlocutores/as, bem como por via da visita virtual e presencial aos espaços de *swing* na cidade (foram realizadas cinco visitas). Compostas estas entradas de campo, consideramos como estratégia relevante e produtiva a realização de entrevistas semi-estruturadas contendo perguntas envolvendo temas pertinentes à temática (ver anexo A).

De posse de um roteiro mais consubstanciado, produzido a partir das significações e entradas de campo, entramos em contato com os casais *swingers* para apresentar nossa pesquisa. Nossa intenção foi verificar quais integrantes do referido grupo se disponibilizariam a participar desta pesquisa. Após os devidos trâmites éticos e legais, demos início à pesquisa com a posterior produção dos dados, utilizando como estratégia de análise a análise de discurso foucaultiana.

3.1 Pesquisar na/com intimidade

Esta pesquisa parte de duas entradas de campo: as narrativas dos casais interlocutores a partir de um conjunto de entrevistas e a incursão da pesquisadora nos espaços de sociabilidade *swinger* – uma investigação de território. Além disso, a internet foi de fundamental importância para a minha preparação antes de ir, efetivamente, à campo. Por se tratar de uma pesquisa relacionada diretamente a sexo, logo concluí que minha atitude precisaria ser menos formal e, já nos primeiros contatos com casais *swingers*, ficou evidente que, se eu queria uma aproximação e abertura destes para falar sobre assunto de foro tão íntimo, eu não poderia me mostrar muito polida ou cheia de recatos.

De início, decidi apresentar a pesquisa deixando clara a questão do sigilo (muito importante para esses casais, que possuem famílias, filhos, amigos e empregos e podem sofrer estigmas em relação às suas opções sexuais). Questão ressaltada pelos casais interlocutores

desta pesquisa. Entretanto, após assegurado esse ponto, todos os casais foram bem abertos e francos em relação a todas as questões apresentadas.

3.2 Caminhos investigativos

Privilegiamos o método etnográfico (com base na observação participante, diário de campo e entrevistas) por entender que é produtivo para o estudo de questões ou práticas socioculturais que requerem elaborações mais plásticas, mais sutis no próprio movimento em que se instauram, onde os significados passeiam, onde a emergência de um discurso não se deita em escalas, protocolos, questionários e as taxonomias que estes estabeleceriam na ordem das coisas serem isto e aquilo. Esta intencionalidade se sustenta ainda na importância para a pesquisa que se fez em interlocuções inusitadas, efêmeras, fugidias, onde os/as interlocutores/as e mesmo a relação com a pesquisadora em campo são situacionais e prontas ao desapego, ao desaparecimento. Ficam as imagens-falas, os sussurros e gemidos entre discursos, enunciados e práticas.

A pesquisa, com base na estratégia metodológica acima, requereu um inventário pessoal da pesquisadora antes do início efetivo do estudo. Crucialmente importante é saber que tipo de pessoa é o/a pesquisador/a, uma vez que é necessário (re)ver a própria capacidade de pôr de lado ideias preconcebidas sobre pessoas, comportamentos ou situações sociais e políticas, bem como estado emocional e atitudes (Angrosino, 2009).

Para a produção dos dados, realizamos entrevistas, uso de diário de campo e observação participante.

Acolhemos as proposições de Angrosino (2009) diante da boa observação etnográfica: através de uma potente composição nas quais as anotações de campo (diário de campo) devem ser bem organizadas para que incluam: explicações dos cenários específicos; uma boa descrição e relação dos participantes, bem como dos comportamentos e interações e, por fim, registros das conversas e outras interações. As anotações sistemáticas no diário de campo, então, nos ajudam a melhor descrever os acontecimentos em estudo.

Na observação participante, o/a pesquisador/a faz observações visando estabelecer o contexto da pesquisa, uma vez que a vida é observada em um cenário de significações que compõem o registro investigativo. Tais dados são constantemente triangulados com outras informações advindas das entrevistas, pesquisas documentais (os sites dos estabelecimentos, os *folderes* das festas, os cartazes, avisos, etc.), tendo em vista garantir uma boa margem de

segurança contra os vieses que podem surgir da observação “pura” do pesquisador. Quanto mais exótico o local, mais probabilidade do/a pesquisador/a sofrer um choque cultural e ser esmagado/a pelo novo e desconhecido. Portanto, o inventário pessoal foi anteriormente relatado como de fundamental importância. A confiabilidade da observação participante se dá através do registro sistemático (diário de campo), análise dos dados e repetição regular das observações durante determinado período de tempo (Angrosino, 2009).

Ainda com base no autor supracitado, as entrevistas etnográficas são interativas e possuem uma posição de abertura no sentido de acomodar digressões que podem abrir roteiros para novas investigações, não anteriormente pensadas pelo/a pesquisador/a. Neste sentido, acontece como um tipo de parceria em que o membro bem informado da comunidade em estudo contribui com o pesquisador/a a ir (re)formulando as questões no decorrer da entrevista.

Clifford Geertz (2008), afirma que praticar a etnografia é estabelecer relações, levantar genealogias e assim por diante e o que se busca, muito mais do que simplesmente falar, é conversar com as pessoas. Goldenberg (2004) ressalta que Geertz propõe um modelo de análise cultural hermenêutico, no qual o/a pesquisador deve fazer suas descrições das culturas em profundidade (descrição densa) como textos vividos.

As entrevistas etnográficas são feitas em profundidade, ou seja, não é uma mera versão de um questionário, pois tem como objetivo sondar significados. Geertz (2008) corrobora com essa ideia uma vez que ressalta que a etnografia é uma descrição densa, cuja tarefa essencial da construção teórica é tornar possíveis descrições minuciosas, e não, generalizar através dos casos. A etnografia densa, portanto, busca anotar os significados que as ações particulares têm para os interlocutores da pesquisa tendo em vista a descrição inteligível dos universos humanos estudados.

Geertz (2008) ressalta que o/a etnógrafo/a, portanto, enfrenta uma multiplicidade de estruturas conceituais, complexas, sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas nas quais, primeiramente, precisa absorver para depois apresentar. Propõe uma antropologia pós-interpretativa, que sugere auto-reflexão – moral e epistemológica – a respeito do trabalho de campo, no sentido de ser o resultado da pesquisa menos uma observação e mais um diálogo no qual negociações entre pesquisador/a e interlocutor/a encontram-se imbricados (Goldenberg, 2004).

As descrições que os etnógrafos/as buscam fazer das culturas devem ser calculadas em termos das construções que imaginam, bem como daquelas que nossos interlocutores/as fazem da vida que levam e como definem o que lhes acontece, ou seja, devem ser encaradas

como interpretações às quais “pessoas de uma denominação particular submetem sua experiência, uma vez que isso é o que elas professam como descrições” (Geertz, 2008, p.25).

O autor acima relata que os textos são interpretações escritas às segundas e terceiras mãos, uma vez que somente o “nativo” pode fazer a interpretação em primeira mão, tendo em vista que se trata de sua cultura. Neste sentido, o etnógrafo/a deve atentar para a boa inscrição dos discursos sociais, uma vez que ele observa, registra e analisa os acontecimentos de modo a acessar o mundo conceitual no qual vivem os interlocutores/as de modo a se poder conversar com eles/as, e não, apenas falar sobre eles/as.

No mesmo caminho situa-se Goldenberg (2004) quando afirma que os textos antropológicos são interpretações, uma vez que apenas os/as nativos/as de fato podem produzi-las a partir de suas próprias experiências. Neste sentido, então, os escritos são ficções, não por serem falsos, mas por serem construções. Esta perspectiva se traduz em um permanente questionamento por parte do pesquisador/a na sua capacidade de conhecer os grupos nos quais busca conhecer, bem como na necessidade de expor dúvidas e perplexidades no caminhar do processo de pesquisa, sempre percebida como parcial e provisória.

Portanto, o conhecimento das culturas para um/a etnógrafo/a cresce ao poucos. Em vez de seguir ascendentemente através de achados acumulativos, segue em sequências desconexas através das incursões cada vez mais aproximadas com o campo, em mergulhos que vão se aprofundando com o tempo.

A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa. É uma ciência estranha, cujas afirmativas mais marcantes são as que têm a base mais trêmula, na qual chegar a qualquer lugar com um assunto enfocado é intensificar a suspeita, a sua própria e a dos outros, de que você não o está encarando de maneira correta. Mas essa é que a vida do etnógrafo, além de perseguir pessoas sutis com questões obtusas (Geertz, 2008, p.39).

O que importa, então, é o comprometimento do/a pesquisador/a com o conceito semiótico de cultura e uma abordagem interpretativa de seu estudo tendo em vista que ele é essencialmente contestável, uma vez que se busca menos a perfeição do consenso e mais o refinamento do debate. Neste sentido, não priorizaremos os monólogos e não buscaremos apresentar conclusões. Buscaremos com esta pesquisa olhar as dimensões simbólicas das ações sociais dando foco às respostas que outros/as deram sobre os dilemas existências da vida tendo em vista o alargamento do universo do discurso humano (Geertz, 2008).

3.3 A produção dos dados

Para compor a metodologia também recorreremos à entrevista semi-estruturada (Anexo A), na perspectiva da etnografia, uma vez que considera a experiência de vida - que advém da reflexão do sujeito sobre suas vivências e relatos de vida, ou seja, o narrado de suas emoções – e a experiência ontológica, que se refere à processualidade dos conteúdos representacionais (Tedesco; Sade & Caliman, 2013). Outro aspecto da entrevista é que esta “estabelece uma relação de confiança e amizade entre pesquisador-pesquisado, o que propicia o surgimento de outros dados”, assim como também pode ser considerado como o “instrumento mais adequado para a revelação de informação sobre assuntos complexos” (Goldenberg, 2011, p.13).

Para uma melhor compreensão das interlocutoras e interlocutores e uma adequada contextualização, fizemos uso do questionário sócio-demográfico (Anexo B). Como materiais de apoio à pesquisa também utilizaremos textos colhidos em sites publicados na internet, o diário de campo e a observação dos espaços.

3.4 Sobre as interlocutoras e os interlocutores

Esta pesquisa tem como participantes três casais *swingers* na cidade de Fortaleza, além de sujeitos anônimos (aquelas e aqueles que circulam pelos espaços e que nos oferecem elementos para compreender e engordar as significações produzidas pelos/as interlocutores/as ‘oficiais’). Os casais interlocutores foram selecionados através da metodologia *snowball*. Esta técnica é uma forma de amostra não probabilística na qual os interlocutores de um estudo indicam outros e assim sucessivamente, por critério de acessibilidade e de obtenção da cooperação dos casais envolvidos. Subsequentemente às primeiras indicações, o/a pesquisador/a solicita informações acerca de outros membros da população de interesse para pesquisa.

Uma das vantagens desse método é que, em redes sociais complexas, como uma população oculta, no caso dos casais praticantes de *swing*, é mais fácil um membro da população conhecer outro do que os/as pesquisadores/as identificarem os mesmos, o que é relevante para as pesquisas que tem como escopo a aproximação de situações sociais específicas (Baldin & Munhoz, 2011).

O contato inicial se deu através da intervenção de uma pessoa conhecida que tinha contato com um casal *swinger*. Após as devidas apresentações, ficamos em contato por e-mail

e *skype* para, posteriormente à aprovação da pesquisa no comitê de ética, marcarmos os locais nos quais as entrevistas se dariam. Os casais foram entrevistados na díade, por uma questão de acessibilidade e melhor acomodação dos mesmos.

Como critério de exclusão, privilegiamos apenas os casais em situação de conjugalidade, uma vez que pretendemos discutir as mudanças e permanências destas, reforçando que nosso objeto se constitui das conjugalidades em exercício.

3.5 Procedimentos de análise

Para análise dos dados, privilegiaremos a análise de discurso baseada no conceito de discurso de Michel Foucault. Nesta perspectiva, precisamos recusar a busca do sentido último das coisas, ou seja, é preciso ficar no nível das coisas ditas, e não, nos sentidos ocultos que poderiam dizer de uma suposta verdade sobre os sujeitos (Fischer, 2012). Neste sentido, buscaremos dar conta das relações históricas das práticas concretas do nosso estudo, pensando a produção das verdades no jogo de sua produção enunciativa.

Em vez de buscarmos explicações de causa e efeito, acolheremos a heterogeneidade discursiva que falam de lugares e modos de existir que são perpassados por lutas, recortes históricos e temporalidade, tendo em vista que o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história (Fischer, 2012).

Deixemos para trás os grandes e monumentais planejamentos e aprendamos a descrever as miríades de práticas produzidas pelos múltiplos saberes de determinada época, para fazer emergir daí a descrição dos enunciados que nesse tempo e lugar se tornam verdade, se fazem práticas cotidianas, interpelam sujeitos, produzem felicidades e dores, rejeições e acolhimentos, solidariedades e injustiças (Fischer, 2012, p.105).

A análise de discurso busca descrever os enunciados das coisas ditas como acontecimentos que irrompem em espaços e tempos muito específicos. Assim, nos interessa compreender que os fatos humanos são raros, são repletos de possibilidades múltiplas que tentaremos descrever para melhor abraçar as conjugalidades contemporâneas.

Ressalto que estamos realizando análises dos discursos a partir de perspectivas em conjugalidades. Desta forma, escolhemos entradas de problematizações na trama das heteroconjugalidades para dar foco às narrativas que mais sobressaíram de cada casal, para depois discutirmos os pontos comuns entre eles.

3.6 Princípios éticos

Entendemos que a ética em pesquisa produz reflexões sobre a ciência e sua inserção social. “Os saberes científicos são sempre parciais, provisórios e frutos de embates sociais sobre o que pesquisar, em que grupos e de que forma” (Schuch, 2010, p.94). A discussão, portanto, envolve discussões mais amplas. Em relação à produção de conhecimento, por exemplo, podemos possibilitar mais do que apenas conhecimentos entre “eu” e o “outro”, e sim, ampliarmos as conexões de como o poder circula nas conversas dos nossos interlocutores (Schuch, 2010).

Conseqüentemente, é preciso pensar com cuidado os modos pelos quais produzimos representações sobre os grupos e pessoas que, conosco, constroem nossas pesquisas. As considerações éticas estão para além do trabalho de campo, implicando em compromissos políticos e críticos explícitos da forma como fazemos ciência. O nosso olhar é situado, localizado, e não, transcendente. É um olhar responsável e comprometido com a produção temporal, historicizada e localizada, implicada na produção de verdades parciais (Schuch, 2010).

Paul Rabinow (1999) expressa essa ideia através de sua aposta em uma posição que denomina “cosmopolitismo crítico”:

O princípio condutor é ético. Esta é uma posição oposicionista, desconfiada de poderes soberanos, verdades universais, precisão relativizada em demasia, autenticidade local, moralismo de cima e de baixo. Entendimento é o seu outro valor, mas um entendimento desconfiado de suas tendências imperialistas. Esta posição presta atenção às – e respeita – diferenças, mas também está alerta à tendência de essencializá-las. (p.100)

De acordo com Pocahy (2011), trata-se de formular a construção das entradas de análise para a pesquisa a partir de um:

[...] movimento de (re)composição de cenas do cotidiano, reunindo as contradições, contestações, as continuidades e as descontinuidades que marcam as representações em torno do corpo e de suas performances de gênero, no exercício da sexualidade a partir de uma postura ético-reflexiva. Modo este de recusa ao olhar excitado e objetificante – que muitas vezes é encontrado em pesquisas sobre as ditas práticas e vidas ‘abjetas’(p.32).

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza tendo em vista seguir os aspectos éticos com base na Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, conforme Parecer Consubstanciado do CEP (Anexo D), sob número: 434.829 e

CAAE: 22105413.1.0000.5052. Também elaboramos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C), objetivando deixar claros os objetivos do presente estudo, bem como a livre colaboração dos interlocutores para a colaboração ou não do trabalho.

CAPÍTULO 4. CASAIS *SWINGERS*

Este capítulo tem por objetivo apresentar os casais de interlocutores/as desta pesquisa. Pessoas com histórias de vida tão ricas que se disponibilizaram a conversar sobre assuntos íntimos e estigmatizados, como o *swing*. Sem eles este estudo não poderia ter sido realizado de forma tão mais profunda, tão mais legítima no sentido de uma “contação” de histórias a segundas e terceiras mãos.

Ressalto aqui que nossa busca foi olhar para as dimensões simbólicas sobre as respostas/informações que estes casais deram sobre seus universos existenciais (Geertz, 2008), bem como, ao contar esses relatos, não buscamos torná-los representativos para todos os praticantes de *swing*. Como já falado anteriormente, trata-se de um olhar situado, e não, transcendente.

Todas as entrevistas foram gravadas em áudio com o devido consentimento totalizando aproximadamente treze horas de gravações. Foram realizadas as transcrições tendo em vista um melhor aproveitamento para os recortes das falas. Uma entrevista aconteceu em um bar e às outras duas ocorreram na casa de um dos casais. Foram momentos bem informais, fato que me chamou atenção enquanto pesquisadora pois, ir à campo estudar sexualidade, em especial atenção ao *swing*, trouxe à luz que existem várias formas de se fazer pesquisa, que não a tradicional, onde o pesquisador se confunde com seu papel deixando de lado a rigidez da neutralidade científica para dar lugar a certa espontaneidade em campo.

Após a leitura das transcrições, optamos por criarmos entradas de problematizações em tópicos referentes aos enunciados mais recorrentes nas narrativas dos nossos casais interlocutores, tais como: regras no *swing*; *swing* e internet; conjugalidade; ciúmes; amizade; bissexualidade; práticas sexuais; questões de gênero, bem como algumas subcategorias relacionadas de acordo com as narrativas de cada casal.

Todos os nomes foram alterados para preservar os/as participantes. Como critério para a criação dos codinomes, escolhemos dar foco àqueles casais que, em algum momento da História, foram dissidentes em seus comportamentos e, por isso, inovadores e inesquecíveis até hoje. Chamamos, então, os casais: Anaïs e Henry, em menção ao casal Anaïs Ninn e Henry Miller, autora conhecida por seus diários e contos eróticos; Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre, outro casal famoso que vivia uma relação polêmica por se relacionarem com outras pessoas e, por fim, Leila e Ruy, em menção à Leila Diniz, símbolo da revolução feminina no nosso país.

Anais está casada com Henry há um ano e meio. Esteve vinte e quatro anos casada em seu relacionamento anterior, no qual teve três filhos que, atualmente, estão entre dezesseis e trinta anos. É corretora de imóveis. Iniciou no *swing* com seu ex-marido. Henry trabalha na noite como *barman* e também têm três filhos de seu relacionamento anterior de seis anos e meio. Estão juntos como casal no *swing* por volta de quatro anos.

Simone e Jean estão casados há vinte e três anos. Tem uma filha de vinte e dois e um neto de dois anos. Ela é autônoma e ele é bancário. Ambos iniciaram no *swing* juntos.

Leila e Ruy são ambos dentistas. Ele tem vinte e seis anos e ela trinta e dois. São iniciantes na prática. Na época da pesquisa de campo estavam juntos há seis anos e, por uma questão de desconforto por parte de Leila, haviam deixado de frequentar as festas. Atualmente, estão separados.

4.1 Primeiras inserções em campo

Uma das minhas primeiras preocupações antes de ir à campo foi a questão da roupa, pois não queria ir vestida de pesquisadora, mas também não achei interessante usar vestidos ou saias, como normalmente as mulheres usam em festas de *swing*. Por fim, resolvi usar jeans e camiseta, uma roupa informal, casual, mas com a clara mensagem de que não estaria na casa buscando experiências sexuais. Nas minhas revisões bibliográficas, li que o uso de calças compridas sinaliza que a mulher não está disponível. Essa, pois, foi a minha aposta.

Weid (2010) relata que o fato de ser mulher no campo da pesquisa sobre sexualidade nos faz ter certas precauções que um homem provavelmente não teria. A possibilidade da violência e o assédio sexual, explícitos ou implícitos, acabam por restringir passos e movimentos das mulheres durante o trabalho de pesquisa. Esta é uma realidade de muitas antropólogas, a despeito dos estudos antropológicos. Por esta pesquisa estar diretamente relacionada a sexo, pude vivenciar essa preocupação.

Convidei um amigo para ir comigo e se passar por meu companheiro. Pessoas ao meu redor acharam melhor eu não ir sozinha, afinal, sou mulher e mãe. Todo o resguardo seria, portanto, necessário. Durante todo o tempo do meu percurso de pesquisa tive o apoio do meu marido que, para me ajudar nas idas à *boite*, ficou cuidando da nossa bebê. Fato que causou estranhamento, pois, uma mulher-esposa-mãe deixar sua casa à noite, com um amigo, para uma casa de *swing* é fato ousado, mesmo para os dias de hoje.

Uma das dificuldades encontradas nessa minha incursão etnográfica foi exatamente esta: deixar minha filha doente e ir, mesmo que para realizar a minha observação participante,

a uma casa *swinger*. Esse fato me colocou em contato com as mais variadas facetas de uma pesquisadora, pois não há como estar vestida de uma sem também estar vestida das outras.

Sentimentos: nenhum espanto. Senti-me à vontade durante todo o tempo, exceto durante o passeio pelo labirinto erótico. Aqui preciso ressaltar que, ao entrarmos, falei para meu amigo ficar bem atrás de mim para que eu não corresse o risco de ninguém me “passar a mão”. Acredito que essa seja a esposa-pesquisadora e mulher-Andréa que, nesse ambiente, entrou em contato com sua porção monogâmica. Como mãe-pesquisadora, achei diferente estar colocando minha filha para dormir para, imediatamente depois, me vestir para passar uma noite fora de casa. Não que eu fosse fazer uma noitada. Era um trabalho. Mas a pesquisa etnográfica nesse tipo de questão nos coloca diante de certa “ousadia” profissional e particular. Eu, esposa, mulher e mãe, “deixo” meu marido cuidando da minha filha para ir a campo com um amigo numa casa de swing. Isso causa estranheza ainda hoje. Esse tipo de ação faz com que algumas pensem em como sou um tipo resolvida, enquanto meu marido e casamento é um tipo de excentricidade nos dias atuais, pois como assim um marido não dizer nada sobre isso? Não achar ruim? Não achar, sequer, estranho? Essas são algumas questões que, quando falei desta minha ida a campo para colegas da universidade ou familiares, vieram à baila. Interessante foi perceber que meus pais, talvez os que mais pudessem estranhar apenas se preocuparam com assaltos na madrugada ou coisas assim. Acho isso interessante.

Pesquisar sobre sexualidades me pôs em contato com uma realidade menos neutra da pesquisa, uma vez que, por se tratar de um estudo sobre intimidade, eu, pesquisadora, não me senti autorizada a estar de uma forma mais formal, e sim, vi que ser informal é que me abriria portas de contato para os casais. Até o cabelo que costumo usar preso soltei, por *feedback* do meu amigo-acompanhante que, ao me ver de cabelo preso, logo falou: “Solta logo esse cabelo, pois você está com cara de pesquisadora”. Assim, o fiz.

O meu contato para chegar a essa casa específica aconteceu através de uma ligação telefônica na qual falei com o gerente que, solicitamente, ao apresentar minha pesquisa, abriu as portas do local para que eu pudesse realizar tanto a observação quanto me conceder uma entrevista. Através dele tive autorização para frequentar o espaço de forma irrestrita bem como todo o suporte para quaisquer esclarecimentos.

Foi combinado via telefone com o gerente da boite uma visita à casa. Expliquei minha pesquisa, fiz as devidas apresentações e, muito gentilmente, ele se disponibilizou a me conceder uma entrevista, bem como liberar minha entrada para que eu realizasse a minha observação sem restrições. Convidei um amigo para ir comigo, pois como li em alguns artigos e dissertações sobre o tema, principalmente, uma pesquisadora pode sofrer em campo algum tipo de assédio. E como essa dissertação trata diretamente sobre sexo, um modo de me assegurar é não ir sozinha. Fato que também tem reflexos na minha família e orientador, cuja preocupação por minha saída à noite (e madrugada a fora) numa boite de swing sozinha também pesou sobremaneira na minha decisão de ir com um amigo. A escolha desse companheiro de campo também teve suas implicações, pois quando me dei conta da necessidade de chamar alguém, não podia ser qualquer pessoa. Precisava ser alguém em

quem eu, de fato, confiasse. Acabei por chamar um amigo da época de minha graduação, também psicólogo. Esse foi o primeiro passo antes de entrar efetivamente em campo. O segundo foi a escolha da roupa. Li que as mulheres geralmente vestem vestidos e saias. Algumas pesquisadoras nesse campo optaram por calças, uma vez que, para a prática, elas passam uma mensagem de indisponibilidade. Vesti, então, algumas roupas, sem me decidir direto sobre qual usar. Uma, formal demais; blazer, não, formal demais também; calça comprida e camisa social de mangas compridas, não, também não combina; optei, por fim, por uma calça jeans e camiseta. Casual. Uma visitante de primeira viagem. Meu amigo deu o toque final ao me fazer soltar meus cabelos. Falou: “Solta esse cabelo! Assim você está com cara de pesquisadora.” Assim fiz. Fomos.

Ao chegarmos à *boite*, fomos recebidos por uma moça que atende aos casais quando da primeira visita. Fizemos um “*tour*” onde nos foi apresentado todos os aposentos da casa, bem como as regras e funcionamento do local. Após esse passeio, realizei entrevista com o gerente que, apesar de muito solicitado, se disponibilizou a responder nosso roteiro investigativo.

A casa conta com um espaço de danceteria no qual acontecem os shows performáticos e no qual os casais e demais frequentadores primeiramente ficam a interagir, um salão principal com cadeiras, mesas e sofás, cabines privativas que acomodam até três casais, salas coletivas, cabines com sofás e um *puf* gigante para vários casais, labirinto erótico com cabines individuais, salão *voyer* e *longues* eróticos.

*A casa fica bem afastada da cidade, sem nenhuma identificação. Chegamos cedo, pois havia marcado com o gerente às 22h, antes do início da festa. Fomos muito bem recebidos por ele, bem como por todos da casa. Por coincidência, alguns conhecidos do meu amigo trabalham nesse local. Fato que tornou a pesquisa muito mais tranquila, pois em todos os momentos, não me senti uma estranha, e isso foi muito importante para uma observação bem mais efetiva. Estive à vontade. Logo ao chegarmos, o gerente estava tomando algumas providências, então, nos deixou com uma funcionária que nos levou para conhecer o local (procedimento da casa à chegada dos novos casais). Ela sabia que estávamos lá para realizarmos uma pesquisa, então, foi nos respondendo algumas curiosidades. Logo na entrada tem uma recepção onde os casais fazem os devidos pagamentos e também funciona uma chapelaria para guarda de objetos. Após essa passagem, nos deparamos com um salão principal com mesas, cadeiras e sofás onde também funciona uma danceteria com iluminação de som e DJ e bar. Neste local também se localizam os palcos onde acontecem os shows. Subimos, então, um lance de escadas. Há um salão coletivo com teto solar onde, as pessoas que estão um piso acima, podem, através das janelas, observar o que acontece lá embaixo. Este salão coletivo é cercado por uma espécie de sofá e, ao centro, tem um *puf* gigante para vários casais. Ainda neste piso, temos cabines privativas que acomodam até três casais, bem como salas coletivas. Estas cabines e salas têm todas as janelas com cortinas que, a depender dos casais, podem ficar abertas para que outras pessoas olhem, ou podem permanecer fechadas para aqueles que querem privacidade. Ao subirmos mais um piso, nos deparamos com um labirinto erótico com cabines individuais. Toda a sinalização da *boite*, após o primeiro piso, é feita de luz de led vermelha.*

Logo no início da festa os casais vão chegando e ficando na danceteria e no salão principal. Por volta de uma hora da manhã, começam os *shows* de *striptease* – um, feminino; um, masculino; às vezes, show de sexo ao vivo (que não cheguei a presenciar). Neste momento, os *performers* interagem com os frequentadores tirando peças de roupa e fazendo as mais variadas “brincadeiras”. Homens e mulheres costumam sorrir, passar a mão nos mesmos/as e, algumas meninas ficam somente de calcinha e sutiã, enquanto alguns homens, sem camisa.

Após os *shows*, os casais sobem para os demais espaços dando início, assim, à festa de *swing* propriamente dita. Passeando por esses espaços, pudemos ver casais trocando de parceiros nas cabines (que podem ficar com luz acesa deixando aos outros que circulam pelo ambiente observarem as cenas), casais namorando livremente nos *pufs* e casais fazendo sexo nos mais variados ambientes.

Observamos que, de início, os casais ficam um pouco tímidos e esperam que outros comecem as atividades. Vão se aproximando devagar, às vezes, as mulheres sentam no colo dos seus companheiros e dão início ao ato, às vezes sentam e só observam, outras vezes, sutilmente, se aproximam de um casal em pleno ato e, estimuladas por seus parceiros, começam a interagir com eles.

Enquanto isso, na parte inferior onde funciona a danceteria e salão principal, algumas mulheres ficam no palco e tiram toda a roupa, chegando, inclusive, a andar nuas pela casa; outras ficam no *Pole Dance* fazendo *shows* particulares para seus companheiros. Alguns homens colocam suas companheiras para interagir com outras mulheres no palco do *Pole Dance* e ficam observando. Estas, para deleite dos seus parceiros, se tocam, se beijam e ficam a se insinuar sensualmente umas com as outras.

Algumas regras, no entanto, devem ser respeitadas, quais sejam: mulheres ou homens sem parceiros só participam em dias específicos quando liberados ou acompanhados por um casal que fica responsável pelos atos de seu/sua convidado/a; alguns ambientes são exclusivos para casais, ficando proibida a entrada de homens e mulheres desacompanhados; o respeito ao limite alheio é de suma importância; nunca flertar com alguém sem a presença do companheiro, pois além de poder causar constrangimento, também pode trazer sentimentos de traição àquele que não esteja presente; saber aceitar um não, apesar de se estar numa casa de *swing* onde se pode pensar que tudo é permitido; proibido entrar com celulares, câmeras fotográficas, objetos cortantes ou armas de fogo e, por fim, proibido profissionais do sexo uma vez que os frequentadores buscam o prazer entre os verdadeiros casais.

Visto a casa, descemos para conversar com o gerente. A entrevista contou com várias pausas para que ele pudesse estar atendendo as demandas da casa. No entanto, todas às vezes ele retornou com toda a disponibilidade para nos responder ao questionário que fizemos para orientar o trabalho de campo. Após a entrevista, ele mesmo nos sugeriu que aproveitássemos a festa para observarmos os casais. Assim fizemos. Os casais foram chegando, alguns sentando e só observando; outros, já mais soltos, dançando. Por dançar falo de mulheres dançando. Algumas vão para o centro, onde fica um palco de pole dance, e com roupas muito curtas deixando aparecer suas roupas íntimas, ficam a dançar e se exibir para seus companheiros que, acompanhados por uma bebida, ficam a incentivar suas companheiras. Neste dia, havia uma mulher que chamou minha atenção por ser a mais ousada e também a que sabia dançar no pole dance. Ela estava se divertindo subindo e descendo no palco, algumas vezes levantava a minissaia e mostrava sua calcinha fio-dental para seu companheiro e para todos com a aprovação deste. Ao observar a cena, um homem (outro casal) pegou sua companheira e a levou ao palco para que a primeira a ensinasse alguns movimentos no pole dance, bem como dançassem juntas. Ao ser colocada no palco, ela se mostrou um pouco constrangida. Então, seu companheiro levou bebida. Ela bebeu, no entanto, desceu. Seu companheiro a levou de volta para o pole dance. Novamente, ela desceu. E isso aconteceu três vezes. Até que, na terceira, ela ficou e resolveu tentar alguns movimentos que, imaginei, não devem ser nada fáceis. Os casais que sentam mais distantes querem mais privacidade, curtir mais a sós, pois quanto mais próximo dos palcos, maior as chances dos strippers puxarem e interagirem, chegando até, a tirar algumas peças de roupas dos frequentadores (com o devido consentimento). Eu e meu amigo decidimos ficar na frente do palco, para observar melhor o funcionamento. As mulheres me pareceram à vontade, curiosas, a maioria bem soltas, com suas calcinhas à mostra. Os homens, todos “comportados” no sentido de não mexerem com mulheres que não lhes eram conhecidas. Esta é uma das regras que vi em funcionamento. Os homens não abordam. As mulheres, sim. E com muita sutileza. Por volta de 1h da manhã, começam os shows. Um stripper masculino e uma stripper feminina. Entra o primeiro e a mulherada começa a gritar. Os companheiros só observam tranquilos. À medida que vão tirando as peças de roupa, vão puxando as mulheres para o palco e fazem mil performances: algumas vezes, as puxam gentilmente pela mão, com um gesto de cavalheirismo, sempre pedindo consentimento delas através do olhar; outras vezes, simplesmente, as levantam com um braço só e as levam para o palco, as deitam ou as colocam sentadas e de pernas abertas, e vão se esfregando, pegando as mãos delas e as fazendo passear por seu corpo... e seus companheiros só observam. Tem mulheres que aproveitam mesmo e querem tirar logo a cueca do rapaz. Quando isso acontece ele segura, sorri e as devolve para seu local e seus companheiros. Outras, envergonhadas, não vão (essas são pouquíssimas). Nesse primeiro dia, o stripper veio, sentou do meu lado, pegou minha mão e a beijou. Eu já estava pronta para, caso ele sugerisse me puxar, falar que só estava ali observando (isso de modo que ninguém suspeitasse de nada). A minha intenção era me passar por uma frequentadora iniciante para os frequentadores do local. Todos os funcionários da boite sabiam as nossas razões de estar ali, mas ninguém mais. Ele não me puxou. Tirou toda a roupa e, nu, saiu pelo espaço das mesas mexendo e dançando com as mulheres. Já o meu amigo, foi levado ao palco pela stripper. Ela tirou a camisa dele, os óculos, a bebida e foi entregando tudo a mim (acho que pensou que eu era sua companheira). Bom; pelo menos estávamos nos passando mesmo por frequentadores. Achei bem legal a questão dos companheiros/as encararem toda a situação com essa interação com os strippers na esportiva. Imagino que deve ter algum perrengue, como mais tarde ouvi falar, por conta desses shows, mas a regra é todos curtirem e até acharem excitante ver seus companheiros/as com outras pessoas. A stripper dançou e dançou até ficar nua. Alguns homens também tentam

passar a mão, ao que elas tiram, não com gentileza, como o stripper masculino, mas como dominadoras dando ordem. E eles obedecem.

4.2 A casa

A casa – ou clube – de *swing* que se constituiu como campo de nossa investigação está localizada bem distante da cidade. Não possui identificação, murais, nem nada que demarque aquele lugar como uma casa especializada para tal fim. Os administradores também não investem em propaganda, tendo em vista a preservação da prática apenas entre aqueles que, por alguma indicação, conseguiram chegar até lá. Este é um modo de não banalizar a prática, bem como de manter o sigilo dos casais.

Logo ao chegarmos, vemos vários carros e alguns seguranças. É uma mansão, com três andares e bastante espaço. Logo no térreo, tão logo passamos pela porta de entrada, temos a recepção. Já neste ambiente nos deparamos com diferença da iluminação. Uma penumbra cerca o lugar com luzes de *led* vermelhas indicando os caminhos. Há um guarda-volumes e as comandas para consumo são pegas neste local juntamente com um número de celular de um dos pares.

Ao entrarmos, o ambiente fica mais escuro. Deparamo-nos com uma pista de dança e com palcos para as performances dos *strippers*, bem como para as frequentadoras mais ousadas. Estamos no salão principal. Neste piso também funciona o bar e o serviço de som no qual fica a cabine para o DJ que comandará a festa. Vemos algumas mesas espalhadas pelo salão nas quais, nas mais afastadas dos palcos centrais, ficam os casais mais reservados e, nas mais próximas dos espaços de *pole dance*, ficam aqueles que, normalmente, estão disponíveis para interação com os *strippers*.

Na escada de acesso ao primeiro piso, tem um segurança de sentinela. Subimos. Neste piso funcionam: salão coletivo com teto solar, no qual os casais podem praticar o *swing* sendo vistos por outros casais tanto no mesmo ambiente quanto no piso superior; cabines privativas que acomodam até três casais; salas coletivas e banheiros.

No último andar, funciona o labirinto erótico com cabines individuais no qual os casais vão circulando orientados apenas pelas luzes vermelhas sinalizadas no chão. Neste local, apenas os dispostos a algum tipo de contato decidem ir, uma vez que este é o ambiente propício para todos pegarem em todos. É preciso circular por várias entradas e saídas até que, de fato, se consiga sair deste ambiente.

Para o bom funcionamento do local existem regras de conduta disponibilizadas no site na casa:

Local onde as pessoas se encontram para se divertir e curtir uma noite dançante ao som de DJ, e grande seleção de musicas do momento e flash back's, local onde as pessoas se reúnem com os amigos e para fazer amigos, em um clima de magia e sedução onde o SWING acontece de forma natural. Local onde você pode namorar, paquerar, flertar, ficar, beijar muito, curtir, qualquer que seja o termo, juntinhos com a certeza de não serem incomodados, aqui tudo é permitido e nada é obrigatório, pois o respeito é uma grande virtude de nossos clientes. Portanto para que esse ambiente de descontração e sensualidade exista é necessário que sejam impostas algumas regras básicas em nossa casa:

- 1) *É expressamente PROIBIDA A ENTRADA DE MENORES DE 18 ANOS.*
 - 2) *Mulheres ou Homens sem parceiros podem participar dos eventos, em dias específicos onde forem liberados ou quando acompanhados, por um casal, onde os mesmos assumem e se responsabilizam pelos atos de seu(a) próprio(a) convidado(a).*
 - 3) *Alguns ambientes são totalmente reservadas à casais, ficando proibida a entrada dele ou dela sozinho.*
 - 4) *O respeito ao limite alheio é de suma importância, antes de qualquer ato tenha consciência que o casal ou parceiros estão de acordo com o que pode ou não ser feito por ambos.*
 - 5) *Respeito ao parceiro ou a parceira alheio, nunca utilize de cantadas a uma pessoa sem que seu(ua) parceiro(a) esteja presente, pois atos como este podem causar constrangimentos, ou mesmos trazer sentimento de traição à pessoa que não esteja presente no ato.*
 - 6) *Saber aceitar um "Não" é de extrema importância, apesar de você estar em uma casa de swing, o respeito mútuo é cultivado e muito bem vindo.*
 - 7) *Proibido entrar com Celulares, Câmeras Fotográficas, Objetos cortantes ou pontiagudos e principalmente Armas de Fogo.*
 - 8) *Profissionais do Sexo não serão permitidos, pois os frequentadores de um clube de casais liberais buscam o prazer entre os próprios e verdadeiros casais.*
- Valendo salientar que a infração das normas da casa ou alguma situação constrangedora e deliberada que venha a causar algum incômodo aos outros o descumpridor será convidado a se retirar da casa e sua entrada poderá ser suspensa.*

Não observamos nenhuma situação constrangedora ou de discussões nos dias em que estivemos na casa. As mulheres não são incomodadas de forma alguma pelos frequentadores, mesmo quando transitam nuas pelo espaço. Os homens apenas ficam a observar suas companheiras, às vezes, as incentivam a interagir com outras mulheres, mas em nenhum momento as abordam. Na prática, quem dita o que fazer ou não e de quem se aproximar ou não são as mulheres.

Em todas as visitas, não fui incomodada, nem abordada por ninguém. Observei que os homens ficam bebendo, conversando, dançando, alguns namorando, mas não há comportamentos inapropriados. Não é nossa intenção dizer que atitudes dessa ordem não

possam surgir, no entanto, ressalto que nos dias em que realizamos as visitas não observamos nada que contrariasse as regras disponibilizadas no site.

4.3 Anaïs e Henry

4.3.1 Conjugalidade

Anaïs é uma mulher de quarenta anos, casada há um ano e meio com Henry, de trinta e seis. Ambos têm seis filhos, embora nenhum do casal. Ela, com três filhos entre dezesseis e trinta anos; ele, também com três entre as idades de um ano e dez anos. Ambos recasados. Ela é corretora de imóveis e ele trabalha na noite.

A ida às festas *swingers* já havia iniciado anteriormente antes que ambos se conhecessem. Anaïs relata sempre ter tido a curiosidade de frequentar esse tipo de balada, mas tinha receio de encontrar alguém conhecido. De acordo com Bértolo (2009) entendemos que nas sociedades ocidentais a moralidade de uma ideia tradicional de casal ainda predomina. Neste sentido, novos hábitos, comportamentos e arranjos conjugais podem causar suspeição por parte daqueles que se aventuram por novos caminhos.

Eu sempre tive vontade de ir, só que aí tu ficava constrangido de ir. Aquela história, aí se eu encontro alguém conhecido? A gente não pensava que nem hoje: se tu encontrar alguém conhecido lá vai tá fazendo a mesma coisa que tu, né? (Anaïs)

O casal se conheceu no *swing*. Na época, ambos estavam em seus primeiros casamentos. Ele, com seis anos e meio de casado e ela vinte e quatro anos. Em uma festa para casais *swingers* eles se conheceram e, desde então, passaram a conviver durante dois anos como um quarteto, trocando, inclusive, alianças. Neste período, só trocavam entre si. No entanto, após dois anos, Anaïs se apaixonou por Henry e o marido dela se apaixonou pela esposa de Henry. No entanto, esta só tinha olhos para seu marido. Os casais, então, sentaram para resolver a situação, mas um conflito havia sido gerado o que, posteriormente, acarretou em separação dos dois casais. Atualmente, Anaïs e Henry vivem juntos.

A gente começou uma amizade. No início a gente ficava com eles e começamos a ficar com outros casais também, até que chegou um ponto que a gente ficava só com eles. Aí quando a gente se fez essa declaração eu chamei meu ex-marido e conversei com ele. Eu disse: "Eu tô apaixonada pelo Henry" E ele assim: "Eu também pela I." Então, vamos chamar os dois e conversar com eles. A gente chamou os dois foi quando a gente noivou. A gente trocou aliança. A gente usava aliança na mão direita, os quatro, entendeu? Então, todo mundo sabia no *swing* que nós éramos um

quarteto. Só que ela aceitava a situação entre aspas pra não criar problema com ele porque ela nunca aceitou, entendeu? (Anaïs)

No meio *swinger*, essa situação não foi vista com bons olhos, uma vez que o *swing* é uma troca sexual, e não, emocional. Segundo Bértolo (2009) a fidelidade sentimental garante o laço conjugal e é extremamente valorizada. No entanto, não há regras absolutas que servem como proteção para a relação e a regra do não envolvimento sexual com outras pessoas, às vezes, não se efetiva, pois como diz Anaïs:

Então, assim, não era uma coisa que eu queria. A gente se encontrou no *swing*, a gente teve uma química, uma coisa... que ele já tinha ficado com várias mulheres, mas rolou com a gente essa coisa de se separar os dois e começar uma vida junto, que eu não sei de nenhum caso que aconteceu isso no *swing*. Não é de praxe. Não é. Só a gente sabe o que a gente passou, porque a gente foi... a gente foi condenado! Se a gente tivesse continuado... porque pra mim era muito fácil. Quando o Henry e I. se separaram eu cheguei pro meu ex-marido e falei pra ele assim... ele chegou pra mim e disse assim: "Como é que vai ficar agora?" Eu disse: "Como é que vai ficar agora? Tu fica com quem tu quiser nas festas e eu vou ficar com o Henry porque eu gosto dele e tu sabe disso." Eu falei pra ele. Eu não tenho culpa! Eu nunca escondi dele e nem ele de mim... ele sofreu quando I. saiu da história. Então, tudo depende da cabeça, da situação, de como a coisa acontece, cada caso é um caso, não existe uma regra pra isso, até porque a gente não manda...

Weid (2010) diz que no *swing* se faz sexo, em casa, se faz amor. No entanto, o sexo fora de casa dentro do limite do consentimento, possibilita certo controle e equilíbrio para a vida do casal. No que uma das partes se apaixona por alguém da outra parte, isso gera um desequilíbrio na ordem geral dos praticantes e estes passam a suspeitar do novo casal formado a partir de um envolvimento emocional dentro do meio *swinger*. Para Anaïs e Henry tal fato se deu na forma de certa exclusão por parte dos outros casais, pois maridos e esposas temem que seus parceiros sejam "tomados" por eles. Fato, que, aos poucos, tem sido vencido.

Bértolo (2009) ressalta algumas consequências negativas que podem advir da prática do *swing*, dentre elas a ameaça ao casamento, o ciúme e o desenvolvimento emocional com outras pessoas. Este casal pôde vivenciar tais experiências. No entanto, optaram por uma comunicação clara entre si e seus respectivos companheiros, a despeito de toda a problemática e desconforto criados. Na fala de Anaïs:

Ao mesmo tempo que a gente fazia isso, a gente também se sentia mal, tu tá entendendo? Mas a gente tinha aquela vontade, aquele desejo de tá junto... Aí, quando ele se separou, eu disse: "ó! chega." Aí ele se separou..., a gente ficou naquela: meu marido ia pras festas, tanto que ele conheceu uma menina lá na *boite* e tá com ela até hoje... o que que aconteceu? A gente pegou e ficou nessa assim, a gente trabalhava a noite,... eu chegava em casa na hora que meu ex-marido tava saindo pra trabalhar, quando ele chegava em casa eu já não tava mais porque eu não aguentava mais aquilo, de tu dormir, de tu transar com uma pessoa...o Henry me

largava em casa, eu sabia que ele ia pra casa...era um saco aquilo! Ele sabia que eu ia dormir com meu marido, tá entendendo? Era uma situação que a gente não queria. Ele separou em julho. Em outubro eu me separei.

É consenso entre os casais entrevistados, bem como na literatura sobre a temática (Weid, 2010; Bértolo, 2009) que os casais praticantes de *swing*, iniciantes e veteranos, tenham uma forte ligação emocional, abertura comunicacional, abertura para novas experimentações e, principalmente, que não se pense essa prática como uma salvação da relação. Casais que buscam melhorar seus relacionamentos, ao ingressar no *swing*, correm o grande risco de maiores conflitos e separações. No entanto, algumas exceções podem ocorrer, como a que Anaïs ressalta abaixo:

Então, assim, ó: o *swing* é uma coisa muito louca porque tem tantas histórias diferentes! Na realidade, não tem uma regra. A minha filha... eu vi que o casamento dela tava indo por água abaixo, né? Ela tá com ele desde os quinze anos. Ela tá com trinta. Aí o que aconteceu? ... o meu genro ele era assim, ele era muito acomodado. A B. é que nem eu, ela gosta de farra, gosta de sair... só que ele era muito acomodado, e ela tava com ele desde os quinze anos, aquela mesmice, aquela coisa...Eles não têm filhos. Aí, a gente levou eles pro *swing* e foi o que salvou o casamento deles e foi o que acabou com o nosso casamento, tá entendendo como cada caso é um caso? Cada caso é um caso, cara! Eles já foram uma exceção: o casamento deles tava ruim e eles foram e descobriram uma nova realidade pro casamento deles, que eles podiam aproveitar tudo o que eles não tinham aproveitado os dois juntos. E tiveram cabeça pra isso. ... Então, assim, é tu saber lidar com a situação, é de tu aceitar o que tu tá passando ali, naquele momento, de tu levar na boa...

Nesse caso - uma exceção -, para a filha da Anaïs, o *swing* entrou como um elemento de equilíbrio para o relacionamento diante da monotonia que havia se instaurado entre o casal. Araújo (2010) ressalta que, na atualidade, tais rupturas com o modelo tradicional traz flexibilizações para a exploração de novos modelos relacionais, dando passagem às necessidades e desejos dos casais.

Bauman (2004) nos fala que a definição do amor como o “até que a morte os separe” está decididamente fora de moda e que já deixou seu tempo de vida útil para trás em função das alterações de paradigmas vivenciadas atualmente. Logo, em vez de mais pessoas desejarem atingirem os mais elevados padrões do amor, estes são rebaixados e acabam por se expandir.

Na fala de Anaïs e Henry, a conjugalidade precisa ser alimentada, uma vez que, com o tempo e a convivência, o encanto e a paixão vão cedendo lugar a outros sentimentos. Fato que pode fazer com que os casais acabem por se afastar e buscar outras pessoas para resgatar

aquilo que falta ao relacionamento conjugal. Para eles, o *swing* é essa “pimenta”, esse elemento a mais que os ajuda a manter a chama acesa.

[...] Qual era a queixa geral? É que perdia o encanto. Desde os *gays* que tavam com namorado há mais tempo, das meninas que eram solteiras, das meninas que eram noivas, que eram casadas, era geral. Era a mesma queixa! Cara, tu pode sair com um cara diferente... a gente cansa de trocar com um casal e eu não gozar, entendeu? Mas é diferente, tu chega em casa pilhado. Tu faz uma coisa que, teoricamente, é proibido e que todo mundo queria fazer. Aí, apimenta! Apimenta o negócio. De ele poder hoje chegar e dizer que ele é bi, que ele gosta de chegar e dizer pra mim e eu poder aceitar isso, isso torna uma relação... A gente é muito mais unido, apesar de transar com um monte de gente diferente, a gente é muito mais unido do que qualquer casal que nunca fez porque faz escondido. Cumplicidade. Faça! Mas a gente faz junto. (Anaïs)

Weid (2010) aponta que a confissão e a cumplicidade estão presentes nos desejos e fantasias destes casais, bem como nas próprias relações sexuais que ocorrem nas festas de *swing* durante a troca ou até mesmo em decorrência do relato de uma cantada recebida. Neste sentido, ressalta que o *swing* não se caracteriza apenas como uma forma de satisfação momentânea dos impulsos, mas também como resultados considerados da esfera do amor e intimidade, além de melhorar a própria relação sexual do casal.

Foucault (1984) destaca a confissão como uma técnica de produção de verdade, difundida na medicina, na pedagogia, na família, nas relações amorosas, enfim, nas esferas mais cotidianas e/ou solenes. Não se trata apenas de dizer o que se fez, mas de relatar pensamentos, imagens, desejos e obsessões. A sociedade e o sexo se interligam através desse dispositivo.

Em relação à troca propriamente dita, Bértolo (2010) relata que há uma Escala de Dionísio que fala dos vários níveis de atividade no *swing*. Sendo que tais graduações não são estanques e nem estágios de evolução. Anaïs e Henry ressaltam que a troca não precisa acontecer em todos os encontros, bem como qualquer atividade sexual. Muitas vezes, os casais apenas saem para jantar ou dançar e reforçar os laços de amizade ou se conhecerem. Estes são os chamados “*vips*”. Alguns casais, no entanto, os chamados “bagaceiros” associam qualquer encontro a obrigatoriedade do sexo.

[...] se aparecer oportunidade, a gente troca, mas é que nem eu te falei: tem que valer à pena. E ultimamente, os casais que tão indo nas festas, que tão fazendo isso, não vale à pena. A gente tá assim: tem uns três casais que a gente tá assim mirando, tá entendendo? O pessoal que é *vip* é. O pessoal que é bagaceiro, tu vai ali tomar uma cerveja, tá fudendo. Só que assim não são os *vips*, gostosos, sarados. O pessoal que é bonito... tem que ter toda aquela conquista, aquela coisa que, no fim, te dá mais tesão do que tu ir na casa do cara sabendo que tu vai pegar, né?

Bauman (2004) questiona se o sexo em si é tão importante assim para esses casais. Argumenta, em relação ao sexo de curta duração na vida dos parceiros, que a incerteza nunca se dissipa de modo irrevogável sendo o *swing* uma estratégia para enfrentar esse espectro da insegurança, uma vez que a preocupação com as consequências indesejáveis passa a ser compartilhada por ambas as partes.

4.3.2 *Swing*

Quanto ao ingresso no *swing*, Anaïs fala: “*Teoricamente, você entra no swing pra não mentir. Quem procura o swing é porque não quer traição, ok?*” Neste sentido, Weid (2010) corrobora com a ideia de que os casais *swingers* se consideram afetivamente monogâmicos, uma vez que o vínculo amoroso é exclusivamente entre o casal, muito embora também se considerem sexualmente poligâmicos, sendo que esta relação apenas se dá ao nível físico, não configurando uma infidelidade.

[...] quando a se gente conheceu, eu e o meu ex-marido conhecemos ele e a I., eu e a I. ficamos três horas conversando, entendeu, pra chegar no comum acordo de pegar e subir. Aí ela foi falar com ele e eu fui falar com meu marido, pra gente ir pruma cabine... pruma suíte, porque a festa era num motel e a gente foi pra outra suíte no motel. Então, parte... não é assim, chegar lá tu pode tudo, vá lá chegando, metendo. Aquela menina que tava dançando pelada lá aquele dia que eu fui lá, que eu dei beijo, o marido dela tava lá sentado olhando. Tu viu algum homem chegar nela? Não. E ela tava lá nua pra quem quisesse. Nem um cara chega. É o respeito, tu tá entendendo? Fica olhando...

Navarro (2012) ressalta alguns códigos que devem ser observados pelos casais *swingers*, dentre eles o consenso entre o casal; o respeito à vontade alheia; sigilo quanto ao que acontece nas festas; sutileza na aproximação com outros casais, dentre outros. Quanto a tais regras, Anaïs relata que:

Então, qual é o combinado? [...] quem começa a aproximação é a mulher. Sempre são as mulheres, porque são as mulheres que deixam ou não, entendeu? Tu vai, leva pro *pole dance*, aquela coisa...tu pode até começar com uma conversa, entendeu? Mas parte sempre da mulher. Então, assim, a mulher que dá em cima dos homens... Os homens ficam esperando as mulheres se pegarem e chamar pra subir, entendeu? É assim que acontece. Se vier uma mulher que foge dessa regra e começa a se esfregar e dar em cima do teu marido, vai pra lista negra. A não ser, assim, casais que já se conhecem, entendeu? A gente separa, isola aquele casal. Todo mundo. A gente fica quieto, fica na nossa, não sai falando porque, sei lá, entendeu? Porque pode até existir casais que aceitem.

O acordo deste casal interlocutor é jamais se relacionarem com outras pessoas sem que ambos estejam presentes. Esta regra varia de casal para casal e, pode mudar com o tempo,

dependendo dos novos arranjos futuros. Para os casais é importante que o parceiro/a seja cúmplice desde o momento da escolha de outra pessoa (*single*) ou casal e do compartilhamento da experiência no *swing* (Weid, 2010). Isso reflete no respeito que os “verdadeiros” praticantes têm em todas as suas relações.

A pessoa fica mais na dela. Em festas comuns, eles não podem deixar a gente na mesa sozinha pra ir no bar pegar uma bebida...lá não rola! Tu quer ver uma coisa: cansei de quando eu sentava na mesa e ficava sozinha, aí, lá pelas tantas, depois que o povo subia, às vezes, vinha uns rapazes e sentavam na mesa “E aí? Tu tá sozinha?”, “Não, eu sou esposa do Henry”. Pronto. Aí pedia desculpa, não-sei-que, pronto. Não tem *stress*. Não te incomodam. Eu posso ir lá pra rua, ficar sozinha, fumar lá na rua... Às vezes, a gente conversa, porque o pessoal vê que eu tô com ele, eu vou lá pra fora, aí “Tu vem aqui faz tempo? Me conta, como é que é, como é que não é”, tu tá entendendo? Só isso. É diferente de você ir prum forró, porque você vai num forró e as meninas passam, ficam pegando no cabelo... (Anaïs)

Navarro (2012) ao falar sobre o *ménage à trois* – sexo a três – diz que este exige honestidade e, no mínimo, a concordância dos três envolvidos. A honestidade é pré-requisito para os casais que praticam *swing*, sendo, inclusive, a mentira, um dos pecados capitais. De todas as regras, talvez esta seja a mais valorizada, pois o casal deve estar sempre de acordo. Em uma de suas saídas a uma casa de *swing* e com a ausência do marido, à época, Anaïs narra:

Uma vez nós tava lá na *boite* que era uma casa de *swing* que tinha antes, ...e eu fui com o Henry mas eu ainda tava casada. Meu marido tava de plantão aquela noite e eu fui com o Henry. Chegou um casal pra mim, a mulher era bonitinha, aí ela chegou e disse assim pra mim: “Tu não quer subir com a gente? Eu disse: “Por quê?” “Eu nunca fiquei com mulher, tenho a maior vontade.” Cara, tu quer deixar uma mulher doida é tu dizer isso: tenho a maior vontade de ficar com uma mulher e nunca fiz. Eu não subi por causa dele. Porque ele tava trabalhando. Aí, eu nem tava com ele ainda. O meu ex-marido tava trabalhando, mas mesmo que eu tivesse com o Henry eu ia dizer, se eu tivesse com ele... eu ia chegar e dizer assim pra ela o que: “Então tu espera o meu marido [...], depois a gente vai.” Só que como ele não era meu marido, o meu marido não tava lá...

Os casais, entretanto, apesar do respeito que relatam dentro do meio, buscam preservar suas identidades devido ao estigma associado à prática. Muitos associam o *swing* a um (sub)mundo de libertinagem onde tudo o que importa é fazer sexo. Os casais *swingers* se constituem no avesso da norma em relação à sexualidade na sociedade atual. (Weid, 2010) Os *websites* relacionados à prática fazem a ressalva de que o *swing* não é promiscuidade nem prostituição.

Porque assim ó: aquilo lá não é coisa pra puta. Aquilo ali é coisa,... é família que tá ali. A gente tá fazendo uma coisa que, eu vou dizer pra ti, eu não vou dizer 100%, mas 90% dos casais gostariam de fazer e não tem coragem. Só que quem tá ali não é

prostituta! São mães de família, são juízes, delegados, médicos, tu tá entendendo? Tem tudo que é classe social ali. Político, policial, pedreiro... então, só que existe um respeito. Todo mundo tem que privar, tem que se preservar. (Anaïs)

Nicholson (1999) defende que a população humana difere de si mesma não só em termos de expectativas sociais sobre como pensamos, sentimos e agimos. Consequentemente, precisamos entender essas variações sociais do humano ligados a estereótipos culturais de personalidade e comportamento. Anaïs e Henry acreditam que é preciso ir além das expectativas da sociedade, pois:

Porque se tu vai te preocupar com o que pensam ao teu respeito tu não faz nada! E eles fazem tudo... escondido! Eu acho assim, tu tem todo o direito de achar certo ou errado o que uma pessoa faz, mas não condene. Se acho alguma coisa que minha filha faz errado, a não ser assim, ó, matar, roubar, prejudicar alguém, eu não vou deixar de ter relação... não vou cortar relação com ela porque ela faz uma coisa que eu não acho certa...porque o certo é errado, depende muito, pra ti pode não ser pra mim. Só vamo se respeitar! (Anaïs)

Anaïs e Henry apontam que, mesmo entre os casais *swingers*, preconceitos existem e que, muitas vezes, esse fato dificulta algumas relações. Se o casal é mais seletivo, por exemplo, pode passar por antipático; se o homem se diz bissexual, pode ser excluído do meio... mas ressalta que isso não ocorre apenas entre os casais que fazem *swing*, e sim, em todas as esferas sociais.

Então, assim ó, o *swing* é uma coisa que existe até um próprio preconceito entre quem... no meio de quem faz. Não trocar com qualquer um, tu é julgado, entendeu? E rola tanta fofoca! Tanta picuínha que tu não tem noção! Não é de Fortaleza. É o ser humano. É em qualquer lugar. Assim, as pessoas acham que são teu dono, tudo que tu fala acha que tão dando indireta, tu não tem noção! Não faz ideia do que é. (Anaïs)

O *swing*, no imaginário social, é considerado um comportamento desviante, ameaçador, afrontador da boa e legítima sexualidade dos casais da nossa sociedade. Weid (2010) ressalta a dimensão moral das críticas aos comportamentos dissidentes, sendo os desviantes delimitadores de fronteiras. O modo de vida dos casais *swingers* são considerados nocivos a toda uma vida social, portanto, moralmente condenável. Anaïs e Henry desabafam:

Tem gente que pensa que, como tu é do *swing*, tu não o direito de fazer o que nós estamos fazendo aqui, agora (conversando). Aí as pessoas acabam sendo isoladas, até quem só quer isso, porque, eu vou dizer uma coisa pra ti: o pessoal que, realmente, entende o negócio, é capaz de entender que não é porque eles chamam a gente pra jantar na casa deles que eles querem comer a gente. Tem gente que acha que é por obrigação. É regra. (Anaïs)
É! Tem que tá todo mundo pelado aqui e se comendo, entendeu? Chega um limite que as pessoas isolam. (Henry)

4.3.3 Ciúmes

O ciúme está presente na prática. Foi apontado por esse casal como o principal motivo pelo qual os casais resolvem deixar a prática. Weid (2010) aponta que grande parte dos casais *swingers* que entrevistou buscam transformar o ciúme em tesão, sendo este um complemento que torna as situações mais excitantes e um fator que reaviva a relação. Nem sempre, porém, isso acontece e brigas podem ocorrer entre os casais, inclusive envolvendo violências físicas.

Ele tá comigo, amor. Ele não pode fazer escondido. Eu consigo separar... porque o ele fez com ela? Ele comeu ela. Transar ele transou comigo depois. Fazer o que ele gosta só quem faz sou eu. Fazer sexo. Fazer amor. Funciona assim: se for mulher, ele adora, mas se for solteiro ele não curte, não. Ciúme. Então também rola um preconceito deles mesmos a respeito disso. Porque se for uma mulher que nós dois vamos ficar, eu e ele e uma mulher, ok, sem problema, porque eu fico com a mulher e fico com ele, mas se for um solteiro, aí já dificulta um pouquinho. No nosso caso. Tem casais que não se importam. (Anaïs)

Eu tenho ciúme. É porque solteiro é gaiato. (Henry)

Eu, só tem uma menina que eu não quero que o Henry fique, que ele sabe, que foi a que dançou no dia que vocês tavam lá, porque ela dá em cima dos maridos. Eu não admito isso. Ela é uma sem vergonha e já fez muita gente brigar. Não vale nada. Não vale nada, não. (Anaïs)

Weid (2010) aponta que as mulheres são mais tendenciosas às reações de ciúmes do que os homens. Um dos motivos seria o fato de que elas são criadas para querer o príncipe encantado, casar e passar toda a vida com ele até que a morte separe. Já os homens creem que o impulso sexual masculino é natural. No entanto, homens podem ter sua virilidade posta à prova quando suas mulheres mostram interesse por outros e esse fato é um gerador de conflito e brigas entre os casais. Anaïs relata que, ocorre em algumas situações de mulheres “darem em cima” dos maridos, fato que provoca uma forte reação de repulsa por parte das esposas. No entanto, entre casais que já se conhecem, as brincadeiras são permitidas.

[...] vários casais que a gente tem como amigo que as mulheres vem e dançam com o Henry... Tem um casal amigos nossos que ele chega e ele me dá selinho toda vez que ele chega, entendeu? Só que a gente já se conhece. Aí é diferente! É aquela brincadeira, aquela coisa toda, que nem tem um casal de amigos nossos que teve uma festa lá, o Henry levantou o vestido dela, beijou a bunda dela, que ela é a vovó, né, porque ela já tem neto, é a vovó gostosa, não-sei-quê, entendeu? Mas isso quem já se conhece. Agora, se chega um casal novo e a mulher vem pra cima dele ou o homem vem pra cima de mim, dá merda, entendeu? (Anaïs)

Bauman (2004, op. Cit.) ressalta que os seres humanos tomados por Eros são duais, pois ao mesmo que buscam a carícia suave e gentil, também procuram subjugar com suas

garras implacáveis. “Eros não pode ser fiel a si mesmo sem praticar a primeira, mas não pode praticá-la sem correr o risco da segunda. [...] mãos que acariciam também podem prender e esmagar” (p.23). Neste sentido, quando se trata de amor, existem Quatro Cavaleiros do Apocalipse, quais sejam: amor, posse, poder e fusão.

Anaïs e Henry, no entanto, buscam flexibilizar as “garras de Eros” buscando uma maior cumplicidade e abertura, tanto comunicacional quanto sexual. Existem limites que não podem ser ultrapassados devido aos acordos firmados pelo casal e isso, em certa medida, abranda a “assombrosa fragilidade do amor, lado a lado com sua maldita recusa em suportar com leveza a vulnerabilidade” (Bauman, 2004, p.22).

Não é que é certo ou errado. É o acordo do casal. Eu não admito ele sair só com uma mulher. Ele não admite de eu subir sozinho com um solteiro. É a questão de respeitar o limite. Eu não sei se daqui a dois anos, três anos, dois meses, não sei. Eu não vou deixar ele chegar e ficar com uma mulher sozinho e ele também. Não sei. Isso é regra hoje pra nós dois. Isso pode ser a vida toda essa regra e pode, daqui um mês, dois, mudar. Ele só com a mulher, que nem aquele caso que a mulher não era bi, ficou só com ele e eu fiquei junto, mas ele não ficou sozinho. Eu tava junto. Agora, a gente tá numa festa e ele subir sozinho com uma mulher, não. Eu chegar numa festa e subir sozinho com um homem, não. Agora tem outro detalhe que pode acontecer: de a gente chegar numa festa, ele subir com a O. Só que eu conheço a P! Eu chegar numa festa e subir com o W., eu não sei se ele vai aceitar. Só que é uma situação diferente do que tu chegar e subir com um solteiro ou uma solteira que tu não conhece, ok? Entre pessoas que a gente já tem uma amizade... É uma coisa que depende muito. Tu tem uma regra, tu tem, mas depende da situação de com quem vai acontecer, tá entendendo? Chegar assim, por exemplo, numa festa, nós quatro, ele quer ficar com a P, eu tô menstruada... “Tá, vai. Outra vez eu fico com o W.” Pronto. É diferente, porque a gente se conhece há cinco anos, sei lá. Agora chegar aquela... *stripper* e querer subir com o Henry, ela vai...ela sai de lá sem os dentes na boca e ele, idem. Rs... Não é só confiar nele. É confiar nela. (Anaïs)

Giddens (1993) fala que “em um mundo de igualdade sexual crescente – ainda que tal igualdade esteja longe de ser completa -, ambos os sexos são levados a realizar mudanças fundamentais em seus pontos de vista e em seu comportamento em relação ao outro”. A regra de não mentir, por exemplo, promove uma maior segurança entre o casal e ameniza o ciúme. Narra Anaïs:

[...] eu acho que justamente essa cumplicidade, esse pacto de um não mentir pro outro, de um não querer enganar o outro, isso acaba sendo uma coisa que libera o casal, entendeu? Quando tu chega nesse ponto, dele saber tudo que eu falo, de eu saber tudo o que ele fala, é realmente... eu não sei... quando tu chega num ponto que tu pode chegar e ter certeza disso, tu acaba liberando muito mais. Isso é uma coisa que só tem a acrescentar.

Ainda em Giddens (1993), a maior parte dos homens aceita bem o fato de as mulheres estarem mais sexualmente disponíveis e até declaram que desejam essa igualdade. No entanto,

muitos declaram que rejeitam o que isso significa para eles. Tradicionalmente considerados como tendo necessidade de variedade sexual, aos homens é permitida certa “promiscuidade” em encontros sexuais múltiplos. Atualmente, as mulheres têm uma parcela de igualdade nessa “dupla moral”, no entanto ainda são divididas entre as virtuosas e as perdidas. Estas existindo às margens da sociedade respeitável. Neste sentido, a ideia do corno, no meio *swinger*, não existe, uma vez que o marido sabe da atividade sexual da esposa com outro homem. Diz Anaïs: “Pode toda *boite* ver, mas sabe que temos esse acordo. Pra quem não é do *swing*, ele é corno e eu sou trouxa. Por isso tem que respeitar os acordos.”

[...] depois que a gente tava junto a I. engravidou do Henry. Ele tem uma filha de um ano e a gente tá junto há um ano e meio. Foi uma barra, mas eu entendi porque... porque quando eu me separei do pai da minha filha, da minha primeira filha, que não era o meu ex-marido, a gente teve vários *flashbacks* até a gente decidir que não era isso que a gente queria. É difícil de tu se separar, tá entendendo? Aí, aconteceu a gravidez da I., ficou todo mundo contra ela, hoje ela é a queridinha da família e eu sou a bruxa. Quem contou pra família do Henry que a I. tava grávida fui eu! Eu chamei a mãe dele e a irmã dele pra conversar. Aí sentaram o cacete nela... o meu filho vai batizar a menina do Henry! (Anaïs)

Fonseca (2011) nos diz que a valorização da conjugalidade e da mulher, dentro do próprio vínculo conjugal, “impulsiona a busca por manter os prazeres sexuais no contexto em que realmente assumem significado” (p. 126). Logo, existe uma tendência crescente em se exigir uma simetria entre homens e mulheres nas questões de fidelidade. Goldenberg (2001) ressalta que o tom da mudança social foi dado pela reivindicação de igualdade nas esferas pública e privada, bem como pela recusa de morais sexuais diferentes para homens e mulheres. Entretanto, muitas mulheres ainda temem compartilhar com seus companheiros seus desejos e fantasias por medo de serem julgadas. Henry nos diz:

Claro, por causa da sociedade. Tem uma amiga minha que ela vê as putarias aqui no *WhatsApp*, ela diz: “Olha, eu participo de outros grupos, eu fico ouvindo a conversa das mulheres, é um bando de mau amada, mau comida, que não tem coragem de chegar e expor um pouco o que ela gosta de fazer.” Tem mulher que morreu e que nunca gozou na vida. E eu partilho da questão que eu sempre tenho que sair perdendo. Perdendo como? O placar tem que ser favorável a ela e desfavorável pra mim.

Bauman (2004) relata que, “para cada ganho há uma perda. Para cada realização um preço.” (p.66) Vencer ou se rebelar contra essa dupla moral ainda vigente, não significa ficar insensível ou ser uma pessoa sem inseguranças. Anaïs fala:

Mulher que não cobra nada do marido, que não tem ciúme do marido e deixa o marido fazer tudo que quer, e vice-versa, é porque não ama mais. Tu quer saber quando que rola um ciúme? Por exemplo, quando a gente sai com um casal, a

mulher é mais ou menos e o cara é gato, gostoso, barriga de tanquinho, ele vai ficar com ciúme. Vai se sentir inseguro. Aí se acontecer o contrário, ela é uma gata, gostosa, aí é difícil de rolar o ciúme porque eu também pego. Rs... Eu acho que, pelo menos no nosso caso, é pior pra ele. Porque se a gente for numa festa, que nem eu que agarrei uma *stripper* lá, gata, gostosa,[...] se eu pegasse aquela mulher, subisse com ela, deixasse ela no ponto, e ele comesse ela, eu não ia ficar com ciúme; mas se o *stripper* gostoso, sarado, subisse nós três, ele ia ficar. Tu tá entendendo? Porque ele não ia ficar com o *stripper*. Na nossa situação, o ciúme pra ele é ser pior do que pra mim, porque mulher gostosa nós dois vamos pegar e o homem gostoso quem vai pegar sou eu.

O ciúme, no entanto, não fica restrito apenas à esfera da conjugalidade, expandido suas garras também para outras dimensões, como a amizade, por exemplo. Weid (2010) reflete sobre a importância que esse vínculo adquire para a população entrevistada. Alguns casais *swingers* forma relações de amizade e confiança. A fronteira entre amizade e ciúmes, nestas relações de amizade, entretanto, parece tênue.

Se eles não gostam, se eles não tem uma simpatia uma amizade com um casal e eu sou amiga deles, pra maioria das pessoas, eu não posso ser amiga do outro casal. Só posso ser amiga deles. Tem situações que tu tem, realmente, que tomar partido como em qualquer outra amizade independente de tu tá no *swing* ou não. Por exemplo, se um casal fizer pra eles uma coisa que eu não concordo, realmente, não dá. A gente isola. Mas se é uma coisa que foi só entre eles, um atrito... e as pessoas confundem isso: tu é meu amigo, tu só pode ser meu amigo, tu não pode ser amigo de mais ninguém. Agora, a ex-mulher do Henry, se eu ver na casa da P. eu não sou mais amiga dela, porque aí já tem outras questões que não dá, infelizmente, são problemas mais sérios que tu não pode ter um amigo em comum. Agora tem pessoas que por besteira... (Anaïs)

Weid (2010) discorre que muitos casais passam a frequentar a casa uns dos outros, chegando até a viajarem juntos com parentes e filhos, bem como compartilhar programas “caretas” como ir a cinemas ou restaurantes. Nesta pesquisa, nem todas as amizades envolvem ou envolveram relações sexuais. Fato que não diminui o grau de intimidade nem de cumplicidade entre os envolvidos. No entanto, quando ocorrem desentendimentos segredos podem ser “vazados” trazendo prejuízos. Para Henry e Anaïs, esses contratempos partem, normalmente, das mulheres.

Mulher é mais ciumenta. Mulher usa tudo que sabe a teu respeito contra ti. (Anaïs)

Mulher tem um HD de 500 giga. Ela te puxa informação tua de 2000 pra cá... É por isso, Andréa, que você grave aí e você coloque: os fuxicos, as brigas são causadas por causa das mulheres. Os homens são tudo bem, se dão tudo bem, massa, agora, mulher tem que arranjar uma coisa contra a outra. Toda vida que rola um *stress* é por causa das mulheres. Sempre rola. O fuxico sempre surge com a mulher. Só que ela não revela pro marido dela que ela tá com raiva da outra porque a outra não tem barriga. Ela inventa um fuxico da outra pra botar o homem contra o cara: “Ó, o fulano de tal falou não-sei-o-que de ti...a fulaninha disse que tu era o maior páia...”. Faz o caldeirão da bruxa e pronto. Faz a caveira da outra. (Henry)

A amizade em Foucault (1995a) é uma forma de relação, um modo de vida. Entretanto, ele questiona se somos capazes de nos conduzirmos de forma ética diante de certos atos e seus prazeres de modo que levemos em consideração o prazer do outro. Nesse sentido, a amizade, tendo em vista a autonomia dos casais *swingers* em relação às suas decisões de lazer e preferências, não está isenta de conflitos. Apesar de permeada por inovações, experimentações, diferenciações e reflexões, carrega consigo intrigas, ciúmes e julgamentos. Para Anaïs e Henry, a relação *swing*-amizade-ciúmes trouxe algumas experiências amargas.

A gente vai aprendendo. Olha, quando a gente entrou pro meio a gente tirava todo mundo pra amigo até que provasse o contrário. Hoje é extremamente o oposto! Hoje é só o pessoal de farra até que me prove que é meu amigo, porque assim, na realidade, tu tem filho, tu tem trabalho, tu tem uma reputação a zelar, entendeu? Então, não pode escancarar. Não pode! Por isso que a gente passa por antipático. Muita gente do grupo do *WhatsApp* encontra a gente numa festa: Oi, eu sou o fulano. ... querem adicionar a gente no *facebook*, a gente não adiciona. ... meu *facebook* tem meus filhos, tem meu pai, tem minha mãe, tem os pais dele... mas quando tu consegue fazer uma amizade... Amizade, que nem eu te falei. Tem muita gente que é companheiro de farra. Agora, quando tu faz uma amizade no *swing*, é uma amizade! (Anaïs)

Estes desentendimentos também contribuem para que os casais praticantes de *swing* prezem tanto por anonimato. Segredos podem ser revelados à revelia - a exceção da prática em si, algo que prejudicaria a todos os envolvidos -, mas estes dissensos entre os próprios casais é um fator a mais para a auto-preservação.

Sabe qual é o problema do pessoal do *swing*? Eu vou te dizer. Eu sei de um segredo da fulana que ninguém pode saber: ela é do *swing*. Então, qualquer outra coisa que ela me contar é fichinha, só que essa fichinha, ela pode espalhar pros outros. O *swing*, não, porque ela faz *swing*, eu faço, mas o resto que eu confiei nela pra falar, vai falar fora do *swing*. Então, infelizmente, tu acha que, como tu é do *swing* e tu tá no mesmo barco... eu e a fulana a gente tá na mesma situação que eles perante a família, então eu pego e conto pra ela um pecado menos grave, digamos assim, mas que pode fuder comigo do mesmo jeito... aí, lá na frente eles usam isso contra ti. Só que tu começa uma amizade sabendo um segredo muito sério, então o resto é o resto. Tu acaba chegando, sentando numa mesa, enchendo a cara e contando coisas da tua vida pra pessoas que, depois, vão usar aquilo contra ti, é foda, cara! Eles não usam o *swing*, mas eles usam o resto. Então, o povo é fofoqueiro, inseguro, no *swing* como num colégio de primeiro grau. (Anaïs)

4.3.4 Questões de gênero e (bis)sexualidade

De Lauretis (2004) entende que as questões de gênero têm a ver com a história, as práticas e as imbricações de sentido construídas socialmente para homens e mulheres. Neste sentido, é um sistema de relações sociais, simbólicas e psíquicas no qual estes se encontram

alocados. Henry e Anaís, respectivamente, apesar de algumas vezes pronunciarem enunciados culturalmente construídos, tais como: “Mulher é assim. Mulher é o cão. Tu tem que cuidar muito.” ou “Quando tu tá amamentando, teus peitos são de quem quando tu tá amamentando? Do bebê.”, fazem deslocamentos nessas normas de gênero caminhando por alguns desvios na estrada.

Anaís lembra o momento em que contou para sua filha mais velha sobre sua condição *swinger*:

“Minha filha... eu... tenho uma namorada”. Eu falei pra ela, né? Ela disse: “Mãe, tu não existe! Como é que é isso?”. Aí eu digo: “Não,... eu não tenho só uma namorada. Eu tenho um casal de namorado e tal.” Aí eu peguei e contei pra ela... E quando eles vieram no final do ano pra cá a gente levou eles pro *swing*, né?”

Tal fato pode nos levar a pensar alguns deslocamentos. Anaís, casada, não ter apenas uma namorada, mas um casal de namorados e, como mãe, levar a filha e seu marido para uma casa de *swing*. Louro (2008) nos chama a atenção de que:

[...] é preciso abandonar qualquer pressuposto de um sujeito unificado, que vá se desenvolvendo de modo linear e progressivo, na medida em que pouco a pouco, em etapas sucessivas, supera obstáculos, interioriza conhecimentos e entra em contato com pessoas ou leituras.... Na pós-modernidade, parece necessário pensar não só em processos mais confusos, difusos e plurais, mas, especialmente, supor que o sujeito que viaja é, ele próprio, dividido, fragmentado e cambiante. [...] há aqui, formação e transformação, mas num processo que, ao invés de cumulativo e linear, caracteriza-se por constantes desvios e retornos sobre si mesmo, um processo que provoca desarranjos e desajustes, de modo tal que só o movimento é capaz de garantir algum equilíbrio ao viajante.” (pp. 12-13)

Louro (2008) ainda nos lembra que existe uma sequência: sexo-gênero-sexualidade, que nomeiam os corpos. Sendo assim, o sexo determina o gênero e este induz os sujeitos a uma única forma de desejo. De tal modo que para sermos qualificados como sujeitos legítimos nos vemos obrigados a obedecer às normas que regulam a cultura na qual estamos inseridos. Anaís e Henry transgridem:

Aí, o que que acontece? Eu acho que eu te falei: a gente saiu com uma menina... porque eu vi um filme e aí tava doida pra pegar uma mulher e que uma mulher me pegasse...que a gente saiu com uma menina que lá no fim, lá no meio da conversa, ela falou que não era bi. Eu digo, porra murchou! A gente não cortou ela porque a gente gostou dela, ela era gente boa. A gente trouxe ela pra cá, o Henry ficou com ela, eu não fiquei e aconteceu. (Anaís)

Paradoxalmente, segundo Louro (2008), uma matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos ao mesmo tempo que fornece a pauta para as transgressões. Tanto Anaís

quanto Henry buscam o desafio de se inventarem, individualmente e enquanto casal. Nesta invenção, representações normativas sobre como ser homem e mulher são borrados. Investir na construção de uma relação conjugal mais acolhedora dos próprios desejos, requer uma existência na qual acusações mútuas, chantagens e cobranças percam cada vez mais espaço para a vida que se quer.

Eu tinha uma vizinha minha que ela era colega de porta... A gente conversava muito, né? Tudo que tu pode imaginar. Aí, chegou um ponto que ela chegou pra mim e disse assim: "Quando a gente reencarnar de novo vamo casar?" Quanta mulher que larga os maridos e não quer mais saber de homem? E vice-versa. Os homens também. Muitos não assumem só porque não tem coragem pra assumir, mas larga da mulher e vai ficar escondido com outro homem. A mulher assume; o homem, não. A mulher bota à cara a mostra. O homem que se diz macho, não bota. A mulher larga do marido e vai viver com outra mulher e foda-se o mundo! O homem larga da mulher e vai viver com outro homem ele faz escondido, por causa do preconceito. Tu queira ou não o preconceito é maior com o homossexual masculino do que com o feminino. (Anaïs)

O *swing* é uma prática heterossexual. Porém, às mulheres tudo parece ser permitido. Mulher pode ficar com outra e com outros; homens, não. Estes só devem ficar com mulheres, caso contrário, são acusados de homossexuais e, muitas vezes, são excluídos do meio, pois não é interesse para a maioria dos casais esse tipo de relação.

Não existe bi no universo masculino. O homem é viado. A mulher é tarada, gostosa e o marido adora. A mulher é moderna. Amor, não existe bi no universo masculino: é tudo viado! Ou é viado ou tu é homem. Não existe bi. (Anaïs)

E uma vez eu vi um filme, que era meio científico também, porque eles usavam uma câmera infravermelha pra mostrar as zonas erógenas do homem e da mulher e essa parte aqui debaixo do homem ficava vermelha e, as zonas erógenas, ficavam bem vermelhas comparadas com o resto do corpo. No homem era mamilo, o pênis e essa parte aqui... o campo do períneo. Então, ficava vermelho. Então, não é coisa minha. É natural! Eu não achava normal por causa do preconceito, de a gente ter crescido sempre com aquela questão do "baitola". Eu ficava me perguntando: será que sou viado? (Henry)

Algumas casas especializadas no Brasil, entretanto, buscam dar oportunidade para casais que buscam a bissexualidade masculina. Há alguns ambientes chamados de Cabines de *Glory Hole* – ambientes fechados onde existem buracos nas paredes – que permitem o voyeurismo, sexo oral e até mesmo o sexo de fato. Segundo o site portaldoscasais¹⁵:

Para casais que desejam iniciar no ménage masculino é uma boa opção, pelo anonimato que a sala proporciona. Nesses ambientes o assédio masculino é sempre grande, portanto, se o casal tem essa fantasia, pode entrar na cabine apenas os dois e

¹⁵ www.portaldoscasais.com.br

deixar a esposa ser acariciada pelos buracos, o segundo passo seria o sexo oral, caso sentirem que quem está do lado de fora é o que procuram podem convidar a participar da brincadeira dentro da sala. Isso também pode ocorrer com outro casal que esteja do lado de fora.

A bissexualidade masculina desestabiliza “o sistema de uma heteronormatividade compulsória e naturalizada” (Louro, 2008, p. 16) inclusive para os casais *swingers*. Neste sentido, observamos um dos limites da prática no plano das normas de gênero e das prescrições da sexualidade. Fica claro que alguns discursos da heteronormatividade organizam, bem como são contestados nestas experimentações. Anaïs nos fala:

[...] mas tem casais que rola. Tem pessoas que, não, mulher pode, homem não pode. Tem gente que ao invés de apenas dizer: “Não, não rola” te isola. O cara é viado! Não é viado! Ele é bi! Se a mulher tem o direito de ser bi, o homem também tem o direito de ser bi. Eu, pelo menos, penso assim. Eu não quero, não vai rolar, ok! Mas não vou deixar de ser amigo deles, tá entendendo? Essa é a questão. Só que, realmente, existe esse preconceito. Existe. É muito pior! É um preconceito filho da puta! A gente conhece muito *gay* e tudo, mas no *swing* não rola. O *swing* é infantil, por mais incrível que pareça.

Louro (2008) lembra que ainda que sejam tomadas todas as precauções, não há como impedir que alguns subvertam as normas, ao preço de serem punidos, excluídos, sofrerem penalidades e reformas. Como medida para subverter essa norma da heterossexualidade compulsória, Anaïs e Henry evitam falar sobre a bissexualidade dele, pois a dela, por ser mulher, é aceita e até desejada. Neste sentido, entendemos que “[...] o gênero e a sexualidade guardam a inconstância de tudo o que é histórico e cultural” (Louro, 2008, p.17).

4.4 Simone e Jean

4.4.1 Conjugalidade e *swing*

Simone é uma mulher de trinta e cinco anos, cearense, autônoma, casada há vinte e três anos com Jean, quarenta e seis anos e bancário. Ambos têm apenas uma filha de vinte e dois anos e um neto de um ano. A iniciativa de ir para o *swing* partiu de Jean. No entanto, até que aderissem ao estilo de vida *swinger*, anos se passaram, pois Simone teve muita resistência a iniciar e continuar na prática.

A gente se conheceu eu morava com minha mãe ainda. Eu tinha doze anos. É, eu tinha doze anos e a gente se conheceu, ele bebendo num bar que era vizinho à minha casa. Aí, a gente se conheceu num bar que ele costumava beber e eu muito novinha, né? Sabe aquelas meninas metidinhas, né, enxeridas? Aí, eu com a minha prima a

gente ficava se enxerindo, né? Passando pra lá e pra cá... Há princípio o interesse dele não era em mim, era na minha prima mais velha que eu um ano. Ela tinha treze e eu tinha doze na época. Só que ela não deu muita atenção pra ele, não. Só sei que aí, no final, eu sei que ele acabou ficando com ela, e depois ele ficou comigo e a gente acabou ficando e namorando. Aí a gente ficou namorando fixo eu tinha doze anos, era. Eu estudava, tudo, eu era muito novinha. A gente namorava escondido, aí depois foi que eu assumi para a minha mãe e pro meu pai. Aí eu fiquei grávida com treze anos. Com treze anos eu fiquei grávida. Foi... Rs... Eu engravidei com treze anos. Aí, eu tive o meu filho em noventa e dois. (Simone)

Após aproximadamente seis anos de casados, Jean começou a sugerir que fossem a festas de *swing*. Na época, ainda não tinha nenhuma casa especializada em Fortaleza. Havia *promoters*, pessoas promovendo os encontros que ocorriam em casas particulares ou alugadas, bem como em suítes de motéis. A internet ainda era discada, então os anúncios sobre as festas eram feitos, principalmente, em revistas, dentre as quais a Revista Brazil Sexy Magazine.

A iniciativa toda partiu de mim. Acho que a gente tava com dez anos que a gente tava junto. Aí, ela “Não, não, não quero, não- sei-que”. Eu disse: “Vamos conhecer uma festa?” Eu entrei no site, vi umas festas lá, que na época era do Tom que fazia aqui em Fortaleza, a gente foi... (Jean)

Não. Nessa época, não, Jean. Ainda não. Era assim ó. Deixa eu falar! Fica calado. Rs... Aí na época que ele queria, não tinha ainda não essas coisas não, que ele falou. Era na época da revista, que tinha a revista... não-sei-que Brasil, uma revista que tinha lá que ele via as coisas, sabe? Tinha anúncios e tudo. Não tinha internet na época... (Simone)

Antes, porém, de iniciarem suas idas às festas *swingers* na cidade, buscando apimentar a relação e evitarem traições por parte de Jean, vivenciaram algumas aventuras, como a que Simone relata abaixo:

Aí, foi na época que tinha negócio de anúncio de revista que ele comprava e tudo, aí ele queria, né? A gente nem sabia que tinha esse negócio de *swing* nem nada na época, não. Eu só sabia por que ele queria. Ele tinha essa fantasia aí, né? Aí, uma vez a gente foi pra uma festa, eu não lembro onde, só sei que a gente foi pruma festa. Chegou lá ele disse: “Olha, tu vai pra lá e tu finge que é solteira.” Aí, eu: “Tá certo”. Era! Eu bem novinha, mulher! Acho que eu não tinha nem quinze anos. Acho que eu tinha uns quinze, dezesseis anos. Aí, eu conheci um cara bem bonitinho, sabe, comecei a dançar e tudo. Aí, depois ele disse assim: “Ei, vamo ali” Aí, quando eu fui, né, aí o Jean chegou, né? Aí, eu disse: “Esse aí é meu marido.” Aí, o cara ficou puto, não foi, não, Jean? Rs... Aí, eu conversando com o cara e tudo, a gente foi pro motel, né? Aí eu fui prum quarto no motel, aí o Jean pegou e foi. Ele não quis aceitar que o Jean ficasse lá, né? Eu acho que ele não entendia. Não sabia nem o que era, né? Aí, não queria o Jean lá. Aí, eu fiquei lá com ele e depois ele pegou... o Jean chegou aí eu disse: “Não. Só fico se for com meu marido.” Ele saiu puto de raiva, né? Aí, quando ele saiu puto de raiva, a gente tava num lugar que era perto lá da festa. Aí ele foi falar com um amigo dele, não foi, Jean? Rs... Foi falar com um amigo dele... mulher, foi comédia esse dia! Rs... Aí, foi falar com um amigo dele lá porque ele achava que nós... ele só podia achar que nós era algum louco, alguma coisa assim do tipo, né? Rs... Aí, eu só que depois ele veio atrás da gente. Uma turma. Era bem uns três ou quatro. Eu disse assim: “Ei, Jean, não vai dar certo, não.

Vamo embora.” O Jean pegou a moto, eu sentei e fomos embora. E lá se vem o cara atrás da gente. Depois a gente só faltou morrer de rir. A primeira tentativa. Foi. Não deu certo.

Welter-Lang (2001) ressalta que a educação dos meninos estrutura o masculino de modo a inculcar a ideia de que, para ser um verdadeiro homem, devem acatar os códigos da virilidade, dentre os quais a natureza não monogâmica do macho. Neste sentido, Jean, como homem, tinha as suas “necessidades fisiológicas” não plenamente atendidas. Não porque não amasse sua esposa, mas devido ao imperativo da dupla moral.

Aí, passou anos, e eu pensei: “Jean, não dá certo.” Anos... anos... mas só que nesse meio tempo de anos, como ele queria essa coisa assim, aí, haja eu levar chifres, né? O povo ligava lá pra casa! As raparigas dele, né? Rs... Nesse meio tempo, eu ainda era muito nova e o S. era pequeno, aí, não deu certo, né? Aí, depois ele queria de novo e eu não quis mais, né? Não aceitei mais de jeito nenhum. Aí, ele ficava com raiva que eu não aceitava, aí ele pegava e saía sozinho. Sozinho assim, né, com os amigos que ele tinha. Aí, ia raparigar por aí, fulerar. Eu sabia assim, eu suspeitava. Eu sabia que ele saía com os amigos pra beber e tudo. Aí, eu desconfiava, porque ele chegava em casa de madrugada, às vezes, cinco horas da manhã, entendeu? Aí, passava um tempo... passou um tempo e começaram a ligar lá pra casa, foi uma fuleragem lá que ele arrumou. Foi. É sério! Aí, começou a encher meu saco e eu brigando com ele e ele dizendo que era mentira. Aí, que a raiva aumentava. É, sim, mas essa aí foi só a primeira vez. Depois teve as outras. Essa foi a primeira de... umas três, não foi? (Simone)

Welter-Lang (2001) ainda nos fala de mudanças massivas que estão acontecendo por parte dos homens. Fato que nos diz que a “paisagem social dos homens mudou.” (p.470) Existem alguns homens que se encarregam dos cuidados domésticos e dos filhos, total ou parcialmente; há aqueles que lutam pelos mais variados tipo de paridade com as mulheres; aqueles que buscam negociar um entendimento igualitário com suas mulheres, enfim, alguns homens que o autor chama de “pró-feministas” (p.470). Jean, apesar de ter alguns discursos colados em seu corpo de como homens devem ser, busca alternativas “desordeiras” das masculinidades heterossexistas. Jean nos conta:

Muito bem... aí, eu vi um anúncio do Tom na internet...deixa eu falar aqui, uma vez também! Eu vi um anúncio do Tom. A gente foi pra uma festa lá, uma festa muito bacana, mansão, as coisas boas, bacana pra caramba! Aí, ela aquela besteira todinha, né? Isso foi no intervalo, na sequência. Ela dizia assim: “Não, tu fica saindo com as raparigas por aí!” “Pois você não quer que eu saia com as raparigas, saia comigo. Porque se você não quer traição, vamos compartilhar as coisas juntos já que a gente é casal.” Não tem que ter segredo entre casal. O que eu mais queria pra ela: se eu gostar de alguém e quiser sair com alguém, saio; se você quiser sair com alguém, saia. É só isso! Mas ela, não, era só meu, só saía se fosse com ela, aí, porra! Aí, a gente foi na festa no Tom. Uma festa muito bacana. A gente conheceu muita gente bacana. Só amizade mesmo, de beber... Ligava: “ó, vamos pro forró hoje?” Bora! A gente ia pro forró curtir e tudo. Aí, nesse intervalo ela se aborrece de novo e diz “Não vou mais, não”. Se afasta de novo. Se passa uns três, quatro anos sem andar

em festa. A gente só conheceu as pessoas mesmo. É porque o *swing*, assim, em si, não é toda vez que você sai tem que rolar as coisas, não. Você conhece muita gente...

Weid (2010) nos chama a atenção ao relatar que a maior parte da iniciativa para o *swing* parte do homem. Entre alguns de seus entrevistados, alguns demoraram um ano ou mais para convencerem suas esposas a experimentarem a prática. A mulher, aos poucos vai se adaptando a esse desejo masculino. “É como se, para entrar em um mundo onde o que impera é a lógica pelo prazer, sem envolvimento afetivo [...] a mulher tivesse que aprender a se comportar como um homem” (p.59). Jean tomou a iniciativa para ambos experimentarem a prática e, entre anos e tentativas, o casal se permitiu.

No começo elas vão por pressão da gente. Só que depois, você deixa elas livres e elas vão porque gostam. A maioria que chama é homem. (Jean)

No começo eu fui por pressão, porque ele queria, eu não queria. Eu chorava quando chegava em casa...hoje em dia eu gosto. Rs... Dou o maior valor, ó! Porque assim, foi natural. A gente começa a andar, a fazer amizade... aí quando a gente começou a fazer amizades, a conhecer outras pessoas, que a gente saía, a gente não saía só na hora da putaria, a gente saía pra um barzinho, beber cerveja, conversar, ia pra um restaurante, depois voltava pra casa normal, sem nada, aquilo ali foi se tornando comum. Antes, pra mim, quando eu não gostava, pra mim aquilo ali era uma coisa forçada. Eu não queria aquilo. Aí, depois você forma uma amizade muito grande com as pessoas, aí a gente alugava motel, o dia e tudo, pra fazer churrasco, aí se tornava aquela coisa muito comum, natural. Alugava casa de praia... (Simone)

Simone e Jean têm o acordo de se relacionarem, normalmente, com pessoas solteiras. Ele, com mulheres; ela, com homens. Apesar do perigo de ambos se envolverem emocionalmente com seus parceiros “eventuais”, afirmam que preferem este tipo de troca no *swing*. Eventualmente, também ficam com casais.

Aconteceu de eu conhecer uma menina e aí eu passei dois anos com ela, curtindo com ela e Simone aceitava numa boa. Daí, eu falei pra ela que eu era casado e queria sair os três juntos. Ela não aceitava. Até que um dia eu convenci ela e a gente passou a sair os três juntos. Todo final de semana a gente saía junto. Aí, ficou um momento pesado assim, que ela já se sentia a dona da situação e queria colocar Simone em segundo plano. A gente entrava no carro e ela queria ir na frente. Aí, ela chegou um dia e disse: "Olha, você vai deixar a sua mulher e vai viver comigo." Eu digo, não cara, não é assim que a coisa funciona. Eu digo: "Você aqui é que tá sendo o segundo plano, não é ela." Solteira é complicado. (Jean)

Na situação, ela se sentia a mulher dele e eu como se fosse a amante. (Simone)

Féres-Carneiro, Ziviani & Magalhães (2011) mencionam que a “continuidade do relacionamento está estritamente relacionada à satisfação individual” (p.50). No momento em que um dos parceiros passa a se sentir insatisfeito, podem ocorrer separações. Logo, a

continuidade dependerá do nível de satisfação dos cônjuges. Jean buscou novas experiências juntamente com sua esposa tendo em vista conciliar seu desejo por novas aventuras extra-conjugais e a satisfação conjugal do casal.

[...] M. trabalhava lá na época [...] meu amigão e dizia: “Jean, vem curtir aqui na *boite*.” A gente ia pra lá, curtia lá, era bom demais, sabe? Aí, nisso, a gente já tinha desistido do *swing*, já. Ia pra *boite*, só, curtia lá numa legal, vinha pra casa, pronto. Aí, foi que a esposa do M. fez aniversário e convidou pra gente ir lá. Quando a gente chegou lá, o pessoal totalmente bacana, né? Aí, nesse dia ela se soltou, né? Rs... (Jean)

Aí, foi quando a gente começou a conhecer pessoas lá, aí pronto. Aí, a gente conheceu um certo casal lá que esse certo casal começou a apresentar outros casais. [...] Aí, a gente foi dando continuidade às amizades. (Simone)

Louro (2008) nos convida a pensar que o nosso desafio não é apenas assumir que as posições sexuais se multiplicaram, mas também entendermos que não mais podemos “lidar com elas em esquemas binários; [...] e admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas” (p.28). Navarro (2012) ressalta que a masculinidade e a feminilidade se veem trancados em mitos – como o do amor romântico e fusional, por exemplo – e esse fato faz uma oposição fundamental à autonomia pessoal.

Navarro (2007) afirma que “é possível observar que ainda somos muito sensíveis à ideia da não-exclusividade” (p.7). A idealização do amor romântico em que dois se transformam em um só dá corpo a ideia de exclusividade. Poucos aceitam a possibilidade de um casamento aberto. No entanto:

[...] uma das graves hipocrisias históricas do casamento é constatar que, em quase todas as sociedades, praticamente todo mundo diz que a fidelidade conjugal é fundamental, mas, em todas elas, havia relações extraconjugais em demasia. Sempre houve infidelidade. Então, o casamento sempre foi aberto. Ponto. [...] Ao escolher entre o casamento aberto e o fechado, é importante observar que uma aventura não é só passatempo, não é só gostoso, não é só uma relação sexual diferente. Se ela for uma ligação afetiva e pessoal de certa força, é profundamente rejuvenescedora, repousante, transformadora. (pp.117-118)

Não queremos dizer que os casais *swingers* partem em busca de ligações afetivas e pessoais, pois este não é o caso. *Swing* é sexo entre os casais – apenas sexo – com o consentimento dos cônjuges. O que podemos inferir da assertiva acima é que, para o casal, as aventuras vividas nesta prática proporcionam um frescor na vida conjugal: via de regra, na fala dos casais, o sexo melhora, a troca comunicacional fica mais verdadeira, a parceria aumenta, o conhecimento com o próprio corpo melhora e as inibições vão diminuindo

consideravelmente. Logo, a ligação afetiva e pessoal que ganha certa força, tendo em vista relações sexuais diferentes, é a do próprio casal *swinger*.

Com o tempo, você... a convivência de casal, você passa dez anos junto, cara, aí começa aquela coisa...aí fica todo dia, duas vezes por semana, uma vez por semana, duas vezes por mês e vai diminuindo...e isso a gente, que é homem, a gente precisa, né? É necessidade, entendeu? Todo dia o cara vai atrás de puta por aí, sei lá quem for que ele achar ele tá pegando, entendeu? Rs... Só que a gente, homem, é caçador, entendeu? Agora o que eu não acho certo: o cara sai, trai a mulher, a mulher vai trabalhar, trai o marido, pronto, aí fica aquela palhaçada, um enganando o outro. Então, acho que assim, no *swing*, pelo menos você sabe a real... aí quando a mulher mente pro marido, aí acabou tudo, porque você tem liberdade de fazer as coisas. Todo o nosso histórico fica lá... *face*, essas coisas, todo mundo tem a senha de todo mundo. Não, se houver segredo já não rola. “Esculhambou” o negócio porque você tá ali pra você ter a liberdade de falar tudo o que você gosta... (Jean)

O que ele não acha certo é a desonestidade, assim, né? Porque se é liberal naquele ambiente não tem porque você ser desonesto, entendeu? Meu celular tem *WhatsApp*. Tu sabe que *WhatsApp* hoje em dia, ninguém não vive, né, sem ele? Eu falo com várias pessoas, tanto de casal, quanto de solteiro e de mulher assim com ele, várias pessoas... Se ele chegar lá, vai lá no meu celular tá lá meu histórico todinho tá lá. Eu tenho a senha dele, ele tem a minha senha, ele vê meu histórico de conversa, eu vejo o dele, não existe segredo entre a gente... Eu falo com convicção porque eu sei que não existe mesmo. Não existe de jeito nenhum segredo... Aí, se ele ver alguma coisa que ele não gostou, então, pronto. Ele diz: “Eu não gostei disso.” Então, pronto. Não gostou: não falo mais, não faço mais, eu excludo essa pessoa e pronto. O sexo... Ó! Melhorou muito. Melhora muito. Isso não tem como. Melhora. Melhora. É uma restauração. (Simone)

Estudos sobre as conjugalidades contemporâneas, apontam para a “convivência de padrões tradicionais e modernos” (p.41). (Féres-Carneiro e Zivani, 2009; Jablonsky, 2007; Silva Neto e Strey, 2008; Silva Neto, Strey & Magalhães, 2011). Neste sentido, coexistem padrões e valores tradicionais e atuais, fato que se desdobra em mudanças nas maneiras como os casais se relacionam, bem como em mudanças nas motivações dos novos modos de relacionamento amoroso na contemporaneidade.

Heilborn (2004) propõe-nos que a conjugalidade seria como um estilo de vida, que se funda em uma dependência mútua e em uma dada modalidade de arranjos cotidianos. Para Barthes (2003) a relação conjugal é vista como um sistema bem estruturado, no qual as atividades e ações comuns entre os cônjuges podem ser melhores vivenciadas tendo em vista certa ordenação. A conjugalidade *swinger*, por sua vez, pressupõe a existência de um casal relativamente estável disposto a trocas sexuais sendo o consenso fundamental. Cada casal inventa seu estilo. Jean e Simone nos contam o seu:

Aí, assim, o nosso jeito de ser: tem as festas, né? Tem as festas do *swing* mesmo, mas a gente não gosta... O que que acontece? Vamos supor... assim, também a gente não faz isso com frequência, né? Raramente... acontece também de a gente sair com casal também. Resumindo é assim: a gente, o casal, a gente é assim: particularmente

a gente tem muitos amigos. A gente já saiu com casal? Já saiu. A gente fica com o casal? Depende do casal, se a gente gostar, mas, assim, não é a nossa praia, porque... a gente gosta de curtir, brincar e tudo... O nosso modo, muitas vezes, é criticado por muita gente, porque a gente é muito seletivo, a gente seleciona demais, porque tem casal que vai e só quer saber da putaria. A gente, não, a gente seleciona e outra, tipo da coisa, se tiver algum solteiro, aí se eu disser assim: "Jean, eu quero sair." Eu falo com ele, né? Ele diz: "Tudo bem, pode ir." Aí, ele me libera e eu vou normal, tá entendendo? Vou só. A mesma coisa acontece com ele. Se ele quiser sair com alguém, pode ir, beleza. Aí, se tiver um casal e a gente tiver de comum acordo... Porque tem que ter respeito! Ele sai só, mas tudo é combinado. Nada é sem ninguém saber. O que acontece com a gente? Eu falo assim, né? Eu digo assim: "Amor, eu quero sair com tal pessoa." Ele: "Pois, tá certo. Pode ir." Aí, o que é que acontece? Ele vai me deixar e vai me buscar. Com a gente, particularmente, é obrigatório ser uma regra, entendeu, não mentir. Não existe exceção! É uma regra. Mentira não é permitida em hipótese alguma! (Simone)

A mesma coisa acontece comigo. Só que eu não gosto muito de sair com ela e outro homem, não. Eu gosto de sair com ela e outra mulher. Aí, é bom demais. Rs... Eu vou deixar. Já fui deixar na porta de motel e fui buscar. Então, se você quer as coisas, você também tem que abrir mão de alguma coisa também. Porque tem muito cara que pensa que ela é solteira. Vai, sai com ela e pensa que ela é solteira. E tem muitos que sabem e não aceitam e também eu não quero porque eu não gosto de ficar com outro homem. A verdade é essa. (Jean)

4.4.2 Questões de gênero

Os modelos relacionais surgem a partir da dinâmica que cada casal estabelece para si. Sendo assim, não podemos reduzi-los a esses padrões. No entanto, observamos que muito da dinâmica dos casais *swingers* em relação à vivência de sua sexualidade segue o padrão heteronormativo. Neste sentido, ressaltamos boa aceitação e até o estímulo da bissexualidade feminina e da abjeção da bissexualidade masculino no mundo do *swing*. Jean corrobora com a maioria dos homens *swingers* em relação a esta rejeição.

Uma vez um casal entrou em contato com a gente e tudo, eles colocaram, casal bi, só que eu não entendi. Na minha cabeça eu pensava que fosse ela, entendeu? Ela mostrou as fotos dela lá com os caras, ela muito bonita, e ele também um cara bonito também. Aí depois ele começa a me passar umas fotos do cara pegando ele e ele pegando a mulher. Eu olhei assim e "[...] cara que merda que tu é?" "Não, cara, somos um casal bi. Ela é bi e eu também sou." Eu digo: "Não, cara, isso aqui não rola não." Se fosse só sua esposa, aí, tudo bem, mas você também, cara, não rola, pra mim você é um viado." Rs... Eles exigiam: "Pra ficar com a gente tem que ser assim." Então eu prefiro nem te conhecer.

Weid (2010) pondera que, em relação às práticas sexuais, é notória a distinção entre homens e mulheres. "Os homens dizem que não apenas não se relacionam sexualmente com outros homens, como evitam qualquer contato físico com outros homens que tenha alguma conotação sexual" (p.75).

Diferentemente dos homens, a bissexualidade feminina não questiona a heterossexualidade das mulheres. Estas podem praticar sem que sofram nenhum tipo de preconceito ou julgamento. A feminilidade não é posta à prova. Mesmo que algumas mulheres não se afirmem como bissexuais, estas podem ter vários contatos sexuais com outras praticantes de *swing*, ou por desejo próprio ou por incentivo de seus companheiros. Weid (2010) fala que “a construção ou negação da feminilidade não passa pela prática sexual(p.79).”

Butler (2006) nos alerta sobre a importância de estudarmos a temática da sexualidade, tendo em vista que se pode pensar que o pertencimento a um gênero – categoria de ambivalências que dizem sobre as representações sociais dos homens e mulheres - implica em uma sexualidade determinada. Neste sentido os estereótipos são mais que simples ideias. São relações sociais acumuladas e naturalizadas com o passar do tempo. Vários estereótipos cercam o mundo do *swing*, dentre eles que os casais praticantes só se encontram para fazer sexo ou que as mulheres são mais disponíveis. Jean e Simone nos contam:

Tem gente que acha assim: bom, tem que sair com casal e tem que rolar. Tem cara que pensa assim. Com a gente ele vai perder tempo porque não é assim que acontece. [...] porque tem pessoas que extrapolam o limite, começam a falar palavrão e eu não gosto desse tipo de coisa. Acho que não precisa disso. Tem gente lá que adiciona ela e começa a falar, pega pesado mesmo nas putarias e eu digo: “Cara, isso aqui tá errado. Não tá falando com uma puta lá da 24 de maio, não.” Então, mando ele pra puta que pariu e pronto. (Jean)

Teve um cara que ficou com raiva da gente... eu sei que ficou...eu soube que ficou com raiva da gente...eles não falam...eles viviam chamando a gente para ir pra lá, a gente é simpático, assim e tudo...mas ele quer me comer e eu não dou pra ele. Só isso. Não sou obrigada! Rs... As pessoas, às vezes, não entendem e não respeitam que a gente quer amizade e sacanagem. (Simone)

Recuperando o argumento de Giddens (1993) que comenta a máxima “as mulheres querem amor, os homens querem sexo” (p.79) afirmando que, no mundo atual, essa antiga observação poderia ser modificada. Ressalta que os homens querem amor e, sim, as mulheres querem sexo – “[...] embora de formas que ainda precisam ser investigadas” (p.79).

[...] As mulheres querem sexo? Sim, pela primeira vez as mulheres coletivamente [...] são capazes de buscar o prazer sexual como um componente básico de suas vidas e de seus relacionamentos. Os homens querem amor? Certamente, apesar das aparências em contrário [...] (Giddens, 1993, p.79)

No entanto, com tantos discursos colados ao nosso imaginário cultural, a demanda por igualdade em relação à intimidade dos casais pode causar espanto, indignação ou abjeção por

parte da sociedade. A desistência da monogamia sexual dos casais *swingers* relacionada com o ideário social de gênero que, nos dias atuais, ainda se encontra em transformação, faz com que o sigilo seja uma regra inquebrável, principalmente por uma questão de proteção familiar, conforme nos conta Simone diante da minha pergunta: “A família sabe?”:

Tá doida? Deus me livre! Nem sonha! Rs... porque, assim, a gente tem família, assim...A mãe dele, Deus me livre! A gente só tem uma filha, tem vinte e dois anos, Deus me livre! Embora minha filha tivesse cinco anos, mas eu tenho uma mãe, tenho um pai, tenho irmãos, ele tem uma mãe, tem família... a gente tem que se preservar também pela família. (Simone)

Alguns maridos, mesmo a despeito desta prática tensionar a questão cultural relacionada ao “corno” e a “puta”, parecem sentir suas masculinidades ameaçadas de forma significativa ao verem suas esposas buscando seduzir outros homens. Fato que ocasiona várias brigas entre alguns casais, algumas, inclusive, corporais. Os casais praticantes de *swing* tensionam esse aspecto cultural, conforme nos relatam Jean e Simone:

Não existe corno no *swing*. Você tá sabendo que a sua esposa tá com alguém. Corno é quando a mulher faz escondido do marido, sem a permissão dele. Aí tudo bem! Corno é a história daquele que tá dando uma de machão dentro de casa, pegando tudo quanto é de rapariga lá fora e a mulher dele fudendo com o vizinho. Esse aí é o corno. [...] O que a gente já viu de casal brigando em *swing* homem batendo em mulher de ciúme e tudo, não é brincadeira. [...] O que rola no *swing* é fechado. Ninguém expõe para ninguém. (Jean)

O *swing* é uma coisa muito complicada, assim. Isso é assim muito complexo, muito complicado, porque tem de tudo. Tem gente que gosta de uma coisa, tem gente que não gosta, tem preferência... Eu acho assim, não é infantil, é um mundo complexo demais. É muito complicado. Assim, sabe por quê? Eu penso assim: quando a gente foi para entrar a gente pensou muito pra ver se era aquilo mesmo que a gente queria, tanto é que a gente conversa até hoje, né? Porque pra você ficar naquele mundo do *swing* você tem que ter certeza que é aquilo que você quer porque tem o risco de que, como a gente sai com solteiro tem o risco da paixão, né? De você gostar mais de uma pessoa e a outra pessoa ficar insegura. Acontece com ele, acontece comigo, né? Isso aí acontece. E tem também o risco de que? De os casais, por exemplo, como a gente já viu que ficam com outros que a mulher começa a se exibir prum cara lá que é solteiro e tudo e o marido não aceita e na mesma hora começa a confusão... É muito complicado. O mundo do *swing* é complicado porque pra você tá no *swing* tem que ter o companheirismo e o diálogo entre o casal porque, se não tiver, não rola. (Simone)

A imagem do feminino e do masculino relacionada ao corpo nos leva a pensar sobre quais casais podem ser mais interessantes e desejáveis para a prática. Segundo Weid (2010) “quando se trata de escolher os parceiros para a realização da troca, percebe-se que alguns critérios entram em jogo e certo tipo de casal parece ter alguma vantagem” (p. 86). Neste

sentido, há uma valorização do potencial erótico dos corpos em um sentido de beleza e sensualidade.

Importa. Você não tem que ser sarado. Você tem que preservar a sua imagem. Tem que ser uma pessoa apresentável: você tá bem vestida, você não tá muito gorda... mas a questão da estética tem muito, porque tem as mulheres gordinhas, que também tem os maridos gordinhos - as gordelícia e os gordelício - que os casais vêm e dizem assim: “Deus me livre de ficar com aqueles gordos ali.” Tô falando de preconceito. (Simone)

Weid (2010) relata que parece haver uma maior preocupação entre as mulheres com a forma física e, os homens estariam mais preocupados com as suas performances sexuais. Além do mais, “os indivíduos que possuem corpos “em forma”, trabalhados, sarados, malhados, teriam a sensação de pertencimento a um grupo de “valor superior” (p. 88). Os chamados *Vips*. O CRS – Casal Real *Swing* -, por exemplo, é um grupo fechado no qual só entram casais por convite e são considerados, no meio, os mais bonitos, sarados, bem como educados e, de fato, reais praticantes do *swing*.

4.4.3 Real *swing*

Os casais entrevistados não costumam frequentar *boites* para praticar *swing*. No movimento da etnografia, pensei que veria os “casais reais *swingers*” nestes clubes específicos para a prática. Não é que eles não frequentem, no entanto, vão sempre por alguma razão, como aniversários dos amigos ou alguma outra festividade. As casas de festa, na atualidade e aqui na cidade, estão sendo mais frequentadas por casais iniciantes, curiosos, alguns casais “montados”, dentre outros que não têm as regras tão conhecidas.

O CRS, como já citado acima, é um grupo fechado de casais, realmente, praticantes de *swing*, inclusive, certificados por quatro outros casais recebendo um número de certificação de “casal real”. Este grupo organiza festas fechadas, à convite, nas quais os veteranos do *swing* costumam se encontrar para beber, conversar, se divertir e também praticar a troca de casais.

Na *boite* vai os montados, os que não conhecem... Sabe quando os casais-casais mesmo vão? Quando é aniversário, quando é festa... programado e combinado. (Simone)

Hoje virou uma “esculhambação”, cara! É todo mundo pegando todo mundo. Não é assim, cara! Nas festas mesmo, as putarias nas festas, né? *Boite* virou baderna. Solteiro se disser assim: é quinhentos reais a entrada, ele vai, porque ele sabe que vai comer todo mundo lá dentro e pronto. Só que na real não é assim que funciona.

Porque quando começou o *swing* aqui eles tinham até um cadastro lá pra saber se você era, realmente, casado e tudo. A festa do CRS vai todo esse pessoal que a gente encontrava na *boite* e que hoje não tá indo lá. Ainda tem os novatos que começam e tal, entendeu? Mas os casais que a gente sabia que eram casais e tudo, não vão mais. (Jean)

No “*swing* real” também acontecem muitas ligações de amizade, laços que perduram por anos sem que, necessariamente, tenha ocorrido alguma troca sexual. Neste sentido, a associação do *swing* apenas àquelas cenas de orgia onde todos transam com todos, se desfaz. Para os casais *swingers* que têm esta prática como um estilo de vida, o *swing* está para além do sexo. Como em todas as relações, existem desavenças e aproximações. Um fato em comum entre todos os entrevistados é a questão de que todos já conhecem um grande segredo uns dos outros e, por isso, os demais não são tão significativos. O que torna a amizade, quando se faz, uma ligação forte, muito embora, exista muita fofoca e intrigas no meio.

Eu aprendi que, tanto no *swing* quanto na vida real você tem que ser bastante seguro sobre a sua vida pessoal. E um certo receio assim, porque você pensa nos contra e nos a favor...O mundo do *swing* não é só aquela putaria de troca de sexo e tudo não, porque tem a amizade de muita gente. Não é só sexo, não, não é só sacanagem, não, o *swing* também é amizade entre muitos e muitos casais. O problema não é a sacanagem porque se fosse só a sacanagem cada qual ia pra sua casa acabou, beleza. Mas tem a amizade. Tem gente que você se identifica, que você começa a manter a amizade, a conviver, você sai junto... aí, o que lasca no meio do *swing* é isso aí. É a convivência da amizade. Se você souber que é mais frequente os amigos do meio, né, do *swing*, da sacanagem, falar de mau da gente, em fazer intriga entre uns e outros do que os amigos da gente, da vida particular, que não tem nada a ver com isso...isso aí com certeza é mais frequente, porque a gente tem amigos na vida social particular que nem sonha que isso aí existe... a gente tem mais complicação de amizade com pessoas que são do *swing* do que da vida social da gente. É por isso que a gente tem que se preservar. A gente evita tirar foto, a gente evita se expor muito, negócio de telefone, endereço, essas coisas assim, só com gente que a gente conhece há muito tempo mesmo, e foto essas coisas assim a gente evita muito. (Simone)

Weid (2010) afirma que há “a criação de uma rede de amizade para além do ambiente das casas ou festas de *swing*” (p.105). Segundo Freyre (2003) existe uma ideologia do erótico na qual, entre quatro paredes, tudo pode acontecer. Esta diz respeito à dicotomia das esferas públicas e privadas. A liberdade sexual, portanto, se vê normalmente associada à rua e, no *swing*, nas redes criadas, inversões podem acontecer sendo o mundo privado borrado com o mundo público. Neste sentido, “sacanagens” são desobediências às regras do decoro que, normalmente, regulam a vida social.

Atualmente, com o advento da internet e dos aplicativos, alguns casais perdem a noção entre o público e o privado, expondo suas vidas, seus corpos, suas famílias sem restrições.

Simone e Jean nos relatam, com os comentários de Anaís, que estava presente no momento da entrevista:

A mulher pegou e botou o peito saindo o leite pra dar de mamar, né? Bem feito se o leite dela secasse, porque leite é uma coisa sagrada, né? Porque a criança amamenta e tudo. Assim, é sagrado. Aquilo ali eu acho que não era para expor porque tem coisas e coisas. Tem certas coisas que a gente particularmente discorda. Não tem como! E outra: a pessoa expõe a vida dela completamente. A pessoa diz assim, ó: ontem eu fiz isso, fiz isso... (Simone)

Tu abre o grupo do *WhatsApp* do pessoal do meio, tem lá elas mostrando o sinalzinho que elas tem [...]. A baixaria tá tanta... não dá [...]. O que é aquilo? A gente tá longe de ser puritano, só que putaria tem um limite. Elas botam as fotos dos filhos. Aí botam as fotos dos filhos tomando mamadeira... Outro dia elas tavam botando as fotos dos “pintos” dos filhos. Cara, isso aí se alguém pega é pedofilia no teu celular, tu tá entendendo? Num grupo de pessoas do *swing* tu bota lá foto de “pinto” de criança, ah, por favor! Me poupe! A gente não sai do grupo porque se tu pega e sai do grupo tu te queima. “Ah, esses nojentos! Eles se acham.” (Anaís)

E são pessoas bem sucedidas e tudo, entendeu? Tá tão vulgar que você até perde o tesão nas coisas. Perderam a noção das coisas. (Jean)

Neste sentido, vemos que a esfera privada acaba sendo borrada com a esfera pública. Alguns casais não se preocupam tanto com a própria exposição se estão na “segurança” do grupo dos casais *swingers*. No entanto, os casais mais antigos, principalmente, aqueles certificados pelo CRS, evitam exposições, inclusive, normalmente, não frequentando as *boites* e, muitas vezes, se mantêm em determinados grupos como uma medida protetiva de não “se queimarem” no meio.

Outra coisa que particularmente, da minha parte e dele, a gente não gosta muito: é de expor a intimidade da gente como muitos fazem. (Simone)

Se você for em dez festas com agente você não vai ver isso porque isso não vai acontecer. As coisas entre a gente acontece só eu e ela e o parceiro dela e a minha também. (Jean)

Outro receio dos casais mais antigos é o de contrair doenças sexualmente transmissíveis. Embora as casas para *swing* ofereçam álcool em gel e alguns outros itens de higiene, nem sempre são devidamente utilizados. O uso da camisinha também não é tão seguro, sendo, inclusive, descartado por algumas pessoas que preferem não usar.

A gente conhece um casal que eles ficam com tudo que é de gente no meio do mundo. Eles ficam com tudo que é de gente. Teve um dia que o W. tava doidinho falando pra mim: “Cara, eu acho que eu tô com umas doenças aqui, meu irmão. Eu acho que eu tô com HIV.” Eu digo: “Cara, qual a loucura que tu faz?” “Não cara eu fico com as pessoas sem camisinha.” Eu digo: “Vocês são dois doídos. Vocês não podem brincar com a saúde vocês, não.” Tem muito casal que gosta de ficar e você vendo lá a coisa. Fora a questão do perigo também, porque tem mulher que fica na

cama lá, o cara chega, pega numa, pega noutra e isso aí não rola com a gente, porque tem que pensar nos perigos das coisas hoje em dia. A brincadeira em si é bom, só que você corre o risco. A gente chega lá, tem três casais transando, o cara vai lá, pega numa, pega na outra, pega na outra, aí eu digo, não, isso é coisa de doido, isso aí... coisa de doido! Come três mulheres com a mesma camisinha... ele tá protegido, mas as mulheres não tão. Ninguém bota camisinha no dedo, nem na língua. Você tá transmitindo! Aí, nisso aí, eu sempre controlei ela. Às vezes, na festa, tá bêbada e eu digo: “Não. Não é assim não. A coisa não funciona dessa forma” A gente gosta da brincadeira, mas tem que preservar a saúde da gente em primeiro lugar. (Jean)

Se tiver um local com cinco casais, aí vai, cinco mulheres, né? Mas aí, mulher começa a beijar mulher... isso não rola com a gente, isso aí...Aí, a mulher beija homem e entre si, tu sabe que tem doença, várias doenças, né? Aí, nesse ambiente você tá bêbado, não raciocina muito bem, aí você vai lá, né, na comédia. Na hora da vontade e tudo assim ninguém não pensa, né? Aí, vai lá o cara, fica lá, aí vai com o dedo numa, depois vai com o dedo noutra, vai com o dedo noutra... Aí, no que o cara vai com o dedo numa que uma tem alguma coisa aí ele vai na mesma coisa na outra, aí pronto... por isso o nosso receio de não fazer nada em festa. (Simone)

Simone e Jean, portanto, frequentam as casas para festa de *swing* apenas para manterem seus laços de amizade. Segundo eles, tais locais, atualmente, perderam o foco do *swing* como um estilo de vida conjugal. No mundo dos Casais Reais *Swingers*, as festas privadas são os locais nos quais o *swing*, realmente, acontece.

Festa, a gente curte festa beber e conversar com os amigos. Só isso. Coisa de rolar lá pra todo mundo ver, isso aí não acontece. (Jean)

É. Beber e conversar com os amigos. Vamos pra curtir a festa, beber e conversar com os amigos, manter contato. No que for acontecer assim, de algo mais, assim com a gente em relação à *swing*, aí é no particular. A gente marca, a gente sai, a gente vai, entendeu? Tudo é marcado assim por fora... Já aconteceu de a gente ficar em festa assim, mas é raridade, exceção, porque eu acho muito depravado. (Simone)

4.5 Leila e Ruy

Leila e Ruy são um casal iniciante na prática do *swing*. Estão juntos há seis anos. Ambos são dentistas. Ela, com trinta e dois anos; ele, com vinte e seis. Foram apenas a três festas em uma casa de *swing*. Na última, tiveram um leve desentendimento, resolvendo, então, darem um tempo, tendo em vista amadurecerem mais a ideia para posteriormente retornarem.

Leila leu uma matéria sobre uma casa de *swing* na cidade e ficou curiosa em conhecer. Paralelamente, parentes de Leila faziam *swing*, sem que mesma soubesse, e convidaram Ruy para conhecer um dessas casas. No entanto, este contou para sua companheira que, como já queria ir, resolveu aderir à proposta.

Foi assim... eu tinha lido a reportagem no jornal [...] que falava sobre isso e eu achei interessantíssimo, porque a ideia que tinha que, normalmente, as pessoas têm, é de que é assim, ó, coisa nada a ver...tipo, sei lá! Aí, na reportagem falava que era uma

casa completamente, é, de pessoas de nível assim, altíssimo, altamente seletivo... que era uma casa assim... entrevistas das pessoas falando... Aí, assim, eu vi a reportagem no jornal. Achei interessante. Me chamou atenção. E eu não lembro se a gente já namorava. Faz um bom tempo. Realmente, eu não lembro. Eu fiquei... eu achei legal e tudo... não imaginava que Fortaleza tinha uma casa assim, que era dessa maneira... que tinha a fala das pessoas que frequentavam lá, desconstruindo tudo, achei muito interessante. Aí, coincidiu de que quando eu trabalhava aqui em Fortaleza, uma amiga minha chegou falando: “Gente, eu fui num lugar, vocês não vão acreditar!” Aí, ela falou que era assim, que era assado, tinha um ambiente assim... fiquei super curiosa! Aí, eu já tava super curiosa e tal... a gota d’água foi quando eu descobri que a minha irmã, a minha cunhada e meu irmão, primos meus tavam indo. Inclusive, tavam chamando ele pra ir. Aí quando ele me falou... que tava recebendo esse convite, daí, eu falei: “Ah, amor, faz é tempo que eu tô curiosa pra conhecer e tal” e aí a gente foi. Pronto: a gente foi mais por curiosidade mesmo. A gente não tinha a intenção de fazer troca, nem nada. A gente foi pra conhecer e divertir. Aí, como só foram três vezes, a gente já conversou sobre isso, a gente pensa em retornar, né, e ver o que vai acontecer lá. (Leila)

Mas eu me meti lá com o povo. Eu fiquei com umas... todas as vezes que eu fui, eu fiquei com alguém, não foi, não? (Ruy)

Butler (2008) propõe que agimos como homens e mulheres como se nossas ações fossem naturalmente internas. Entretanto, ressalta que nossas ações são, na verdade, fenômenos produzidos e reproduzidos todo o tempo. Essa é a ideia de performatividade. Inferimos acima que, por ser homem, Ruy foi convidado a conhecer a casa para *swing* à revelia de Leila. O esperado seria que ele fosse e escondesse de sua companheira. No entanto, seu movimento foi de contar o fato. Nesta esteira, Leila e Ruy observam, em suas ao *swing*, normas naturalizadas de gênero.

Mas da primeira vez, com aquela loira super bonita que eu dei só um beijo nela uma vez... eu olhei para Leila e só uma lágrima caindo do olho dela. (Ruy)

Não. Peraí. Sabe o que é? É que eu fiquei chateada, o que me entristece não é ver ele com alguém. Eu já conversei com ele sobre isso. É a postura. É como se... sei lá... é como se eu tivesse sendo desconsiderada, entendeu? (Leila)

Tu queria que eu fizesse o quê? (Ruy)

Calma! (Leila)

Que eu ficasse com uma pessoa olhando pra ti e dizendo tchau? (Ruy)

A ideia do homem como caçador, aquele que não recusa mulher, e da mulher ligada no sentimento, na atenção e no desejo do amor e consideração de seu companheiro se evidencia, principalmente, no início da prática, quando situações vão fazendo emergir dissonâncias entre os casais que, por sua vez, vão conversando e reinventando novas formas de continuarem ou não no *swing*.

No momento em que o casal vai, o relacionamento tem que tá fortalecido. Tem que tá ali os dois juntos, realmente, assim, fortes, e vamo lá, né? Porque se tiver estremeado por alguma questão pode ser a gota d'água. Mas se tiver fortalecido faz só melhorar a relação. Recentemente, eu tava conversando com ele sobre a nossa ida, quando a gente ia retornar, porque às vezes que a gente foi, foi com a minha cunhada e com meu irmão. O pretexto que a gente tinha era esse. Já tem um tempinho que a gente tá conversando pra retornar. Eu ainda tenho algumas inseguranças. (Leila)

Mas eu não quero ir para conhecer, não. Assim, pra ficar passeando, não. Eu quero ir para pegar mulher. (Ruy)

Não, amor. (Leila)

4.5.1 *Swing* e heteronormatividade

Lauretis (1987) acredita que as assimetrias nas construções sociais de gênero atribuem *status* dentro da hierarquia social. Logo, quando alguém se apresenta como homem ou como mulher subentende a totalidade de seus atributos sociais. Dentro dessas atribuições dos gêneros, ainda se observa a virilidade masculina detentora dos “mandos” que direcionam alguns casais para certas práticas. Tal fato pode gerar desentendimentos e até violências.

Então, assim, eu acho que é como se tivesse vários grupos. É muito múltiplo as identidades lá dentro. Você tem aquele pessoal que tá indo, que pensa no *swing* mesmo, que já tem isso como uma prática, já desconstruiu algumas coisas para chegar até aí que é, na minha visão, a minoria. É uma parte que fica mais aqui pro lado do bar, é um pessoal um pouco mais velho, um pessoal que está casado; e aí você tem uma parte considerável de curiosos, de pessoas que estão indo pela primeira vez, e que, na sua grande maioria me pareceu homens que querem conhecer a coisa e mulheres que aceitam ir. Elas aceitam porque o homem quer ir. Ele quer conhecer lá e ir, se desafiar nesse sentido. E no final, eu percebi algumas vezes, no final da festa muitos casais discutindo, casais que acreditavam que iam conseguir se comportar lá de uma maneira, a mulher, principalmente, sem o ciúme, sem... mas quando chegou lá o negócio desandou, né? (Ruy)

Haraway (2004) nos diz que homens e mulheres percebem os fenômenos de maneiras distintas. A aposta das casas de *swing* em suas regras aos visitantes é promover a boa convivência dos frequentadores. Percebe-se toda uma vigilância ao masculino como um fator de proteção à população feminina. Nesse caso, mulheres são sempre bem vindas e, homens, somente em dias específicos.

Mas do ponto de vista de gênero, eu acho sim muito heteronormativo porque, primeiro, homem não entra só e é só um dia na semana que ele pode ir. Ele pode entrar em um dia da semana, na quinta-feira, no outros dias não. É de quinta a domingo, mas só na quinta o homem entra só. Outra coisa que eu achei nesse sentido, é como eu te falei, eu acho que é muito mais uma iniciativa masculina. Apesar de haver o *strip* tanto da mulher quanto do homem, o *strip* do homem ele

não mostra os órgãos genitais. Ele tira tudo, mas esconde com a mão. Só a frente. Mas a mulher mostra tudo... Eu acho que é porque ia ser chocante demais para os homens. Acho que os homens como os mandantes da situação, ia ser muito chocante o órgão masculino, a mulher vendo o órgão masculino de outro cara, porque nem todo mundo tá ali pra aquilo. Já a mulher não. Então, por exemplo, a ideia, que é aquela ideia de você levar a mulher pra que você tenha relação com uma mulher e com outra, talvez a sua não entrar no *swing*. As que entram, realmente, no *swing* são desses casais, eu acredito, que são desses casais mais elaborados. (Ruy)

Vemos, então, toda uma gama de discursos agindo através dos comportamentos dos casais. Mesmo existindo evidências de mudanças nas relações de gênero (Connel, 1995) percebemos que muitas arestas devem ser aparadas até que o casal consiga, ou não, participar, efetivamente, da prática. O machismo é visto em vários tons seguindo o duplo paradigma naturalista que normaliza como deve ser a sexualidade de ambos os sexos.

É por que...é que eu quero deixar isso bem claro: o casal quando ele vai ele tem que ir totalmente acordado do que que o casal vai fazer. E assim, a gente foi acordado de que...não, vamo lá, vamo se divertir. Se acontecer, vai ser uma coisa que a gente na hora, a gente vai “e aí, vamo?”. Só que eu não tava muito no clima. Eu tava tensa. Às vezes, pra mim lá não é tão fácil porque tem situações que eu não... fico meio chocada, sabe? Enfim, eu não tava me sentindo muito à vontade. Aí, ele me perguntou: “Amor, eu posso ficar com aquela menina?”. Eu disse assim... Pra dançar. É. “Eu posso lá dançar com aquela menina?” Eu disse: pode, pode. Eu tava meio chateada mesmo. Eu não tava a fim. Eu disse: “Pode. Pode dançar”. Mas aí ele começou a ficar com a menina e, quando eu menos esperei, ele já tava indo... (Leila)

É porque, na verdade, a gente sempre acredita né, que a gente vai ter o controle da situação, mas todas as situações são imprevisíveis, né? Então assim, quando a gente chega lá que a gente se depara com a coisa em si é que nosso comportamento vai se... vai acontecendo. Não tem uma... talvez pra os casais que há mais tempo vão e têm uma experiência maior dentro do espaço sejam mais tranquilas algumas questões, mas pra quem está começando, principalmente para o homem pelo aspecto social construído, a gente vai com mais ímpeto na coisa. (Ruy)

A simbiose promovida pela ideia do amor romântico produz nos casais uma sensação de posse do “ser amado”. Os casais buscam fazer acordos tendo em vista protegerem a relação de possíveis intrusos. Mesmo na tentativa de recriar uma nova forma de relação dentro do *swing*, estar *in loco* tendo que lidar com as situações emergentes, faz eclodir o ciúme, o poder e a possessividade.

Costa (1998) afirma que tudo pode ser recriado, se acharmos que assim deve ser. No entanto, precisamos mostrar que nossas convicções amorosas podem ser aperfeiçoadas. Reinventar formas de borrar tal fronteira é um processo lento e complexo. As heteronormas que transbordam para as questões de gênero resvalam para o universo *swinger*, mesmo que este possa ser considerado como um dos estilos dissidentes de viver. Ruy nos fala:

E, ao mesmo tempo que é aberto, por se tratar de um local de uma casa de *swing*, ou seja, vamos dizer assim, que sai dos padrões, lá dentro tem as suas regras e ainda você vê essa questão do machismo resistente. É... existe uma abertura eu acho que maior do homem quando ele vai pra lá... eu acho que isso ainda... de iniciativa, de chegar... de ele ter alguma coisa com a mulher... a mulher pode vir a passar sem nada, entendeu? Mas o homem ele tem mais essa dificuldade. Ele já tá lá dentro. Ele acredita que ele tá indo pra fazer alguma coisa, né? Então, eu acho que aí tem muito disso.

Goldenberg (2001) nos fala da importância de desreificarmos a ideia de natureza feminina e masculina para reforçarmos a concepção de que as características peculiares a ambos os sexos são, na verdade, socialmente construídas.

Cada cultura apropria-se de uma distinção biológica (macho/fêmea), seleciona alguns fatos naturais (como, por exemplo, a função reprodutiva da mulher) e os exacerba, naturalizando funções que são produtos de uma determinada educação e socialização (Goldenberg, 2001, p.2).

Entendemos que tais naturalizações norteiam as normas sociais de como devemos viver e, conseqüentemente, quais tipos de pessoas – no nosso caso, casais – não são sujeitos a suspeições. Aderir a prática do *swing* é uma tentativa de recriar um estilo de vida que fica à margem dessas naturalizações dos gêneros. As questões relacionadas à bissexualidade masculina, por exemplo, quando transpostas, ficam dentro dos limites da clandestinidade dos seus praticantes.

Mulher sempre é bem vinda pra qualquer espaço social... entra de graça...então, lá, qualquer mulher, se você quiser ir três amigas podem ir, porque isso chama um pouco do homem também, entendeu? A oferta de mulheres, vamos dizer assim. (Ruy)

Daí, você vê, né? Aí o homem só entra acompanhado. Inclusive pra... no...quer dizer... lá são três andares. No segundo e no terceiro andar, que é onde tem os lugares, né, pra rolar as situações, o homem não sobe sozinho. Ele só sobe se ele tiver com alguém. A mulher não. (Leila)

O que eles querem evitar é o homossexual, porque se dois homens puderem entrar juntos, abriria o espaço para, por exemplo, um casal homoafetivo. Aí, um casal homoafetivo lá dentro, num espaço como o labirinto que é todo escuro, poderia tá pegando num homem, poderia tá isso e tudo mais, então isso é evitado. O homem entrar só... também poderia entrar muito homem homoafetivo. Então, eles tentam cortar isso. Então, na minha visão seria isso, porque lá é um ambiente hetero. Eu não vi casais de lésbicas, não vi casais de homossexuais, não vi. Só entra casal hetero. Pode até ser que a orientação deles seja diferente, porque ninguém tem como saber, mas... (Ruy)

Vemos a evidência da heterossexualidade para a prática do *swing*. Mulheres parecem ter toda a liberdade: podem ficar nuas, entrar desacompanhadas ou acompanhadas por amigas, tem autorização para andar livremente em todos os ambientes da casa, inclusive nuas, no

entanto, aos homens é mantida uma vigilância cerrada, bem como algumas medidas são tomadas para a sua entrada, como não entrarem desacompanhados, por exemplo.

Assim, vou explicar minha visão. Eu acho que só muitas idas e muito tempo de relacionamento pra que chegue num nível onde os dois vão ter a mesma forma de reagir a coisa ou uma forma parecida, a mesma não porque são dois indivíduos diferentes, mas eu acho que é essa perspectiva que todo mundo pensa antes de ir. Antes de ir é assim: “Não, vamo, porque vai ser legal, eu te entendo e tal...” quando tá lá é que o bicho pega. Quando tá lá tudo é diferente. E é uma coisa muito emocionante. Tipo assim: o coração fica batendo o tempo inteiro, rápido, você não sabe o que vai acontecer. É muito indefinido. Então, é uma coisa muito da adrenalina, né? É uma coisa muito do sentido. É como você descer num toboágua, é como uma coisa assim, entendeu? Como o insano. Mas eu acho que quando você vai mais vezes no insano, que é uma questão da experiência, aí você já sabe que não vai morrer, se sente mais seguro. (Ruy)

No entanto, Leila e Ruy apesar de serem perpassados por essas regulações e mesmo a despeito de desentendimentos advindos com a prática, pensam no *swing* como uma possibilidade de vida para o casal. Na época da entrevista, estavam amadurecendo a ideia para voltarem mais fortalecidos.

CAPÍTULO 5. ARTICULANDO UM SWING DISCURSIVO ENTRE CASAIS

Neste capítulo articularemos um “*swing* discursivo” entre e a partir das interlocuções com e entre os/as casais que compõem esta pesquisa. Buscamos aproximar enunciados comuns em suas narrativas. No entanto, ressaltamos que os acordos e os modos de participação na prática *swinger* são particulares. Cada casal constrói seus arranjos. Observamos algumas interseções que consideramos importante deitar na cama discursiva desta pesquisa.

5.1 Entre o público e o privado

Uma questão observada em todas as falas foi em relação à preocupação quanto à questão do público e do privado, principalmente, com o advento da internet e suas redes sociais, bem como aplicativos para celulares. Parece haver uma tensão quanto às publicações de fotos íntimas que podem circular, pois elas poderiam causar grandes danos aos casais. Muitos evitam esse tipo de exposição e não autorizam registros de nenhuma espécie.

Bendassolli (2000) relata que nos últimos anos a sociedade brasileira tem cultuado as performances. Diz que “um novo credo se instalou nos modos e costumes de massa, atingindo linearmente amplos setores da sociedade, mudando o repertório com o qual os indivíduos se descrevem a si mesmos” (p.203). Neste sentido, acompanhamos em alguns sites específicos para a prática do *swing*, fotos íntimas de casais nas mais inusitadas posições. Casais fazendo sexo ou com suas fotos individuais mostrando seus corpos desejáveis e suas invenções performáticas na prática sexual. Muitos evitam mostrar seus rostos, para isso usam máscaras ou ferramentas de *photoshop*; já outros não temem mostrar a face e postam fotos de corpo inteiro.

Os casais participantes desta pesquisa primam o anonimato, tendo vistas de proteger a si mesmos e às suas famílias. Embora também sejam sócios de alguns *sites* para casais, evitam mostrar o rosto, retiram marcas em seus corpos que podem identificá-los e não se disponibilizam em festas e encontros para fotos íntimas. Elas/eles tomam uma série de medidas para que as suas descrições de si mesmos, tendo em vista conhecerem e se deixarem conhecer por outros casais, sejam as mais discretas possíveis.

No *WhatsApp* se a pessoa pegar e mandar uma foto aqui... eu não mando, porque quando eu mando uma foto no *WhatsApp* fica no celular de todo mundo. Aí, o cara perde o celular aí tá lá a foto da minha esposa lá, nua. (Henry)

Uma das vezes que a gente ficou com um casal eles colocaram uma foto no CRS que não cobriram o meu rosto! (Anaís)

Foto a gente não gosta de tirar. Só normal. (Simone)

Pisaram na bola com esse negócio de foto. Tem um casal que a gente safa muito com eles... era muito complicado. Ela não solta a máquina! Eu dizia: “Não tire foto da gente.” Quando eu olhava, a menina tirando foto dela! Eu dizia: “Não tire foto da gente!” Teve um dia que eu me estressei com ela! “Eu já falei pra você não tirar foto da gente! Eu vou pegar essa máquina e vou quebrar na tua cabeça!” Ela ficou com raiva de mim. Porque a gente tava lá no Porto das Dunas e ela tirando foto de todo mundo. Ela tem como usar aí contra qualquer um de nós, porque ela tem foto de todo mundo. Hoje é complicado até em casal, que separa e o cara depois expõe a mulher lá! (Jean)

Porque uma vez, ó, a gente tirava foto... quando a gente era os quatro a gente tinha muita foto. E tava tudo no HD. Uma vez quebraram o vidro do carro e roubaram o HD! E aí que a gente passou meio ano pirando na internet pensando que podiam publicar as fotos. Então é uma coisa que, às vezes, tu pode nem... não é que tu vá pegar e publicar, mas é que pode acontecer alguma coisa e alguém pode pegar e publicar. Esse grupo do *WhatsApp* aí todo mundo fica mandando foto lá de putaria: “Eu comendo a minha mulher...eu não-sei-quê”. Aquilo lá fica no celular de todo mundo que é do grupo! Se tu perde o celular, se tu é roubado?! Eu tô no grupo, mas eu não falo com ninguém, eu não boto foto... porque não dá! Como é que tu vai botar... como daquela vez que aquelas duas tavam lá botando onde elas tinham sinal em comum...ali tem o nome e o telefone da pessoa! (Anaís)

Bendassolli (2000) ressalta que as questões entre o público e o privado são relevantes a partir do momento em que a análise da atual configuração desses espaços nos oferecem possibilidades para discernirmos sobre as maneiras como se estruturam a subjetividade e os vínculos sociais na contemporaneidade. Observamos que alguns casais não têm bem delimitado o que é de cunho pessoal e de ordem pública.

Bauman (2004) nos fala que, em relação às manifestações referentes à sexualidade, as fronteiras estão totalmente embaçadas neste líquido ambiente moderno. Todas as formas de atividade sexual, nesta esteira, são estimuladas para serem exibidas em público, exceto a pedofilia e a pornografia infantil, que continuam quase unanimemente execrados, ressalta o autor.

Komesu (2005) relata que o exibicionismo e voyeurismo não são privilégios da era dos computadores, muito embora a internet tenha levado essa prática a limites impensáveis. Ressalta a autora que, nesses espetáculos públicos-privados, por um lado se vê a necessidade de exposição da intimidade física e emocional; por outro, o desejo de romper os limites socialmente estabelecidos. O grau de exposição pode variar e os “voyeurs” tem a possibilidade de comentar, elogiar, seguir ou apenas “dar uma espiada”. Neste sentido:

Os efeitos produzidos [...] parecem não se esgotar na justificativa de um exibicionismo exacerbado ou de um voyeurismo que incita as práticas de mostrar ao público a intimidade do ser humano moderno, seja pela exposição do corpo (e do rosto na internet, espaço reconhecido pelo anonimato dos usuários), seja pela caracterização da banalidade do cotidiano.” (Komesu, 2005, p.29).

Komesu (2004) diferencia o público do privado, sendo o primeiro “temas comuns, sem caráter secreto, relativos ou pertencentes à coletividade e às instituições legitimadas do poder” (p.35); o segundo, relacionado aos temas restritos dos sujeitos, como família, determinados hábitos e costumes, estado de saúde, dentre outros assuntos de foro íntimo. Observa-se que alguns casais permitem a confluência desses dois aspectos da vida, postando, inclusive, fotos relacionadas às intimidades de suas crianças e, em outra direção, até mesmo imagens de algumas DSTs contraídas. Falam Anaïs e Ruy:

Aí, tu vai lá pro *WhatsApp* botar teus peitos esguichando leite? Me poupe! Cara, teve uma criatura que postou uma foto dela no *WhatsApp* com a [...] cheia de verruga, com HPV. E ela é uma pessoa que a gente já tinha escutado falar que ela gosta de transar sem camisinha. Como no meu caso, que eu gosto de ficar com mulher, tu tem que selecionar mais ainda. É lógico! Porque tu tá numa festa e tal numa *boite*, três horas da manhã, tu vai dar um beijo na boca de alguém, tu não sabe aonde ele meteu a língua. Então, tu tem que pensar nisso. Tu tem que te preservar! (Anaïs)

Pode pegar, no mínimo, uma herpes ali. (Jean)

5.2 *Swing*, grupos e amizades

Tais comentários nos levam a pensar sobre as questões de saúde sexual relacionadas à prática *swinger*. Observamos que na *boite* de *swing*, apesar de ter álcool em gel, banheiros com anti-sépticos bucais e uma pessoa responsável pela limpeza das cabines, nem sempre isso é possível ou feito. No calor do momento, alguns casais não se ocupam de cuidados relacionados aos ‘trânsito’ de fluidos sexuais e esse fato pode ser uma porta de entrada para algumas DSTs. Todos os casais entrevistados, no entanto, afirmam tomar várias precauções quanto à saúde, mas revelam fragilidades/ afrouxamentos no exercício dos cuidados:

Agora eu vou ser bem honesta contigo. Eu te confesso que, quando eu bebo, eu perco o controle aí eu saio beijando todo mundo. Eu beijo todo mundo, sem controle, se ele vier pra mim, eu mando ele ir pra merda. Eu não quero nem saber. Ele me controla. Tanto é que a gente tem, tipo assim, um certo controle entre a gente, às vezes a gente quebra essa regra, mas, raramente. Mas, normalmente, é assim: se ele bebe, eu não bebo; se eu bebo, ele não bebe. Um fica controlando o outro. Normalmente, a gente se polícia, né? (Simone)

Lá tem um barzinho e vende camisinha, não sei se todo mundo usa, mas vende e em cada ambiente, em cada recinto tem o álcool em gel, é tudo bem ajeitadinho, bem limpinho, bem direitinho. (Leila)

Se não tivesse esse agravante... um remedinho que a gente tomasse antes, minha nega, ia ser uma putaria. Rs... (Anaïs)

Em alguns momentos, quando os *strippers* interagem com o público, o sexo oral é feito de uma pessoa para outra sem quaisquer ‘protocolos’ que reportem a possíveis exposições relacionadas a saúde. Em uma das festas, Anaïs foi abordada por um *stripper* que fez menção em lhe dar um beijo na boca, ao que ela, educadamente, recusou. Uma das suas justificativas foi exatamente o cuidado com a saúde, pois, como o dançarino já havia beijado e feito sexo oral em algumas meninas e tendo em vista que ela não as conhecia, evitou o beijo para não correr o risco de pegar alguma doença sexualmente transmissível.

A relação entre *swing* e saúde não se constitui amplamente em foco dessa pesquisa e reconhecemos nossos limites no trato destas problematizações ocasionadas pelo arranjo do tempo na confecção desta dissertação. No entanto, ressaltamos que mais estudos são necessários para a devida discussão. A temática da saúde emergiu na fala dos casais que, dentre outras razões, apontam esta como um dos motivos para evitarem festas em casas especializadas preferindo encontros particulares ou em festas fechadas. Atualmente, têm dois tipos de grupos, como nos conta Anaïs:

O *swing* tem dois tipos de grupo hoje: o grupo que topa tudo e o grupo que é *top*. Então assim, o que acontece? A festa dos que pode tudo é aquele pessoal que entrou recentemente que o negócio é fuder. Não interessa com quem, não interessa se é bonito, se não é, se é véio ou se é gordo... topa tudo, cara! Topa tudo! Nesse grupo a gente não se... a gente vai [...]. Festa privativa. Até vão na *boite*. Então que acontece? Tem um pessoal do CRS - é um *facebook* do babado: Capital Real *Swing* - , então, assim, a gente vai nessas festas [...] do pessoal que pode tudo, né? Então, lá não tem povo bonito. Não tem. Não existe. Cara, a gente foi numa festa uma vez do pessoal de biquíni, que quando eu tirei o meu vestido e fui pra piscina parou a festa. E eu já tenho mais de quarenta anos, não sou aquela coisa malhada, sarada, gostosa, tu tá entendendo? Eu tenho consciência disso, mas as mulheres de biquíni naquela festa, e era de dia, não era de noite, era o ó! Eu fiz questão de tirar o meu vestido e ir de calcinha pra piscina. Rs... Então, assim, só que tem o outro lado que é os *Vip*, que é o pessoal do CRS que não vai na *boite* mais, não vai, porque a *boite* já foi selecionada, muito mais do que é hoje. Eles fazem só festa privê, certo? Então, é assim ó: é o pessoal *top*, bonito, gostoso, sarado, homem e mulher bonito. Só que quando tu chega lá, tudo com dinheiro. Eles alugam a suíte, eles compram salgadinho, eles fazem todo o *buffet*, tudo, eles não cobram nada. São dez casais que organizam. Só que assim, muito educados, ninguém falou mal da roupa de ninguém, ninguém chamou ninguém de baranga, é outro nível, cara. E só gente bonita! De todas as idades. Gente bonita, educada, de nível, entendeu? Gente que nunca ficou com ninguém nessas festas porque é complicado... festa é complicado. Tu vai mais pra conhecer, depois tu marca uma coisa mais... mas cara é assim, ó, é um pessoal *vip*, vamos dizer assim. Que não tão em qualquer programa. [...] Apesar de a gente frequentar as outras festas, a gente nunca fica com ninguém, então, a gente, às vezes, passa por antipático. Só as barangas, do outro grupo. É só baranga, cara! Não

interessa se é bonita, se é gorda, se tem o buxo quebrado...foda-se, entendeu? Só que pra esse grupo a gente passou por antipático muito tempo. Então, é uma coisa assim... quem entrou há pouco tempo topa tudo. (Anaïs)

Nos grupos, amizades são formadas para além da prática e, com elas, todas as dores e prazeres que caminham juntamente com esse tipo de relação. Segundo Pocahy (2011):

O corpo ali é fruição. E o outro (o par) é a possibilidade de uma vida que ensaia alguma escapada e que oferece condições de pensar que a sexualidade pode ser experimentada em um movimento também de ascese: fazer uma amizade em uma transa marginal é também um ensaio de uma vida um pouco mais liberada dos cânones normativos da sexualidade. (p.68)

Foucault (2001) sugere que a amizade é um importante tipo de relação social dentro da qual os indivíduos dispõem de certa liberdade que possibilita a vivência de relações afetivas intensas. Segundo os casais interlocutores, quando se faz uma amizade no meio *swinger*, é, realmente, no sentido estrito do termo, uma amizade, pois já se começa compartilhando um grave segredo. Neste sentido, há dois caminhos: ou, a amizade, de fato, é firmada e todos os segredos são protegidos; ou, quando em decorrência de alguma discordância, por vingança, intimidades são compartilhadas. Importante ressaltar que, mesmo quando as pessoas têm seus segredos “traídos”, o *swing* permanece intacto, uma vez que, ao contar de um, pode-se contar de todos.

[...] e não tem amigos melhor que os do *swing*. Não existe, porque ele sabe da tua vida todinha e não espalha pra ninguém. Amizade fiel. Ele sabe da tua vida, ele sabe das putarias todinhas e todo mundo tranquilo. (Jean)

A gente gosta de manter a amizade. A gente vai pra um local porque a gente gosta das pessoas. Existem casais que não são tão atraentes, entendeu? Mas só que assim, são casais que são legais, tem conversas boas, são simpáticos e tudo... a gente mantém contato, como muitos que a gente conhece, entendeu? Aí, o que que acontece? Muitos, como já aconteceu, de a gente não ficar no meio da putaria com eles e eles ficarem chateados com a gente porque acha que a gente é besta, mas não... é porque não é assim, escancarado. (Simone)

Por isso que te falei: no *swing* pra fazer amigo, é difícil. Principalmente, se tiver dinheiro. Casal que tem dinheiro é foda: homem e mulher dá em cima e quer ligar...é desse jeito. Eu sei porque assim: o meu ex-marido é empresário, tem dinheiro e rolava, só que [...] eu queria mais era que arrumasse outra pra eu poder ficar com esse aqui, entendeu? É aquela velha história: quando tu não tá nem aí, é porque realmente tu não quer mais...foi o que acabou acontecendo. Então, tudo isso tu tem que cuidar. E não é só o dinheiro. Se tu tá no *swing* e tu é assim, ó, uma pessoa que consegue se relacionar com todo mundo, e tu é uma pessoa popular, todo mundo quer tá em volta de ti. Pode ser um chinelão, um pé rapado, pobretão, mas tu chega lá tu chegou, todo mundo quer tá em volta de ti. É tudo por interesse. Então, no momento que tu separa isso, tu é besta. Tu fica queimado por quem é idiota. O pessoal que realmente saca qual é que é, entendeu, tu não perde a amizade. Agora o pessoal que entra depois, que tem esse interesse, que se afasta de ti e tal, esses a gente não faz questão de manter uma amizade. Quem mantém uma amizade, quem

consegue não se estressar com essa picuinha, com essa baixaria, com essas coisas, realmente, tu continua. O resto acaba saindo fora. Então, aquela pessoa que é popular momentaneamente porque dá com todo mundo, porque aceita qualquer coisa, porque vamo lá é por isso que nós tamo aqui... não, não é assim que funciona. Só que esse pessoal é temporário. É por isso que eu te falei, que hoje na *boite* tu não encontra mais o pessoal veterano, não. O pessoal veterano não quer mais brincar, não. O pessoal se respeita. Para não passar por antipático, a agente é amigo entre aspas de todo mundo. (Anaís)

Só amigo de farra. (Henry)

Se você é do meio e você conhece uma pessoa... assim, eu sou muito amiga da Anaís, tem um assunto particular dela e eu sei uma fraqueza dela, aí em um certo momento, como eu já sei uma certa fraqueza, aí eu pego, eu como eu sou amiga dela e tô sabendo a situação dela, o que é que eu faço, vou na fraqueza dela, no ponto fraco dela. Ela não vai gostar. Aí, ela tá no direito dela de não querer ser mais minha amiga. Nisso aí as pessoas tendem respeitar umas às outras em questão disso, porque se eu tô lhe confiando a minha privacidade, tô te contando a minha fraqueza e tudo e você usa aquilo para se beneficiar de alguma maneira, aí isso aí já é uma falta de caráter, né? (Simone)

Pocahy (2011) falando das relações de amizade que se formam em torno das práticas sexuais e de erotismo sugere que o sexo pode possibilitar relações sociais e de existência – “consigo, com o outro e desde o outro”. (p.123) No entanto, outras apreensões tais como “[...] a inveja, a vaidade ferida, ou ainda os ciúmes” (p.129) convocam ‘gerenciamentos’ entre os/as praticantes. Os casais relatam cenas de ciúmes tanto dos casais em si, quanto “ciúmes de amizade”.

Ciúmes sempre tem. Quem dizer que não tem, é mentira. A não ser que o casal não se ame e não goste um do outro. Aí, não rola ciúme. Por exemplo: no caso de eu sair, assim, e ele gravar, isso é um caso de ciúme. Já no nosso caso, ele tem ciúmes de mim, mas não tanto quanto eu tenho dele. Eu saio, numa boa, agora quando é ele... Mas não sempre. Tipo, assim, ó, quando ele demora, se eu ligo e ele não atende... aí eu fico doente, ó. (Simone)

Porque a gente decidiu assim, solteiro e solteira? Porque apesar dos problemas, tem, mas não igual ao *swing* porque quando tu pega amizade, o cara, não, tu tem que vir aqui pra casa, tem que tá aqui no domingo, tem que tá aqui... (Jean)

É complicado demais, tá louca?! Não são todos, mas a grande maioria. É um povo que é ciúme de amizade, é se você vai pra um lugar e não avisa a pessoa que vai... hoje, a gente não posta mais nada no *face* hoje em dia...se estou aqui com a Anaís não posto nada que as pessoas se chateiam. (Simone)

Weid (2010) relata que a iniciativa para a prática, normalmente, parte dos homens. Alguns, por exemplo, passam meses ou mais de ano para convencerem suas esposas a irem conhecer o *swing*. Em uma de suas falas, Henry coloca que os desentendimentos acontecem em decorrência das mulheres, uma vez que os homens ficam tranquilos. Estudos (Weid, 2010; Bértolo, 2009) apontam que, se não houver consenso e se o casal não estiver vivendo uma boa

fase, é melhor não buscar a prática *swinger* como meio de melhorar a relação. Algumas mulheres, entretanto, suportam esse lugar por uma questão de agradar seus companheiros.

A mulher que fica no *swing* por pressão do marido não dá certo. Termina em confusão ou separa. Não aqüenta. O marido pode até pegar e dizer: “Vai”, mas ela sabe que tem que ir pra agradar o marido, acaba dando merda. Não sustenta. A mesma coisa ao contrário, se o marido vai porque a mulher quer, também não dá certo. Os dois tem que querer. Os dois têm que tá de acordo em tá lá. Por isso que dá as merda, cara, os “futrico”, os “fuxico”, separação, ciúme, briga que dá, é tudo porque um dos dois não está de acordo. E tem uma coisa muito importante: o casal quando começa no *swing*, 99% das vezes tem um que não tá muito de acordo. Não vai os dois em comum acordo. Um quer e outro não e chama o outro. Aí, tu começa a ir pra ver se tu começa a se adaptar naquele meio. E aí cabe ao que quer te convencer, te provar, que aquilo ali não é melhor que tá contigo. A pessoa que quer tem que mostrar segurança que ele tá ali pra satisfazer uma coisa que é um desejo, que é um fetiche, mas que na realidade ele quer tá contigo. Se a pessoa não te passar essa segurança, não funciona. Só que o homem só fica se a mulher concordar. O homem leva. Continua se a mulher concordar. Mas assim, se a mulher não gostar, ou se separa, dá uma merda muito grande ou tu sai antes. (Anaís)

É porque o casal tem que ir equilibrado e eu entendo que a gente, nas vezes em que a gente foi, a gente não tava tão no equilíbrio assim. (Leila)

Segundo Weid (2010), algumas mulheres, ao iniciarem a prática, sentem-se enciumadas e falam que o começo é difícil. Para os homens, diz que devido ao discurso sobre a naturalização do instinto sexual masculino, o que impera é a lógica do sexo. Nesta aposta, por medo de ficarem sozinhas, elas se submetem aos desejos de seus companheiros. Não observei esse receio nas mulheres entrevistadas nesta pesquisa, bem como não ficou evidente esse receio por parte daquelas que frequentaram as festas nos meus dias em campo e que mostraram tanta desinibição e autonomia com seus corpos e prazeres. No entanto, a despeito da suposta “liberdade” de poder exercer suas sexualidades, percebe-se que o ideal do amor romântico, quando ameaçado, provoca reações desagradáveis o que pode possibilitar inseguranças e ciúmes.

A autora acima citada afirma que, na prática da troca de casais, a grande “tensão-excitação que está sendo posta em jogo é o risco de ser efetivamente trocado” (p.116). Este risco, no entanto, é submetido a uma série de controles que estão firmados nos acordos feitos pelos casais.

É como se experimentassem ali a possibilidade de manterem relações sexuais com outras pessoas, mas de maneira controlada, limitando o risco da separação e também evitando a infidelidade tão temida. [...] Desta maneira, a prática do *swing* permite que se experimente uma agradável excitação, o prazer sexual com outras pessoas, que pode ser desfrutado sem ter como consequência as suas perigosas implicações sociais e individuais: o fim do casamento monogâmico ou a separação do casal.” (Weid, 2010, pp.116-117)

5.3 O olhar estrábico do desejo: ligações perigosas

Relacionar-se sexualmente com outras pessoas que não os seus cônjuges, não constitui infidelidade para os casais que praticam o *swing*. No entanto, algumas vezes, imprevistos podem surgir e paixões podem acontecer. Logo, a troca, que deveria ser apenas momentânea, pode ceder lugar a uma troca permanente de casal. Mesmo os casais mais antigos não estão totalmente protegidos do perigo. Simone e Jean preferem relacionar-se com *singles* (homens e mulheres solteiros), individualmente, mesmo que, às vezes, se relacionem com casais ou com terceiros conjuntamente. O risco de uma paixão, tanto por parte de um dos pares quanto por parte da terceira pessoa, é real.

Se a ex-mulher do Henry tivesse entrado no nosso esquema, digamos assim, a gente tava até hoje junto e ninguém tinha se separado. Só que ela era o elo fraco. Ela não entrou na coisa dos quatro ser namorado. Se ela tivesse entrado nisso, tava os quatro hoje na boa, cara. Só que aonde um não quer, fode com tudo. Da mesma forma que o Henry e eu éramos apaixonados, meu ex-marido era apaixonado por ela, comprava vestido pra ela, presente pra ela, fazia tudo! Ele sofreu pra caramba quando eles se separaram e ela saiu fora. Se ela tivesse entrado no mesmo... nós tava os quatro juntos casados até hoje. Então, tudo depende da cabeça, da situação, de como a coisa acontece, cada caso é um caso, não existe uma regra pra isso... (Anaïs)

Nesse caso, a troca foi para além do *swing*. Foi para a vida real. Fato que causa temor em todos os praticantes. Anaïs e Henry sofreram dentro do grupo por passarem a ser considerados suspeitos, pois, poderiam “roubar” os maridos e as esposas dos outros praticantes. De tal forma, que até para trocarem dentro do *swing*, foram por certo tempo evitados.

Bauman (2004) afirma que amor e o desejo encontram-se em campos opostos. Enquanto o primeiro se empenha em perpetuar o desejo, este se esquivava aos grilhões do amor. Neste embate, o amor busca proteger, alimentar, afagar, mas também tenta expropriar, dominar. Diz que “o amor é o irmão xipófago da sede de poder – nenhum dos dois sobreviveria à separação. [...] Se o desejo quer consumir, o amor quer possuir. [...] O amor aprisiona e coloca o detido sob custódia. Ele prende para proteger o prisioneiro.” (p. 13) Portanto, a questão gira em torno de como alcançar uma relação mais verdadeira criando oportunidades para as vivências individuais, ao mesmo tempo em que se intenta proteger a conjugalidade da separação.

Falei que aquela coisa do encostou e ah!... isso acaba com o tempo. Aí, tu busca isso aonde? No *swing*. Aquela coisa da novidade, que não interessa se vai ser bom ou não, do tesão porque a pessoa é bonita ou porque a pessoa é diferente ou porque tu

nunca fez ou porque te achou gostosa ou te deu um elogio...é uma coisa. É que no casamento, infelizmente, isso vai acabando, se desgastando, na rotina... então, a gente busca isso aonde? No *swing*. A novidade a gente busca no *swing*. Aí tu vai, tu sai com um cara, tu sai com uma mulher, e não tem aquele mesmo prazer, porque tu não faz amor no *swing*, tu faz sexo. Aí, tu vai transar daquele jeito que tu gosta com quem? Com o marido e com a mulher. É uma história totalmente diferente da nossa, mas o motivo é o mesmo: é sair da rotina e melhorar o sexo no casamento. (Anaïs)

Tipo assim ó: ele tinha uma menina que ele ficava com ela direto, né? Ele sempre ia final de semana, assim, uma vez por semana ele ia... (Simone)

Eu cheguei a me apaixonar por essa menina. Pra não complicar a vida da gente eu quebrei o *chip* do celular, joguei fora e pronto. Uma gata linda, o olho verde, a coisa mais linda do mundo ela. Eu sei onde ela morava, mas ela não sabia onde eu morava. Então, pronto. Mas porque eu tava me apaixonando por ela, então, eu cheguei e falei pra ela: “Eu tô me apaixonando pela G.” É um risco que tu corre. Ela chegou pra mim e perguntou: “O que é que cê acha?” Eu falei: “É o seguinte: ela não sabe onde eu moro. Eu vou quebrar o *chip* do celular e pronto, não vou ter mais contato com ela”. Pronto, resolvi a situação. É porque se botasse ela e ela... Eu falei pra ela que eu era casado e tudo...passei um bom tempo saindo com ela, acho que quase três anos. Aí, ela disse: “Não, não topo de jeito nenhum. Você pode ser casado, um dia você vai ser meu.” Só isso. “Eu não quero negócio com ela, não.” Essa outra eu lembro que da última vez que eu vim deixar ela, no caminho, ela começou a “botar boneco” lá e tal, chutar o carro porque ela tava na frente e ela queria ir na frente, aí eu peguei e expulsei ela do carro e disse: “Você vai ficar aqui no meio da rua.” Ela foi que não deixou. (Jean)

Não, ele chegou e falou pra mim: “Eu tô ficando apaixonado por ela.” Aí, eu peguei, olhei pra ele e disse assim: “Sim, e aí?” Ele disse: “E aí que acabou.” Ele pegou o *chip* do celular, quebrou e acabou o contato. Ela era bonita mesmo. Ele mostrou a foto. Muito bonita. Isso aí aconteceu com ele duas vezes. (Simone)

Mesmo que a prática do *swing* provoque borramentos nas heteronormas das conjugalidades hegemônicas, observamos que a fidelidade – neste caso, a fidelidade emocional – é um princípio que guia a prática. Goldenberg (2006) ao abordar a questão da infidelidade e falar da Outra, relata que algumas, por vezes, sentem-se as verdadeiras esposas. Na fala de Anaïs:

Vou dizer uma coisa: a amante, tanto do homem quanto da mulher é uma merda, porque o que é que o amante ou a amante quer? Principalmente, a amante mulher, é fuder com o casamento do cara. Aí o que que acontece? A mulher, nesse ponto, dá de dez a zero nos homens: se eu tiver um amante eu nunca vou dar meu endereço pra ele e nem meu telefone. O homem dá o telefone de casa, do trabalho... A maioria. Então, o que eu falo: o homem quando trai uma mulher que a mulher não sabe, ele é uma mulher pra trair. É um risco que tu corre em qualquer lugar. Não é só no *swing*. Não precisa ter sexo.

O consenso entre o casal, portanto, é de fundamental importância, pois é na palavra empenhada nesse acordo que as inseguranças podem ser aplacadas. No entanto, não existem garantias. A estrada é incerta e os encontros são muitos. As motivações para o ingresso na

prática são várias. As dificuldades também. No entanto, o que se busca é uma vida mais verdadeira no sentido de uma conjugalidade que (re)cria os seus limites (d)e prazeres.

O erotismo extra-conjugal entra nas conjugalidades *swingers*, na esteira da separação entre amor e sexo, ao mesmo tempo em que busca fazer prevalecer a união do amor entre o casal. Desejo e amor lutando por expectativas mais reais dentro da constituição e manutenção dos laços conjugais dos casais *swingers*, que intentam conciliar os laços de dependência ao mesmo tempo em que buscam privilegiar a autonomia individual.

TRANSANDO CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada casal compõe seu modo de fazer/ser e viver sua conjugalidade. Dentro das transformações pelas quais passam as conjugalidades, questões como desejo, sexo e amor estão sendo atravessadas por (re)invenções – nos moldes da monogamia ocidental – nas vidas dos casais praticantes de *swing*.

Nestes dois anos de mestrado em que tive a oportunidade de estudar e falar sobre essa temática pude observar as mais diversas reações. Para a minha surpresa, vi muitas bocas sendo torcidas como reação à essa pesquisa. Percebi que pesquisar sobre sexualidade ainda é um terreno muito delicado, escorregadio e perigoso. Provocar reflexões no sentido de mexer com o já estabelecido e sagrado laço conjugal, que remete às mais variadas questões, tais como: família, parentalidade, sociedade, pode, muitas vezes, ser tenso e desafiador.

Não é e nunca foi intenção desta pesquisa desconsiderar o amor ou a importância que o casamento assume para algumas pessoas. O nosso interesse é o alargamento do discurso sobre o que pode ou não ser considerado humano (viável, possível e como tal reconhecido socialmente), bem como a expansão das várias possibilidades de vida e arranjos afetivo-sexuais das conjugalidades tendo por base o respeito às diferenças e ao espaço dos outros que, para vidas mais autênticas com seus desejos, intentam não reproduzir certos modelos hegemônicos ao mesmo tempo em que buscam inventar formas pessoais de parceria amorosa.

Pudemos observar, entretanto, que mesmo vivendo alternativas vanguardistas de conjugalidade, os casais *swingers* ainda convivem com um modelo tradicional de família e casamento. Neste sentido, os sentidos dos discursos heteronormativos das práticas eróticas-conjugais destes casais reverberam as tais normas, uma vez que a vivência em torno da prática busca proteger a família e o vínculo conjugal. A maternidade, por exemplo, é vista como sagrada; o amor só é feito entre o casal, embora o sexo possa ser feito com outros e outras que, eventualmente, participam da relação. Neste sentido, rebeliões acontecem, mas alguns códigos morais ainda se mantêm.

A infidelidade é tensionada quando, para estes casais, não existe, mesmo os cônjuges fazendo sexo com outras pessoas. O adultério, portanto, não se efetiva, uma vez que este pressupõe o segredo e a mentira à revelia de um dos parceiros. Como todas as ações são conversadas e segredos e mentiras são proibidos a infidelidade sexual não se mantém como um elemento produtivo na constituição das conjugalidades *swingers*. O que se constitui como uma traição é o descumprimento do acordo firmado entre o casal.

Quanto às representações de conjugalidades em relação com o exercício da sexualidade, pudemos observar que os discursos são negociados e renegociados permanentemente, tendo em vista as ressignificações que estão em permanente mudança e transformação. São diversas formas de fazer casal dentro da prática do *swing*. Há aqueles que preferem trocar apenas com casais; os que dão preferência a homens e mulheres solteiros, mesmo com todo o “risco” de um envolvimento emocional; há aqueles que não buscam a troca em si, mas desejam novos ambientes para “apimentar” a relação; enfim, vários são os caminhos e as estradas estão em permanente modificação.

Os casais *swingers* buscam conciliar a liberdade – dentro dos grilhões do modelo das heteroconjugalidades hegemônicas - ao mesmo tempo em que lutam por preservar a segurança do casal. Entretanto, sentimentos tais como ciúmes, medos e inseguranças transitam dentro desses perfis amorosos. Embora a simbiose do casal fusional seja tensionada, dilemas entre velhos e novos modelos coexistem. Caminhar por essas searas possibilitam, muitas vezes, outros tipos de relações, dentre as quais as normas pré-estabelecidas socialmente em cada cultura e, por essas razões nem sempre os casais *swingers* conseguem manter esses dois aspectos. Observa-se, entretanto, que estes casais tem uma maior boa vontade em relação à autonomia e ao espaço do outro.

Nestas ressignificações, observamos limites na prática em relação às normas de gênero e das prescrições da sexualidade. Os discursos heteronormativos que dizem como devem ser homens e mulheres, embora com alguns borramentos, tem forte eco, principalmente, em relação às práticas eróticas masculinas. A bissexualidade masculina é interdita na prática do *swing* e, àqueles que mostram algum interesse por esse tipo de relação, pode correr o risco de ser excluído do grupo e serem nomeados de homossexuais. Às mulheres, por sua vez, tudo é “permitido” no sentido de experimentações, dentro do limite do consenso. Tendo em vista o consentimento do marido, não há restrições às praticas eróticas femininas, bem como não há o risco de questionamento da feminilidade.

Percebemos, então, que os discursos heteronormativos ao mesmo tempo em que são contestados, organizam essa prática. Um dos efeitos de tais discursos é o medo que esses casais têm de falarem de sua condição *swinger*, tendo em vista a não compreensão e o julgamento social que pode levar a violências e/ou punições nas mais variadas estâncias da vida: trabalho, família, vida social, dentre outras. Tendo em vista buscar proteção contra prováveis arbitrariedades, os casais se mantêm em sigilo, por si mesmos e por suas famílias.

As representações de gênero e sexualidade no recorte desta pesquisa mostram mulheres parceiras de seus maridos, com alguma agência sobre a sexualidade, bem como seus

desejos, autônomas nas escolhas de suas vivências e disponíveis para buscarem novas práticas eróticas ao lado de seus companheiros. Os homens se mostraram mais abertos dentro da questão do poder e mando masculino, sem se importarem com a alcunha de “corno”, uma vez que, para eles, essa nomeação só pode vir de quem não conhece o *swing*. Neste caso, “corno” é o marido tradicional que, em seu papel social de macho, sai por aí traindo a esposa – fazendo sexo com outra e mentindo para sua esposa – ao mesmo tempo em que é traído. Neste sentido, observamos brechas nos códigos das masculinidades.

As mulheres se posicionam de forma bem assertiva dentro da prática do *swing*. São elas que “mandam”, no sentido de caber a elas a escolha e a autorização das pessoas (solteiras ou casais) que podem ou não participar da troca. Os homens apenas observam o que suas esposas farão, com quem se relacionarão e esperam que partam delas as diretivas para a efetivação da prática.

Os códigos morais e que cercam a experiência do amor romântico, porém, ainda são observados, uma vez que o ciúme apareceu como desestruturante para um dos casais pesquisados, e outro se mostra com algumas inseguranças devido a uma traição sofrida. Neste sentido, podemos observar que o ideal do amor romântico ainda perpassa a vida desses casais tendo em vista que a conjugalidade não pode ser ferida. O sexo é permitido conquanto que o amor do casal não seja prejudicado. Logo, o sexo não é o vilão que ameaça a unidade do casal; mas a traição a esse amor, representada por omissões e infidelidades relacionadas aos acordos da díade - o pecado mortal para essas conjugalidades - que se guiam por uma ética de margem de liberdade estabelecida através dos acordos firmados entre si, diante dos códigos morais que os interpelam.

A prática do *swing* sugere um maior investimento em relação à qualidade das relações amorosas-eróticas conjugais contemporâneas. Muitos são os desafios enfrentados quando os casais propõem se (re)inventarem de forma autêntica e na esteira das práticas dissidentes. Nesta (re)criação, representações e ideais regulatórios são deslocados tendo em vista uma atitude mais crítica e criativa frente à vida. O amor, neste sentido, vai se construindo/desconstruindo/reconstruindo numa fluidez que não busca a aparência de uma vida comum sem sentido e sem prazer.

Na ‘cama’-terreno desta pesquisa, ensaiando alguma aproximação no *swing* das experimentações da sexualidade, acompanhando as ‘ficções’ de gênero e ‘(des)apropriações’ do corpo, viveu-se a vertigem de um encontro com modos de vida que pedem passagem. Modos de fazer e refazer a conjugalidade, onde o casal vai se equilibrando sobre a corda bamba das interpelações morais (pós-)modernas. Um pouco deixando-se levar, viajando...

viajantes de um caminho em (des)construção – não muito preocupados com um ponto de chegada – da arte de viver/ser/fazer das heteroconjugadidades uma outra erótica. Acordos e arranjos de hoje não mais os serão amanhã, ou serão, não se sabe – estão por vir, devir. O que importa talvez para estes casais com quem se estabeleceu interlocuções e uma intimidade de pesquisa é uma vida mais legítima com os seus desejos – algo muito parecido com aquilo que diz a personagem Agrado no filme Tudo Sobre Minha Mãe - de Almodóvar, quando afirmou que alguém é tão mais autêntico quanto mais se parece com aquilo que sonhou para si. Nesta aposta, os casais que praticam *swing* intentam uma vida (um pouco) mais autêntica, um pouco mais negociada, sem tantas mentiras e, na qual se possa transitar com a (in)certeza da parceria onde o sexo e o amor, juntos (em casal) e separados (com visitas), dão sentido a uma existência conjugal em comum e individual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Albuquerque Junior, D. M. (2008). Nordeste uma invenção do falo: uma História do gênero masculino. *Rev. História Regional*. 13 (1): 148-153.
- Angrosino, M. (2009) Etnografia e observação participante. In: Flick, Uwe (Orgs.). *Coleção pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Araújo, M. F. (2010). Gênero e família na construção de relações democráticas. In T. Fréres-Carneiro (Org.), *Casal e família: permanências e rupturas*. (pp.1-23). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Arriès, P. (1982). O amor no casamento. In: Arriès, P. & Béjin, A. (Orgs.). *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. (pp. 153-182). São Paulo: Brasiliense.
- Arriès, P.; Duby, G. (2009). *História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. In: M. Perrot (Org.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Baldin, N., & Munhoz, E. M. (2011). Snowball (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE*. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
- Barthes, R. (2006). *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva.
- Barthes, Roland. (2003). *Fragments de um discurso amoroso*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bauman Z. (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Beauvoir, S. (2009). *O segundo sexo*. (2ed). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Béjin, A. (1982). Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos. In: Arriès, P. & Béjin, A. (Orgs.). *Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. (pp. 153-182). São Paulo: Brasiliense.
- Bendassolli, P. F. (2000) Público, privado e o indivíduo no novo capitalismo. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo*, 12(2): 203-236.
- Bértolo, S. (2009). A relevância da prática do swing na conjugalidade de um casal: estudo de caso. *Universidade de Lisboa*. (Dissertação) Mestrado.
- Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG.
- Borrillo, D. (2009). A Homofobia. In: Lionço, T. & Diniz, D. (Org.). *Homofobia e educação: um desafio ao silêncio*. (pp.15-46). Brasília: Letras Livres.
- Braga Junior, W. C. (2011) Família, condição feminina e violência no Ceará no final do período colonial. *Rev. De História e Estudos Culturais*. 8(1): 1-17.

- Braidotti, R. (2004) *Feminismo, diferencia sexual y subjetividade nômade*. Barcelona: Gedisa.
- Butler, J. (2003) O parentesco é sempre tido como heterossexual? *Cadernos Pagu* (21): 219-260.
- Butler, J. (2006). *Filósofa em todo gênero*. Documentário.
- Butler, J. (2008). *Problema do gênero: feminismo e subversão de identidade*. CIDADE: Civilização Brasileira (4ed)
- Butler, J. (2010). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In. G. L. Louro (Orgs.), *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Carotenuto, A. (2004) *Amar, trair: quase uma apologia da traição*. São Paulo: Ed. Paulus.
- Connel, R. (1995). Desdiagnosticando o gênero. *Rev. Physis*, 19 (1): 95-126.
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Davis, N. (1975) *Women’s history in transition: the european case*. *Feminist Studies*, 3:90.
- De Lauretis, T. (1987). *Technologies of gender*. (1987). Indiana University Press.
- De Lauretis, T. (1994). A tecnologia do gênero. In H. Buarque (Orgs.), *O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- De Lauretis, T. (1995). *The violence of rethoric: considerations on representation and gender*. Bloomington: Indiana University Press: 158-186.
- Del Priore, M. (2011). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Unesp.
- Del Priore, M. (2012). *História do amor no Brasil*. (3ª ed). São Paulo: Contexto.
- Diniz, G. (2010). O casamento contemporâneo em revista. In. T. Féres-Carneiro (Orgs.), *Casal e família: permanências e rupturas* – (pp. 135-155). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Diniz, G. (2011). Conjugalidade e violência: reflexões sob uma ótica de gênero. In T. Féres-Carneiro (Orgs.), *Casal e família: permanências e rupturas* – (pp.11-26). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
- Dressen, M.A. (2010). Novos rumos da família na contemporaneidade. In L. C. Osório & M. E. P. do Valle (Orgs.), *Manual de Terapia Familiar – Volume II* (pp. 17-27). Porto Alegre: Artmed.
- Eribon, D. (1999) *Réflexions sur la question gay*. Paris : Fayard.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia, Reflexão e Crítica*: 11 (2): pp. 379-394.

Féres-Carneiro, T. & Ziviani, C. (2009). Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade. In. T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: permanências e rupturas*. (pp.83-107). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Féres- Carneiro, T.; Ziviani, C., & Magalhães, A. S. (2011). Arranjos amorosos contemporâneos: sexualidade, fidelidade e dinheiro na vivência da conjugalidade. In. T. Féres-Carneiro (Orgs.), *Casal e família: permanências e rupturas*. (pp. 43-58). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Fischer, R. M. (2012). *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica.

Flandrin, J. L. (1981). *Le sexe et l'occident*. Paris: Seuil.

Foucault, M. (1995a). O sujeito e o poder. In: Rabinow, P.; Dreyfus, H. (Org.) *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p: 231-249.

Foucault, M. (2001). La société punitive. In: Foucault, M. *Dits et écrits I*. Paris: Gallimard.

Foucault, M. (2011). *História da Sexualidade. A vontade de saber. (7a ed)*. Rio de Janeiro: Graal.

Freyre, G. (2003). *Casa grande & senzala*. São Paulo: Global.

Fonseca, M. A. (2011). *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. (3ª ed.) São Paulo: EDUC.

Geertz, C. (2008) *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade*. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista.

Goellner, S. (2003). A produção cultural do corpo. In G. L. Louro; J.F. Neckel; S.V.Goellner. *Corpo, Gênero e Sexualidade. Um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes.

Goldenberg, M. (2001). *Sobre a invenção do casal. Estudos e pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro: 1 (1): p.89-104.

Goldenberg, M. (2004). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. (8ª ed). Rio de Janeiro: Record.

Goldenberg, M. (2006) *Infiel: notas de uma antropóloga*. Rio de Janeiro: Ed. Record.

Goldenberg, M. (2009). *Por que homens e mulheres traem?* Rio de Janeiro: BestBolso.

Goldenberg, M. (2011) *De perto ninguém é normal*. Rio de Janeiro: BestBolso.

Haraway, D. (2004) "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, 22: 201- 246.

Heilborn, M. L. (2004). *Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Rio de Janeiro: Garamond.

Honório, M. D. (2009) *Cabra macho, sim senhor! Um estudo sobre a masculinidade no Nordeste do Brasil*. (Seminário Nacional de Sociologia e Política, UFPR).

IBGE. (2010). Pesquisa de indicadores sociais municipais. Recuperado de: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/indicadores_sociais_municipais/tabelas_pdf/tab17.pdf

Jablonsky, B. (2007). O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. In: Féres-Carneiro, T. (Org.). *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. (pp. 203-228). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Komesu, F. C. (2005). *Entre o público e o privado: um jogo enunciativo do escrevente de blogs da internet*. (Tese de doutorado). Recuperado de: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000358660>

Laqueur, T. (2001) *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume.

Le Breton, D. (2003). *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. (M. Appenzeller, Trad.). São Paulo: Papirus.

Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Ed. Vozes.

Louro, G. L. (2004) *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.

Louro, G. L. (2007). Conhecer, pesquisar, escrever... *Educação, Sociedade & Culturas*, 25: 235-245.

Louro, G. L. (2008). Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-posições*, ago.2008, 19 (2): 17-23.

Louro, G. L. (2009) Heteronormatividade e Homofobia. In. R. D. Junqueira (Org.). *Diversidade Sexual Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO.

Meyer, D. (2012). Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: Meyer, Dagmar & Paraiso, Marluce Alves. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 47-61.

Miskolci, R. (2009) A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, jan./jun., 21: 150-182.

Navarro, R. L. (2012). *O Livro do amor*. (2ª edição). Rio de Janeiro: BestSeller.

- Neto, J.A.S., & Strey, M. N. (2008). Mudanças e não mudanças na conjugalidade. In R. M. S. Macedo (Org.), *Terapia Familiar no Brasil na Última Década* (pp. 417-430). São Paulo: Rocca.
- Nicholson, L. (1999) *Interpretando o Gênero*. Cornell University, 1999, p. 53-76.
- Osório, L.C. (2011). Novos rumos da família na contemporaneidade. In L. C. Osório & M. E. P. do Valle (Orgs.), *Manual de Terapia Familiar*, - Volume II (pp. 17-27). Porto Alegre: Artmed.
- Pittman, F. (1994) *Mentiras privadas: a infidelidade e a traição da intimidade*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas.
- Pocahy, F. F. A.; Nardi, H. C. (2007). Saindo do armário e entrando em cena: juventudes, sexualidades e vulnerabilidade social. *Revista Estudos Feministas*, 15: 45-66.
- Pocahy, F. A. (2011). A idade um dispositivo. A geração como performativo. Provocações discursivo-desconstucionistas sobre corpo-gênero-sexualidade. *Revista Polis e Psique*, 1: 254-275.
- Pocahy, F. A. (2012) Entre vapores & vídeos pornô: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino. *Rev. Estudos Feministas*, 20 (2): 357-376.
- Pocahy, F. A. (2013). Pesquisa-aquecimento : Derivas de uma epistemologia libertina. In: Fernando Silva Teixeira Filho; Wiliam Siqueira Peres; Carina Alexandra Rondini; Leonardo Lemos de Souza. (Org.). *Queering : problematizações e insurgências na psicologia contemporânea*. 1ed.Cuiabá: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso, (1), p. 157-172.
- Preciado, B. (2011). Multidões Queer: notas para uma política dos anormais. *Rev. Estudos Feministas*, abr 2011, 9 (1): 11-20.
- Rabinow, P. (1999) *Antropologia da Razão: ensaios de Paul Rabinow*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Rios, L. F. Parker, R., & Terto Junior, V. (2010). Sobre as inclinações carnis: inflexões do pensamento cristão sobre os desejos e as sensações prazerosas do baixo corporal. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 20 (1): 195-217, Rio de Janeiro.
- Rodrigues, H. F. (2012) Além dos trópicos: traição e violência no romanceiro popular. *Rev. Acta Semiótica et Lingvistica*, 17 (2): 22-38.
- Rubin, G., Butler, J. (2003) Tráfico sexual: entrevista. *Cadernos Pagu*, 21: 157-209.
- Santos, M. A. (2010) Prometo-te ser fiel no casamento e no swing: uma construção identitária analisada à luz do sintagma identidade-metamorfose-emancipação. (*Dissertação de Mestrado*). PUC-SP.

Schuch, P. (2010) Multiplicando perspectivas e construindo verdades parciais. In: Fleischer, Soraya & Schuch, Patrice. *Ética e regulamentação na pesquisa antropológica*. Brasília: ed. UNB.

Scott, J. (1990) Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v. 15, n.2, jul/dez.

Silva Neto; J. A.; Strey, M. N.& Magalhães, A. S. (2011). Sobre as motivações para a conjugalidade. In: Wagner, A. (Org.). *Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos*. (pp.39-57). Porto Alegre: Artmed.

Silva, T. T. (2011) *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. (3a ed). Salvador: Autêntica.

Spargo, T. (2006) *Foucault e a teoria queer*. Rio de Janeiro: Ed. UFJF.

Tedesco, S. H.; Sade, C., & Caliman, L. V. (2013). A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. *Rev. Psicol. Fractal*, 25 (2): 299-322.

Vance, C. (1995) A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Physis, Rev. Saúde Coletiva*, 5 (1).

Vasconcelos, V. N. P. (2009) “Mulher séria” e “cabra macho”... por outras representações de gênero no Sertão baiano. (UFBA).

Von der Weid, O. (2010) Swing, o adultério consentido. *Rev. Estud. Fem.*, 8 (3). Florianópolis, set/de.

Weltzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Rev. Estudos Feministas*, 9 (2): 460-482.

ANEXOS

- Roteiro de Entrevista
- Questionário Sócio-Demográfico
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- Parecer Consubstanciado do CEP

ANEXO A

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Bloco I: Mapear as representações de conjugalidades em sua relação com o exercício da sexualidade.

- Como se conheceram?
- Há quanto tempo estão juntos ou ficaram juntos?
- Depois de quanto tempo de relacionamento surgiu à ideia de praticar o *swing*?
- De quem partiu a ideia de entrar no mundo do *swing*? Por que?
- Como o outro reagiu ao convite?
- Há quanto tempo praticam?
- Como foram as primeiras experiências?
- Como era a vida do casal antes do *swing* e como está depois do *swing*?
- Como vivem a sexualidade no espaço doméstico? Como está o sexo em casa?
- Como vocês definem a prática do *swing*? O que ela significa pra vocês?
- Como vocês se percebem quando estão praticando o *swing*? Como vocês se preparam?
- Quais são os contratos que vocês estabelecem e como funcionam?
- Como é entendida a questão da (in)fidelidade/ traição no meio *swinger*?
- Com quantos parceiros (as) vocês se relacionaram antes e depois da prática?
- Quais são os sentimentos que mais lhes incomodam ou lhes preocupam na prática?
- Qual (se houve) a cena de ciúme já feita dentro da vivência do *swing*?
- Alguém da família sabe sobre a condição *swinger* do casal?
- Há o medo de um dos dois se envolver amorosamente com outra pessoa?
- O *swing* mantém a chama acesa?

Amor e casamento

- Como foi o processo de namoro/casamento? Como aconteceu?
- O casamento é o melhor caminho para a vida a dois?
- É possível ser feliz sem um par amoroso?
- O casamento hoje está mais democrático do que anteriormente?
- Há algum preconceito sofrido em relação à condição *swinger* do casal?
- Como lidam com a questão amor/sexo?
- A prática do *swing* possibilita uma relação mais democrática no dia-a-dia?

BLOCO II: Identificar as relações de poder na prática do *swing*.

- Como é vista a questão do corpo do homem e da mulher? O que seduz mais e o que afasta?
- Como é vista a questão da não ereção?
- Como se dá o bi feminino e o bi masculino?
- Como o homem/mulher se sente ao ver seu par com outro? E se alguém de fora soubesse?
(A figura do machão/corno/ a figura da puta)
- Existe alguma coisa que desagrada no *swing*?
- O adultério/infidelidade/traição é sinônimo de *swing*?
- Existe passividade masculina?
- Como se dá a atividade/passividade feminina?

- A mulher participa do *swing* pensando só no próprio prazer ou privilegia o prazer do marido?
- Existe alguma preocupação com questões relacionadas à saúde? Quais e como vocês negociam/estabelecem?

BLOCO III: Compreender as representações de gênero e sexualidade.

- A mulher é vista objeto de prazer dos casais?
- O sexo entre mulheres acontece para o marido ou para a mulher? (Sexo natural ou meio forçado?)
- Como o homem lida com questões das representações do masculino no nordeste?
- Como se dá questões como passividade/atividade do homem no *swing*?
- Há alguma espécie de preconceito ou regra inquebrável no *swing*?
- Sexo sem amor pode ser ótimo?
- Como a parceira se sente em relação a uma maior liberdade de acesso a prazer e liberdade sexual?
- No *swing*, gordura, flacidez ou barriga diminuem o interesse dos outros casais?

*** Casas de swing:**

- Garotas de programa
- Máscaras / disfarces / coberturas de tatuagens
- Fotos das festas
- Quem desrespeita as regras?

ANEXO B**Questionário Sócio-Demográfico****A. Dados Pessoais**

1. Nacionalidade: _____

2. Raça: Branco () Negro () Pardo () Outras _____

3. Idade: _____

4. Escolaridade: _____

5. Profissão: _____

6. Estado Civil:

Solteiro () *Se em união estável, há quanto tempo: _____

Casado () *Se casado, há quanto tempo: _____

Viúvo: () *Se viúvo, há quanto tempo: _____

Divorciado () *Se divorciado, há quanto tempo: _____

Recasado () *Se recasado, quantas vezes: _____

7. Renda Média Mensal Familiar: _____

8. Número de filhos: _____

* Teve filhos de relacionamentos anteriores? Quantos? _____

ANEXO C



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA
VICE-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES
HUMANOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: EXPERIMENTAÇÕES DA SEXUALIDADE NA PRÁTICA DO SWING: PROBLEMATIZANDO HETERO/CONJUGALIDADES NA CIDADE DE FORTALEZA

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Andréa Marília Alves de Oliveira

Prezado(a) Colaborador(a),

Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que irá investigar como a sexualidade dos casais praticantes de swing se relaciona com as mudanças no contexto das conjugalidades contemporâneas, tendo em vista compreender os efeitos dos discursos regulatórios através de práticas eróticas conjugais. Este trabalho é de grande relevância acadêmica e social uma vez que as relações conjugais estão passando por profundas transformações que nos possibilitam ampliar o nosso olhar, bem como gerarmos reflexões a respeito das nossas concepções sobre várias questões, quais sejam: a pluralidade de significações e experimentações da sexualidade e os tensionamentos das normas de gênero. Desse modo, busco contribuir para o aumento de conhecimento sobre as transformações pelas quais passam as conjugalidades contemporâneas, intentando dar passagem aos vários modos de conjugar dos casais.

1. PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA: Ao participar desta pesquisa você deverá responder a dois instrumentos de coleta de dados, quais sejam: questionário sócio-demográfico e entrevista semi-estruturada com algumas perguntas relativas ao estudo em questão.

Lembramos que a sua participação é voluntária, você tem a liberdade de não querer participar, e pode desistir, em qualquer momento, mesmo após ter iniciado o(a) os(as) (ENTREVISTA, AVALIAÇÕES, EXAMES ETC.) sem nenhum prejuízo para você.

2. RISCOS E DESCONFORTOS: O(s) procedimento(s) utilizado(s) de entrevista semi-estruturada poderá(ão) trazer algum desconforto como níveis moderados de constrangimento, tendo em vista se tratar de uma pesquisa sobre sexualidade em um contexto restrito. O tipo de procedimento apresenta um risco mínimo que será reduzido pela(o) observação das normas éticas e do sigilo necessários.

3. BENEFÍCIOS: Os benefícios esperados com o estudo são no sentido de contribuirmos com conhecimentos e reflexões sobre o que há de novo e o que se repete em termos de conjugalidades, uma vez que o contexto do *swing* pode ser pensado como ponto de partida para refletirmos sobre os modelos e as condições que envolvem a emergência de novos arranjos conjugais presentes na contemporaneidade, possibilitando uma forma mais democrática e menos estigmatizada de como os casais podem experimentar novas possibilidades de vivências pessoais.

4. FORMAS DE ASSISTÊNCIA: Se você precisar de algum (TRATAMENTO, ORIENTAÇÃO, ENCAMINHAMENTO ETC.) por se sentir prejudicado por causa da pesquisa, ou se o pesquisador descobrir que você tem alguma coisa que precise de tratamento, você será encaminhado(a) por (Andréa Marília Alves de Oliveira / (85)8669.8569/ 9618.1236) para o Núcleo de Atenção Médica Integrada (NAMI) da Universidade de Fortaleza - UNIFOR.

5. CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações que o(a) Sr.(a) nos fornecer ou que sejam conseguidas por (EXAMES, AVALIAÇÕES ETC.) serão utilizadas somente para esta pesquisa. Seus(Suas) (RESPOSTAS, DADOS PESSOAIS, DADOS DE EXAMES LABORATORIAIS, DE IMAGEM, AVALIAÇÕES FÍSICAS, AVALIAÇÕES MENTAIS ETC) ficarão em segredo e o seu nome não aparecerá em lugar nenhum dos(as) (QUESTIONÁRIOS, FITAS GRAVADAS, FICHAS DE AVALIAÇÃO ETC.) nem quando os resultados forem apresentados.

6. ESCLARECIMENTOS: Se tiver alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar a qualquer momento o pesquisador responsável.

Nome do pesquisador responsável: Andréa Marília Alves de Oliveira
Endereço: Rua Francisco Xerez, 570, Apto 801, Cocó
Telefone para contato: (85) 8669.8569 / 9618.1236
Horário de atendimento: 8h às 17h

Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza, Ce.

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos - COÉTICA
Universidade de Fortaleza.
Av. Washington Soares, 1321, Bloco da Reitoria, Sala da Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 1º andar.
Bairro Edson Queiroz, CEP 60811-341.
Telefone (85) 3477-3122, Fortaleza, Ce.

7. RESSARCIMENTO DAS DESPESAS: Caso o(a) Sr.(a) aceite participar da pesquisa, não receberá nenhuma compensação financeira.

8. CONCORDÂNCIA NA PARTICIPAÇÃO: Se o(a) Sr.(a) estiver de acordo em participar deverá preencher e assinar o Termo de

Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma cópia deste Termo.

O **sujeito de pesquisa** ou seu representante legal, quando for o caso, deverá rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

O **pesquisador responsável** deverá, da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr.(a) _____, portador(a) da cédula de identidade _____, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa. E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Fortaleza-Ce., _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Ou Representante legal



Impressão dactiloscópica

Assinatura do Pesquisador

ANEXO D

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

**UNIVERSIDADE DE FORTALEZA (UNIFOR)/
FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ**

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Experimentações da sexualidade na prática do *swing*: Problematizações sobre hetero/conjugualidades cearenses

Pesquisador: Andréa Marília Alves de Oliveira

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 22105413.1.0000.5052

Instituição Proponente: Fundação Edson Queiroz

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 434.829

Data da Relatoria: 23/10/2013

Apresentação do Projeto:

O Projeto em apreciação ao Comitê de Ética-COÉTICA da Universidade de Fortaleza-UNIFOR, intitulado EXPERIMENTAÇÕES DA SEXUALIDADE NA PRÁTICA DO SWING: PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE HETERO/CONJUGALIDADES CEARENSES, trata-se Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPG-PSI - da Universidade de Fortaleza - UNIFOR, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicologia de Andréa Marília Alves de Oliveira sob a orientação do Profº: Dr. Fernando Pocahy. O estudo tem sua relevância uma vez busca compreender as experimentações da hete-ro/conjugualidade com casais praticantes de sexo coletivo e/ou não monogâmico. O estudo parte de evidências regulatórias sobre o amor romântico como prática cultural e política da heteronormatividade, encontrando formas de contestação a partir de agenci-amentos coletivos de práticas sexuais alocadas no contexto da troca de casais.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Problematizar as experimentações da sexualidade de casais praticantes de swing na relação com os códigos morais e estabelecidos das conjugualidades hegemônicas.

Objetivo Secundário:

Mapear as representações de conjugualidades em sua relação com o exercício da sexualidade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos possíveis podem ser pensados como níveis moderados de constrangimento, tendo em vista se tratar de uma pesquisa sobre sexualidade em um contexto restrito. No entanto, vale ressaltar que a pesquisadora está devidamente capacitada para realizar as entrevistas - uma vez que já tem experiência na realização de coleta de dados em pesquisas anteriores - observando as normas da ética e do sigilo necessários ao bom andamento da pesquisa.

Benefícios:

Buscar compreender o comportamento dos casais praticantes de swing é uma tentativa de contribuímos com conhecimentos e reflexões sobre o que há de novo e o que se repete em termos de conjugalidades, uma vez que o comportamento desses casais são excelentes pontos de partida para refletirmos sobre os modelos e as condições que envolvem a emergência de novos arranjos conjugais presentes na contemporaneidade. (vonder Weid, 2010) Investigar, portanto, esses diferentes arranjos conjugais contemporâneos, buscando uma melhor compreensão dos vários modos de conjugar dos casais, nos permitirá uma compreensão aprofundada sobre os diversos temas relacionados às tais configurações. Neste sentido, a pesquisa no referido campo é cada vez mais importante. (Fréres-Carneiro, 2010) Tendo em vista que as pessoas estão se permitindo experimentar diversidades conjugais como um modo de adaptação aos novos tempos, bem como assumindo o foco na qualidade das relações, o swing, pensado como um dos diferentes arranjos das conjugalidades contemporâneas, vem nos possibilitar um recorte para o estudo sobre como os casais estão se movimentando dentro dessa transformação social na qual os conflitos entre os velhos e os novos modelos relacionais e de exercício da sexualidade estão sendo propostos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto apresenta-se de forma coerente entre os objetivos, metodologia bem como a sua relevância para a academia e a sua contribuição social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**Recomendações:****Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após análise na íntegra do protocolo de pesquisa conclui-se que o mesmo atende às Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos -Res.466/12 CNS/MS.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

O colegiado acata o parecer de Aprovação do projeto e esclarece: Apresentação de relatório parcial e final; A pesquisa deve ser desenvolvida conforme delineada no protocolo aprovado; O CEP deve ser informado dos efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal da pesquisa; Emendas ou modificações ao protocolo de pesquisa devem ser enviadas ao CEP para apreciação ética.

FORTALEZA, 24 de Outubro de 2013

Assinador por:
Marília Joffily Pereira da Costa Parahyba
(Coordenador)

Endereço: Av. Washington Soares 1321Bloco da Reitoria
Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz CEP: 60.811-905
UF: CE Município: FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 Fax: (85)3477-3056 E-mail: coetica@unifor.br